



UFBA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL EM IST/HIV/SIDA COM
ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CABO
VERDE: PERCEPÇÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS NO
PROGRAMA**

Domingos Alberto de Sousa Varela

**Salvador – Bahia
2008**

DOMINGOS ALBERTO DE SOUSA VARELA

**PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL EM IST/HIV/SIDA COM
ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CABO
VERDE: PERCEPÇÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS NO
PROGRAMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau do Mestrado em Saúde Coletiva, tendo como área de concentração Ciências Sociais em Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ligia Rangel Santos

**Salvador – Bahia
2008**

Ficha Catalográfica
Elaboração: Maria Creuza F. Silva CRB 5-996

V293 Varela, Domingos Alberto de Sousa.

Programa de educação sexual em IST/HIV/SIDA com adolescentes de uma escola secundária de Cabo Verde: percepção dos atores envolvidos no programa / Domingos Alberto de Sousa Varela – Salvador: D.A.S. Varela, 2008.

161p. + anexos

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Maria Ligia Rangel Santos.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia.

1. Educação em Saúde. 2. Adolescência. 3. Sexualidade. 4. Educação Sexual. 5. Prevenção de Doenças - IST/HIV/SIDA. I. Título.

CDU 37:614



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
INSTITUTO DE SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

DOMINGOS ALBERTO DE SOUSA VARELA

**Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA Com Adolescentes
de Uma Escola Secundária de Cabo Verde: Percepção dos Atores
Envolvidos no Programa**

Data da defesa: 06 de março de 2008.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Ligia Rangel Santos – Orientadora ISC/UFBA

Profa. Dra. Estela Maria Leão de Aquino – ISC/UFBA

Profa. Dra. Leonor Graciela Natansohn. – FACOM/UFBA

**Salvador
2008**

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais Pedro Varela e Maria de Sousa (Aninha), por tudo que fizeram por mim, principalmente pela motivação e estarem junto comigo de uma forma ou outra na trilha dos meus estudos.

À minha querida Deusa e aos meus queridos Denílson, Dennis e Dimas, na esperança da construção de um futuro melhor, através de esforço, perseverança e, sobretudo, da liberdade. Pela vossa importância inquestionável na minha vida, vocês são a minha razão de ser, com os quais partilho crescimento, amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dra. Maria Lígia Rangel Santos, minha querida orientadora, por ter aceitado a árdua tarefa de nortear este trabalho de dissertação de forma incansável, indelével e muito atenta nas discussões teórico-metodológicas, com vista a dar um corpo científico ao mesmo. Agradeço, sobretudo pelo incentivo permanente e por ter acreditado nesta proposta da dissertação. Assim, qualquer adjetivo seria escasso para atribuir a grandiosidade das suas qualidades, bem como as palavras insuficientes para agradecer suas recomendações peculiares e pertinentes, e parceria inconteste.

À Prof^a. Dra. Mônica Nunes, por receber e compreender o conteúdo da mensagem que encaminhei ao ISC, na qual manifestei o interesse neste curso de mestrado e logo me fez chegar até a minha orientadora.

À Prof^a. Dra. Estela Aquino, pela sua valiosa contribuição na banca de qualificação, bem como pelas recomendações das leituras pertinentes, facultando alguns artigos, com vistas a enriquecer o presente trabalho. Igualmente, à Prof^a. Dra. Graciela Natansohn, pelas importantes sugestões na banca de qualificação.

Aos/às meus/minhas irmãos/irmãs Manuel, Miguel, José, Andradina, Maria Olinda e Ana Maria, bem como às suas famílias, um agradecimento especial por todo o apoio constante que me têm dado durante os meus estudos.

À Amândia, por tudo, um muito obrigado.

A toda minha família, com especial destaque, agradeço aos meus primos Amaro e Emídio, por todo apoio prestado, bem como ao amigo Tuta.

Por todos àqueles que acreditarem em mim, estendendo as suas mãos, que me incentivaram e me fizeram acreditar nesta caminhada do mestrado; a todos que apoiaram, direta ou indiretamente, na materialização deste trabalho, um muito obrigado.

Aos meus colegas do mestrado, pelo encorajamento da persecução dos nossos objetivos.

Aos meus grandes amigos Moisés e Edgard, e à minha amiga querida Norma, por todo apoio e troca de idéias durante estes dois anos do mestrado.

Ao Instituto de Saúde Coletiva, por ter aberto as suas portas e me permitir beber nas suas fontes gnosiológicas, me possibilitando, assim deslumbrar novos horizontes. Um agradecimento a todos os professores e funcionários do ISC, especialmente a Lígia Rangel, Inês Dourado, Jorge Iriart, Carmen Teixeira, Luisa Elvira pelo apoio e sugestões, Ediná Costa, Ceci Noronha, Lígia Vieira, Jairnilson Paim, Rosa, Vânia, Edileuza Santos, Josiêd Bulcão, Ana Caribe, Anunciação, Thaís, Élia, Sônia, Néa, Bia, Creuza pela formatação, Clínger, Eduardo, enfim...

À Escola Secundária de Cabo Verde, local onde realizei o meu trabalho de campo, um muito obrigado especial ao Senhor Diretor, professores e alunos que foram sujeitos ativos desta pesquisa, pela generosidade, disponibilidade, interesse e motivação em participar e fornecer informações essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Nos últimos anos, os estudos que abordam as questões relacionadas com os adolescentes vêm a ocupar um lugar de relevo por mais diversos campos de conhecimento, principalmente em educação e saúde, ressaltando a especial atenção à saúde sexual e reprodutiva e à sexualidade dos mesmos. Com o advento da SIDA, houve uma preocupação ainda maior nas últimas décadas em termos de incrementar estratégias de luta contra esta pandemia, enfatizando cuidados especiais, sobretudo no que se refere à sexualidade destes. A presente pesquisa visa analisar as possibilidades e as limitações do Programa de Educação Sexual no Ensino Básico e Secundário, na prevenção das IST/HIV/SIDA, segundo os professores e alunos de uma Escola Secundária de Cabo Verde, tendo em conta a percepção dos mesmos sobre adolescência e sexualidade. Trata-se de um estudo de caso de caráter qualitativo com os alunos do 9º ano de escolaridade e com os professores de Formação Pessoal e Social – FPS da escola. Foi efetuada a produção de dados mediante a observação participante, assistência das aulas e realização de entrevistas individuais semi-estruturadas em profundidade com 9 professores e 11 alunos. A análise do corpus foi efetuada distinguindo a percepção de cada grupo de atores e posteriormente buscou-se estabelecer alguma comparação entre a percepção dos diversos sujeitos do estudo sobre a adolescência, sexualidade e programa de educação sexual, dialogando com as teorias que embasam este estudo. Os resultados obtidos apontam diferentes percepções de adolescência, quer como fase problemática e de tensão, bem como fase de transição e da construção sócio-cultural. A sexualidade é percebida, pelos sujeitos desta pesquisa, como uma aprendizagem construída socialmente dependendo da cultura e do meio onde está inserido o indivíduo. Mesmo numa sociedade contemporânea, percebe-se certa dificuldade do diálogo entre os pais e filhos, principalmente quando o assunto é a sexualidade, tendo em conta certo tabu e preconceito. Registra-se, segundo os informantes, certa desarticulação entre a escola, a família e a instituição Igreja sobre a prevenção das IST/HIV/SIDA e a gravidez nos adolescentes. Apesar dos informantes reconhecerem a importância do programa da educação sexual, revelaram que este deixa muito a desejar, visto que não atende todas as demandas atuais dos adolescentes cabo-verdianos.

Palavras-chave: educação em saúde, adolescência, sexualidade, educação sexual, prevenção de doenças - IST/HIV/SIDA.

ABSTRACT

In recent years, the study of issues related to teenagers has taken a central stage in various fields of knowledge, mainly, education and health, with particular attention put upon teenagers' sexual and reproductive health. With the coming of AIDS, there has been an even greater concern to implement strategies to fight off the pandemic, emphasizing special cares to teenagers' sexuality. This research aims to analyzing the scope and limitations of a Sexual Education Program with relation to STD/HIV/AIDS prevention implemented in Basic and Secondary Learning according to the perceptions of the teachers and students of a secondary school in Cape Verde. It is a qualitative case study with students of the 9th year and Social and Personal Education teachers. Data was collected using participant observation during lessons and individual, semi-structured, in depth interviews with 9 teachers and 11 students. The analysis of the information was carried out by ordering perceptions according to actor group and, later on, comparing individual perceptions about adolescence, sexuality and sexual education program, and establishing a dialogue with relevant theories. Results reveal different perceptions of adolescence, either as a problematic stage of tension or as a stage of transition and socio-cultural construction. Sexuality is perceived, for the subject of this research, as a socially constructed learning process depending on culture and environment. Even in a contemporary society, a clear difficulty to have an open dialogue between parents and children is perceived, especially with relation to sexuality, a topic still loaded with taboo and preconceptions. According to our informants, there is a disarticulation between school, family and church with relation to STD/HIV/AIDS and teenage pregnancy. Even though our informants acknowledge the importance of the sexual education program, they find it inappropriate given that it does not respond all the current demands of Cape-Verdian teenagers.

Key words: education in health, adolescence, sexuality, sexual education, prevention of diseases – STD/HIV/AIDS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACRIDES – Associação para as Crianças Desfavorecidas
CIPD – Conferência Internacional de População e Desenvolvimento
DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis
EBA – Educação Básica de Adulto
EBC – Ensino Básico Complementar
EBE – Ensino Básico Elementar
EBI – Ensino Básico Integrado
EBS – Ensino Básico e Secundário
EIO – Espaço de Informação e Orientação
EMP/EVF – Educação em Matéria da População e Educação Para a Vida Familiar
ES – Escola Secundária
FNUAP – Fundo das Nações Unidas Para a População
FPS – Formação Pessoal e Social
GTZ – Cooperação Técnica Alemã
HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis
MPD – Movimento para Democracia
ONG – Organizações Não Governamentais
ONU – Organizações das Nações Unidas
PAICV – Partido Africano para a Independência de Cabo Verde
PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde
PDM – Países de Desenvolvimento Médio
PENLS – Plano Estratégico Nacional de Luta Contra a Sida
PES – Programa de Educação Sexual
PMA – Países Menos Avançados
PMI – Programa Materno Infantil
SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
SSR – Saúde Sexual e Reprodutiva
UNAIDS – United Nations Programme on HIV/AIDS
VERDEFAM – Associação Cabo-verdiana para a Proteção da Família
ZEE – Zona Econômica Exclusiva

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – Introdução	12
CAPÍTULO II – Contexto do estudo.....	22
2.1 Uma pequena viagem a Cabo Verde	22
2.2 Escola e Educação na Sociedade Cabo-verdiana	28
CAPÍTULO III – Referencial Teórico	35
3.1 Adolescência	35
3.2 Sexualidade	41
3.3 Educação Sexual	46
CAPÍTULO IV – Metodologia	52
4.1 Procedimentos metodológicos	52
4.2 O campo da pesquisa: caracterização da escola secundária e estratégia de inserção do pesquisador no campo.....	55
CAPÍTULO V – Compreendendo a adolescência cabo-verdiana com alunos e professores	61
5.1 Ser adolescente	61
5.2 Adolescência e diferenças de gênero	64
5.3 Relações de gênero em Cabo Verde	66
5.4 Sentir-se adolescente.....	69
5.5 Diferenças de ser adolescente em Cabo Verde e em outros países	71
5.6 Adolescência em diferentes gerações	76
5.7 Adolescência e interação social: família, escola e comunidade	79
5.8 Limitações e possibilidades dos adolescentes	86
5.8.1 Ser adolescente é bom porquê	88
5.8.2 Ser adolescente é ruim porquê	90
5.9 Expectativas de professores e alunos sobre a adolescência	92
5.10 Desafios para os adolescentes cabo-verdianos	96

CAPÍTULO VI – Compreendendo Sexualidade, Exposição e Prevenção do HIV com alunos e professores	99
6.1 Sexo e Sexualidade no entorno dos adolescentes cabo-verdianos	99
6.2 Gênero e Sexualidade	105
6.3 Percepção sobre HIV, Sexualidade e Exposição	113
6.4 Proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejável entre os adolescentes	121
CAPÍTULO VII - Programa de Educação Sexual para adolescentes em Cabo Verde.	133
7.1 Atividades do Programa de Educação Sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA	133
7.2 Participação nas atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA.....	138
7.3 Programa de Educação Sexual na visão dos alunos e professores	140
CAPÍTULO VIII – Considerações Finais	144
CAPÍTULO IX – Referências Bibliográficas	152
ANEXO.....	161

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O presente trabalho de dissertação estuda a percepção de alunos e professores de uma Escola Secundária (ES) de Cabo Verde, evidenciada nos seus discursos acerca da adolescência, sexualidade e do Programa de Educação Sexual implantado no Ensino Básico e Secundário em Cabo Verde, tendo como referência teorias sobre a adolescência e sexualidade. Este programa orienta-se para a prevenção das IST/HIV/SIDA (Infecções Sexualmente Transmissíveis/Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e da gravidez na adolescência, problemas de grande importância para a saúde dos adolescentes de Cabo Verde.

A SIDA hoje é a primeira causa da mortalidade no continente africano e a quarta no mundo entre os adultos, por isso, ela se constitui em uma das grandes preocupações da saúde pública da atualidade (CABO VERDE, 2002). A via sexual constitui a principal modalidade da transmissão dos vírus HIV entre as pessoas no mundo. Isto é, cerca de 80% dos casos de HIV no mundo são transmitidos sexualmente (ASKEW & BERER, 2006).

Assim, a pandemia de HIV/SIDA ganhou uma dinâmica de multiplicação, alastrando-se em todas as sociedades, indiscriminadamente, com a maior incidência no continente africano, principalmente na África Sub-Saariana, onde as comunidades internacionais, nomeadamente as Organizações das Nações Unidas (ONU), as Organizações Não Governamentais (ONG) e a sociedade civil desenvolvem programas de intervenção, tanto no âmbito educativo como no da atenção à saúde, como forma de acudir as pessoas e famílias infectadas e afetadas por este mal, de modo que para seu controle é importante conhecer suas características socioculturais.

Um estudo comparativo sobre o conhecimento, atitudes e comportamento em relação ao HIV/SIDA entre os estudantes universitários de dois países, Austrália e África do Sul, apontou caminhos radicalmente diferentes em termos da percepção do HIV entre estes grupos (SMITH; VISSER, et. al., 1998). Na Austrália, para conter a epidemia do HIV/SIDA investe-se fortemente no programa de intervenção com base em uma educação consistente, através da introdução da educação de HIV/SIDA em currículos de escola secundária e campanhas nos meios de comunicação social, com vistas a

promover o uso de preservativos. Essa intervenção ao mesmo tempo em que fomenta o aumento do conhecimento das pessoas sobre o HIV, pretende provocar mudanças de habilidades, hábitos e comportamentos das pessoas sobre o risco de contrair o vírus da SIDA, o que, segundo vários autores, tem apresentado resultados positivos na redução da velocidade da expansão do vírus da SIDA neste país (CRAWFORD et al., 1996; CROFTS et al., 1996; FEACHEM, 1995; HURLEY and BUTLER, 1996; National Center in HIV Epidemiology and Clinical Research – NCHECR, 1996a; SMITH et al., 1996 apud. SMITH; VISSER, et. al. 1998). Em contraste, na África do Sul, há evidência do crescimento da transmissão contínua do vírus da SIDA, sem registro da ocorrência de programa de intervenção eficaz. Na ausência eminente de programas de intervenção efetivos, o vírus da SIDA tem alastrado e assolado este país (SMITH; VISSER, et. al. 1998, apud. KÜSTNER et. al., 1994; PHAM-KANTER et. al., 1996; CAMPBELL e WILLIAMS, 1996; GROENVELD and PADAYACHEE, 1992; LEE et al., 1996).

Então, a existência ou não de programas de intervenção para o combate da epidemia da SIDA constitui a principal diferença entre esses países. Assim, segundo Smith; Visser, et. al. (1998), o uso de preservativo consistente é mais comum em estudantes australianos do que entre os sul-africanos, bem como os australianos mostraram mais conhecimentos sobre o HIV/SIDA do que os sul-africanos. Da mesma forma, estudos comparativos entre adolescentes de Estados Unidos e da Nigéria revelam diferenças semelhantes, nos quais os níveis de conhecimento dos adolescentes destes dois países são bem diferentes sobre a epidemia da SIDA (St. LAWRENCE; MARX et al., 1995). Embora conhecimento em si mesmo não seja bastante para produzir mudança de comportamento (Rosenthal et al., 1996), o nível de conhecimento pode surtir efeito para que as pessoas possam identificar o próprio comportamento como arriscado ou não, assim sendo, é o primeiro passo no processo de mudança de comportamento (CATANIA et al. ,1994). Ou seja, a percepção do risco pessoal de um indivíduo é considerada um predictor importante de mudança de comportamento, porém, é difícil a operacionalização da percepção do risco e muitos estudos não acharam qualquer evidência de associação entre medidas de percepção do risco e o comportamento ego-protetor (AGHA; VAN ROSSEM, 2003).

No entanto, segundo Smith; Visser et. al. (1998), muitos pesquisadores apontam que para investir numa educação de caráter motivadora para a prevenção da SIDA, é

fundamental ter em consideração as normas e padrões sociais existentes nos comportamentos das pessoas, e com isso paulatinamente perscrutar as mudanças comportamentais nestas pessoas.

Contrariamente à Austrália em que a transmissão do vírus da SIDA se dá na sua maioria pelo intercuro homossexual, na África do Sul a maioria dos casos da soro-prevalência surge a partir das práticas sexuais entre os heterossexuais (SMITH; VISSER, et. al., 1998). Assim como em África do Sul, em Tanzânia existe grande risco de infecção de HIV, no qual o modo mais comum de infecção de HIV é heterossexual (MASWANYA, HORIGUCHI, et. al., 1999). Aliás, as relações heterossexuais representam a rota principal de infecção de HIV/SIDA na África, assim, entender o comportamento sexual das pessoas, as crenças e as diversidades culturais associadas às práticas sexuais seria um passo essencial para reduzir a expansão desta epidemia (DJAMBA, 2003).

O combate da SIDA em África é muito problemático, por exemplo, em Tanzânia, o ensino de conhecimentos e habilidades sexuais para pessoas jovens é considerado como assunto imoral, sensível religiosamente, politicamente, moralmente e socialmente. Como resultado, crianças crescem até a adolescência desprovidas de qualquer treinamento sistemático nestes assuntos (HEGUYE, 1995).

A epidemia da SIDA na África inclui elementos instigantes tanto para os países africanos como para os de outros continentes. Para tentar amenizar as situações dramáticas que as comunidades africanas vêm atravessando no domínio deste evento, destacando os jovens como grupo mais atingido por esta pandemia, foram elaborados e executados inúmeros programas de prevenção, onde a educação é vista como uma ferramenta primária para reduzir a propagação do vírus da SIDA (GALLANTA; MATICKA-TYNDALEB, 2004).

Os dados das Nações Unidas do Programa em HIV/SIDA (UNAIDS, 2002) revelam que dois terços das pessoas do mundo infetadas pelo vírus HIV vivem na África subsaariana, assim como, em partes de países africanos, as taxas de infecção pelo HIV são muito mais altas entre mulheres jovens. Nesta região, a precocidade sexual nos adolescentes é uma constância e a maioria de interações sexuais entre os adolescentes

acontece sem o uso de contracepção moderna, assim, tanto a gravidez como as disseminações das doenças sexualmente transmissíveis são elevadas (BRIEGER et. al., 2001; GUPTA; MAHY, 2003). A iniciação sexual precoce pode ser associada com maior probabilidade de intercurso desprotegido e múltiplos parceiros, levando o adolescente a ficar potencialmente submetido a maior risco das IST/HIV/AIDS (BLANC & WAY, 1998). Na dinâmica do intercurso sexual e a multiplicação de parceiros, os adolescentes, muitas vezes acabam tendo relações sexuais com pessoas experientes como troca de favores e a pobreza pode constituir a causa subjacente dessas práticas, bem como os níveis e tendências em iniciação sexual precoce podem ser afetadas pelas características de fundo entre os adolescentes (GUPTA; MAHY, 2003). Contudo, estudos apontam uma correlação forte entre níveis mais altos de instrução e a tendência comportamental da redução de números de filhos entre as jovens mães, bem como de pospor a primeira relação sexual (AINSWORTH, 1994; MARTIN & JUAREZ, 1995; ROBEY, RUTSTEIN, & MORRIS, 1992). Ainda, as pessoas que estão adequadamente informadas sobre saúde sexual e reprodutiva podem exercitar melhor as opções que favorecem um estado de saúde mais apreciável, protegendo-se tanto da gravidez como das IST/HIV/SIDA (GUPTA; MAHY, 2003).

A alta taxa de atividade sexual em países em desenvolvimento é uma das principais preocupações de saúde pública hoje, principalmente por causa da incidência crescente de HIV/SIDA e outras doenças sexualmente transmitidas registradas entre os adolescentes (DJAMBA, 2003).

Melanie Gallanta & Eleanor Maticka-Tyndaleb (2004), apontam que segundo as recomendações da UNAIDS (2001), o continente africano tem que se tornar um foco de cuidado à prevenção das IST/HIV/SIDA, principalmente nos países que lideram as taxas de incidência e prevalência do HIV. Caso contrário, esta pandemia pode dismantelar o tecido social das próximas gerações do continente em questão. Para tal, o investimento no campo de uma educação preventiva, dialógica e comunicativa é fundamental. Além do investimento no campo da educação para a prevenção da SIDA, destacam-se outros meios relevantes de prevenção como – marketing de preservativos, propagandas de sensibilização sociais e culturais nos meios de comunicação de massa com vista a conscientizar as populações sobre os elevados riscos de contração da SIDA

como herança de esposa/esposo¹ ou cerimônias de circuncisão (GALLANTA; MATICKA-TYNDALEB, 2004).

Não resta dúvida que a educação é um dos principais veículos para o combate e a prevenção das IST/HIV/SIDA. Porém, sendo a África um continente subserviente dos interesses europeus e norte americano, subjugado a grandes conflitos e devastado pelas guerras, grande parte das crianças e jovens deixam de ter acesso à educação, para servirem aos exércitos nos campos de batalhas e concentrações. Com isso, registra-se uma boa percentagem dos jovens africanos, principalmente os da África sub-saariana que, se não morrem por motivos da guerra, acabam contaminados pelo vírus da SIDA ao iniciarem atividade sexual enquanto eles ainda são de idade escolar, onde, geralmente, estas práticas sexuais são desprotegidas. Por isso, há de se reforçar, o mais urgente possível, um programa de inclusão de todas as crianças e jovens na idade escolar à uma educação significativa e contextualizada, respeitando sobretudo as questões culturais e sociais de cada sociedade.

Quando deixamos de enxergar os fatores determinantes do risco e vulnerabilidade de contrair HIV como algo profundamente social - e por social entendemos relacional, contextual, cultural, político, econômico, histórico, simbólico e discursivo - somos incapazes de encontrar a melhor forma de intervir (DOWSETT, 2006, P.47).

Atualmente, as questões ligadas à saúde sexual e reprodutiva ainda não constituem prioridades da saúde em todos os países, nem por todos envolvidos internacionalmente (ASKEW & BERER, 2006). Contudo, a preocupação da República de Cabo Verde com matérias ligadas à sexualidade e à saúde reprodutiva dos jovens e adolescentes remete-se a 1978. A educação, sendo um sector que labuta diariamente com crianças e adolescentes, teve uma forte influência na promoção da saúde reprodutiva deste grupo alvo, com o apoio técnico e financeiro do Fundo das Nações Unidas Para a População (FNUAP), através do projeto da Educação em Matéria da População e Educação Para a Vida Familiar – EMP/EVF (CABO VERDE, 2004).

Uma das principais preocupações do Governo de Cabo Verde com respeito à população, enfatizando a adolescência, é o aumento da prevalência das IST/HIV/SIDA nos últimos

¹ Viúva que quando o marido morre um irmão do marido falecido pode a herdar; viúvo que quando a mulher morre pode herdar uma irmã da mulher falecida.

anos. Segundo o Plano Estratégico Nacional de Luta Contra a Sida (PENLS) – 2002: de 1986 a 2000, foram detectadas 775 pessoas portadoras do HIV, sendo que 406 evoluíram para doença da SIDA (52,4%) e, destas, 205 foram a óbitos. A partir dos dados constata-se que a taxa de incidência subiu entre 1997 e 2000 de 17,2 por 100.000 habitantes para 28,6 por 100.000 habitantes. A taxa de prevalência passou de 19,7 por 100.000 habitantes em 1997 para 35,0 por 100.000 habitantes no ano 2000 (CABO VERDE, 2002). Segundo a Agência Lusa (2006), atualmente vivem no arquipélago 1.063 soropositivos.

Desde o aparecimento do primeiro caso da SIDA em Cabo Verde – 1986, até o presente momento, muito já se fez neste país para a prevenção e luta contra esta epidemia, onde se destacam o estudo nacional de soroprevalência, a implementação de laboratórios para garantir a segurança transfusional, a criação do sistema de vigilância da infecção das IST/HIV/SIDA, os programas de formação dos animadores sociais, a sensibilização dos técnicos da saúde e da população, dentre outros (CABO VERDE, 2002). Apesar de muitos cuidados e esforços que o país tem tido com a promoção da saúde reprodutiva, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) representam uma das principais causas de morbidade entre os adultos jovens, de ambos os sexos. E, por sua vez, a transmissão sexual continua predominante para mais de 90% da referida população. Tanto as uretrites/vaginites como a Sífilis, a Hepatite B e outras IST vêm aumentando nos últimos anos (CABO VERDE, 2002).

A Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (CIPD) em 1994, preocupada com questões ligadas a Saúde Sexual e Reprodutiva (SSR), determinou que até 2010 pelo menos 95% das pessoas compreendidas entre 15 e 24 anos devem ter acesso à informação, educação e serviços necessários para desenvolver as habilidades mínimas capazes de diminuir sua vulnerabilidade a infecção pelo HIV. Isto é, estas pessoas, além de conhecer, têm que saber ser através de aquisição das novas habilidades onde lhes permitirão enfrentar situações-problema (ASKEW & BERER, 2006).

A educação em saúde para a prevenção das IST/HIV/SIDA vem sendo abordada como um mecanismo de mudança dos comportamentos das pessoas, comportamentos que são considerados prejudiciais à saúde (TORRES & ENDERS, 1999). Quando assim for, muitas vezes esses programas de educação em saúde não consideram as condições

sócio-culturais, político-econômicas e morais dessas pessoas. Então se pergunta: será que o programa de educação em saúde aplicado aos adolescentes cabo-verdianos respeita cabalmente as condições sócio-culturais, político-econômicas e moral desses adolescentes?

Um estudo sobre “Conhecimento e percepção de risco de SIDA e informação de comportamento sexual entre os estudantes das escolas secundárias e faculdades na Tanzânia” aponta que a transmissão sexual de HIV pode ser prevenida usando preservativos durante relações sexuais, assumindo que eles são corretamente e constantemente usados. Entretanto, o mesmo estudo revela uma discrepância entre conhecimento de infecção de HIV e comportamento adotado pelos estudantes para se prevenir das IST/HIV/SIDA, visto que, estudantes com bom conhecimento relativo à transmissão de HIV, mas tendem às práticas sexuais sem usar o preservativo mesmo sabendo que estão em alto risco de adquirir infecção de HIV (MASWANYA; Horiguchi, et. al., 1999).

Este exemplo do estudo mencionado anteriormente se enquadra com os comportamentos dos cabo-verdianos sobre a prevenção das IST/HIV/SIDA, visto que, segundo os dados do Inquérito Demográfico e de Saúde Reprodutiva (IDSR) existe, em Cabo Verde, um elevado índice da população com conhecimento sobre a SIDA (97%) e ao mesmo tempo há uma baixa adesão aos meios de prevenção, nomeadamente a fraca utilização do preservativo durante as práticas sexuais (28,5 %). Assinalando que não existe uma homogeneidade no que se refere à contaminação das IST/HIV no território cabo-verdiano, então, faz-se necessário ressaltar que os municípios com maior número de casos de todas as doenças de transmissão sexual notificados são os da Praia e de S. Vicente (CABO VERDE, 2002). Os dados anteriormente mencionados revelam nitidamente a grande discrepância entre o conhecimento (saber), a prática (saber fazer) e a atitude (saber ser).

Muitas vezes as reformas na área da saúde acabam comprometendo os programas de educação sexual ao privilegiar uma abordagem setorial de serviços, separando, por exemplo, o departamento da Saúde Sexual e Reprodutiva do das IST/HIV/SIDA, o que por sua vez vem a causar atritos departamentais tais como jogos de interesses,

principalmente na procura de financiamento. Assim, estes programas de educação sexual ficam fragilizados, tratados na maioria das vezes em superficialidades, sem técnicos preparados devidamente para os abordarem, sem uma consistência do mecanismo de acompanhamento, monitoramento e avaliação (ASKEW & BERER, 2006). Deste modo, seria bom realçar que, em Cabo Verde, o que se verifica muitas vezes é a sobreposição dos esforços por parte das diferentes instituições ao atuarem numa mesma área geográfica, tratando dos mesmos temas ligados a IST/HIV/SIDA, SSR, etc., com a mesma população e, geralmente, em superficialidade, criando desinteresse total da comunidade por esses assuntos.

Os objetivos gerais do Plano Estratégico Nacional de Luta contra a SIDA são: reduzir a prevalência da infecção pelo VIH; melhorar a qualidade de vida das pessoas infectadas e afetadas pelo VIH/SIDA; fortalecer a capacidade nacional de resposta à epidemia; ter um melhor conhecimento da epidemia, da sua dinâmica e dos seus impactos. Faz-se necessário frisar a uma das indicações do Plano, apontando que todas as escolas, primárias, secundárias, públicas e privadas aplicam programas escolares que integrem a prevenção das IST/VIH/SIDA (CABO VERDE, 2002). Assim, nas escolas do Ensino Secundário foi feita a integração das IST/HIV/SIDA nos currículos escolares, através da disciplina de Formação Pessoal e Social. Em colaboração com o Projeto Educação em Matéria de População e Educação para a Vida Familiar (EMP/EVF) foi produzido material didático para sensibilização e informação dos alunos do Ensino Básico Integrado e Ensino Secundário (CABO VERDE, 2002).

Diante deste cenário, o presente trabalho trata da seguinte indagação: Como os alunos e os professores de uma Escola Secundária de Cabo Verde percebem **adolescência, sexualidade e exposição ao HIV e os limites e possibilidades do Programa de Educação Sexual** para a sua prevenção? Tem por objetivo geral analisar as possibilidades e as limitações do Programa de Educação Sexual no Ensino Básico e Secundário, na prevenção das IST/HIV/SIDA, segundo os professores e alunos de uma Escola Secundária de Cabo Verde, tendo em conta a percepção dos mesmos sobre adolescência e sexualidade; e específicos identificar a percepção dos alunos e professores sobre a adolescência, sexualidade e o programa de educação sexual implantado nas escolas básicas e secundárias de Cabo Verde; identificar as percepções

de alunos e professores acerca do Programa de Educação Sexual implantado no Ensino Básico e Secundário em Cabo Verde, seus limites e possibilidades na prevenção das IST/HIV/SIDA, especialmente quanto à abordagem da sexualidade. Por isso, é necessário também descrever e analisar os Programas de Educação Sexual em escolas secundárias, quanto aos objetivos, estratégias pedagógicas, histórico da implementação de atividades desenvolvidas, atores envolvidos e graus de adesões, conteúdos e sua inserção no currículo escolar; descrever e analisar as características da escola, dos alunos e dos professores no que se refere às questões sócio-culturais.

A relevância do problema de investigação recai sobre a grande importância do tema HIV/SIDA no contexto da sociedade mundial em geral e em Cabo Verde em particular, por sua relação com várias culturas. Outrossim, de acordo com os discursos oficiais, a precocidade das atividades sexuais neste país constituem uma das principais preocupações de saúde pública atualmente, principalmente por causa da incidência do vírus HIV/SIDA e outras infecções sexualmente transmitidas registradas entre os adolescentes, bem como o acentuado crescimento da taxa de gravidez precoce e não planejada. Segundo consta em documento oficial deste país (CABO VERDE, 2004) as IST continuam sendo uma das causas de maior morbidade tanto da população jovem como da adulta deste país. Então, este estudo aborda a adolescência, a sexualidade e a prevenção das IST/HIV/SIDA a partir do contexto sócio-cultural e político-econômico dos próprios adolescentes de Cabo Verde, com intuito de saber o que representam as IST/HIV/SIDA e a gravidez precoce para os alunos e professores.

Ainda, considerando-se a magnitude do problema, destaca-se a relevância social deste estudo, tendo em conta a possibilidade de oferecer algumas pistas ao país na tomada de algumas medidas sobre a saúde reprodutiva dos adolescentes. A pesquisa é original, pois em Cabo Verde é o primeiro estudo de natureza científica e acadêmica a abordar o tema sob perspectiva dos atores. Uma das grandes dificuldades encontradas para a realização deste trabalho se depara com a inexistência de estudos acadêmicos locais na área com os quais dialogar.

Mas, o estudo foi realizado sem maiores dificuldades econômicas e políticas, tendo o pesquisador fácil acesso aos documentos oficiais que a República de Cabo Verde já produziu sobre o assunto.

O que motivou esta investigação foi a observação da ênfase do **Projeto de Introdução das Competências Sociais em IST/VIH/SIDA nos Currículos do Ensino Básico Integrado e Ensino Secundário** do Ministério da Educação e Valorização dos Recursos Humanos para 2004 – 2006 sobre os comportamentos individuais dos sujeitos, bem como para “uma concepção abrangente da educação que envolve “o saber, o fazer, o viver junto e o **ser**”. Tais assertivas parecem de certo modo inconsistentes e incoerentes, desde que se compreenda a diversidade sócio-cultural do “**ser**”, o que leva a interrogar sobre o lugar deste “**ser**”: O que é o “**ser**”? Qual a sua representação?

Ora, ao mesmo tempo em que no supracitado projeto são vistos muitos resquícios normativos como, por exemplo, – “*Sexualidade – evitar gravidezes na adolescência e ITS, adiando a primeira relação sexual, tendo relações sexuais protegidas e utilizando os serviços de saúde*”, – este também fomenta a autonomia dos jovens e adolescentes objetivando –“*garantir o protagonismo dos adolescentes e jovens*”. Logo o projeto parece conter uma incoerência entre autonomia versus normatividade. Então, pergunta-se: que educação pode permitir o desenvolvimento e a execução deste tipo de programa? São estas e outras perguntas que, a partir do trabalho de campo produzido com os sujeitos da pesquisa e da análise de documentos, espera-se ver respondidas no decurso deste trabalho. Assim, a presente dissertação pretende trabalhar o referido tema, partindo dos pressupostos das questões de adolescência, sexualidade, educação sexual, prevenção das IST/HIV/SIDA, e dos limites e possibilidades do programa de educação sexual aplicado aos jovens e adolescentes em Cabo Verde, especialmente aqueles que estão matriculados nos Ensinos Básico e Secundário, com vistas a encontrar algumas pistas que possam contribuir com estratégias de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis.

CAPÍTULO II – CONTEXTO DO ESTUDO

O presente capítulo traz um pouco da história de Cabo Verde, abordando sucintamente alguns marcos importantes, desde o seu descobrimento até os dias atuais, com o intuito de evidenciar seu processo de transformação, quanto ao seu desenvolvimento político, econômico, social e cultural. Ainda, aborda a questão da educação na sociedade cabo-verdiana ao longo da história deste país, de forma resumida, enfatizando a importância da mesma no processo da transformação social e cultural de sua população.



2.1 Uma pequena viagem à história de Cabo Verde

Cabo Verde é um arquipélago de origem vulcânica, formado por 10 ilhas (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Boa Vista, Sal, Maio, Santiago, Fogo e Brava) e 8 ilhéus, com uma superfície terrestre de 4.033 Km², originalmente desabitadas descobertas pelos portugueses no século XV, por volta do ano de 1460, localizado no Oceano Atlântico, a cerca de 500 quilômetros a oeste de Dacar - Senegal. O arquipélago de Cabo Verde está compreendido entre os paralelos 17° 12,5' e 14° 48' de latitude norte e os meridianos 22° 44' e 25° 22' de longitude oeste de Greenwich. Das dez ilhas, nove são habitadas e uma é desabitada. A maior ilha é a de Santiago, com uma extensão de 991 quilômetros quadrados e, a menor habitada é a da Brava com uma extensão de 64 quilômetros quadrados; isto porque a ilha de Santa Luzia tem uma extensão de 35 quilômetros quadrados, porém é desabitada. A ilha de Santiago concentra a maior densidade populacional, isto é, cerca de 54% da população cabo-verdiana reside nesta ilha.

A Zona Econômica Exclusiva (ZEE) de Cabo Verde estende-se por cerca de 700.000 km², o que permite ter outros vizinhos próximos do país como a Mauritânia, a Gâmbia e a Guiné-Bissau, ou seja, todos os países na faixa costeira ocidental da África que vai do Cabo Branco às ilhas Bijagós.

Cabo Verde é um país relativamente pequeno, onde as ilhas apresentam-se dispersas uma das outras e na maioria são montanhosas, destacando-se apenas três relativamente planas, que ficam localizadas na parte oriental do arquipélago. A sua costa é relativamente grande, preenchida de praias do mar de areia branca e negra. A escassez de recursos naturais é uma característica marcante deste país. Trata-se de um país saheliano, com clima tropical seco, onde o período das chuvas vai entre julho e outubro frequentemente repartidas de forma irregular, registrando às vezes chuvas torrenciais, e o restante é caracterizado como da seca. Devido às condições climáticas, o país já foi fustigado, várias vezes, por crises de seca e escassez da água, provocando até situação nefasta de fome, levando a dizimação dos habitantes das ilhas pela morte e como alternativa resta apenas a emigração desenfreada desse povo (SEMEDO, 1998).

Geograficamente, está dividido em dois grupos: Barlavento e Sotavento, de acordo com os ventos dominantes, e administrativamente, está dividido em 22 municípios. A capital do país é a cidade da Praia situada no extremo sul da ilha de Santiago e albergando cerca de ¼ da população residente no país, sendo considerada simultaneamente a capital econômica e política. Cabo Verde tem uma população residente de 487.118 habitantes (CABO VERDE, 2007).

Cabo Verde é um país com uma população predominantemente mestiça, resultante do cruzamento, simbiose e assimilação entre os europeus, na maioria portugueses, e os escravos e negros livres trazidos da África continental, principalmente da Guiné-Bissau pelos portugueses, para o efeito do povoamento e da colonização. Mas, o povo cabo-verdiano vem criando os traços próprios da identidade cultural enraizados nos valores próprios adquiridos ao longo de toda a história deste país. Destaca-se a inexistência das etnias na era da descoberta das ilhas, contudo a população cabo-verdiana emana das diversidades étnicas e culturais muito heterogêneas. Por isso, apontam que as origens da cultura cabo-verdiana estão numa mistura cultural africana e europeia (ANDRADE, 1996).

No país são faladas duas línguas: a oficial – o português, que é falado nas escolas, repartições e nos eventos oficiais; e o crioulo cabo-verdiano, baseado no português antigo, com vocábulos e estruturas africanas, é a língua corrente falada hoje por todas as classes ou camadas sociais do país. O crioulo é a língua através do qual o povo cabo-verdiano exprime os seus sentimentos discursivos, a música, a poesia, a literatura, a tradição e outras manifestações culturais, por isso, esta língua se constitui num dos principais traços da identidade deste povo.

Mas a assunção da ‘africanidade’ cabo-verdiana engendrou, no passado, vários problemas (que ainda não estão todos ultrapassados) a nível da elite caboverdiana e de uma certa percentagem da população caboverdiana que não escapou, de forma alguma, aos malefícios da ideologia colonial racista. [...]. Ainda até às vésperas da Independência, uma parte da elite e da população caboverdiana recusava-se a falar o crioulo, considerado como o dialecto dos ‘não civilizados’ e rejeitava certas práticas sociais como a tabanca² por exemplo, consideradas como ‘pagãs’ e ‘primitivas’. Pouco tempo depois da independência, alguns padres ainda recusavam o baptismo às crianças de pessoas que integravam as festas da tabanca ou as frequentavam. [...]. Com efeito, durante toda a época colonial, políticos, ideólogos e pseudo-cientistas portugueses interessados na exploração colonial, propagaram idéias segundo as quais, os negros eram seres inferiores, sem cultura e muito próximo do macaco. Para justificar a escravatura, que durou cerca de quatro séculos, era necessário reduzir o negro à condição de sub-homem. Daí a negação da sua cultura, da sua pertença a uma civilização diferente (ANDRADE, 1996, pp. 53 e 55).

A cultura migratória do povo cabo-verdiano representa um elemento importante na própria formatação da sociedade cabo-verdiana. Realça-se o notório êxodo rural, pessoas deslocando-se de campo para a cidade ou centros urbanos, principalmente para Praia – capital de Cabo Verde. Essa fuga do meio rural para o meio urbano não se limita apenas à capital do país. Embora com menor intensidade, regista-se também uma corrente migratória para as ilhas do Sal e de São Vicente. Isso acaba revelando que nesses centros as pessoas conseguem melhor meios de sobrevivência, o que reflete nitidamente um crescimento e um desenvolvimento assimétrico nos municípios de Cabo Verde. Essa migração reflete tanto no nível económico como no político e sócio-cultural (CABO VERDE, 2002; 2007).

² Tipo da música tradicional de Cabo Verde.

O país registra hoje uma taxa de desemprego entre as pessoas consideradas ativas de 21%. Porém, essa taxa não é repartida de forma uniforme entre as ilhas. Claro que isso também pode vir a refletir nas incidências da pobreza por ilhas. A ilha que registra a maior taxa do desemprego é a de Santo Antão, e as que têm as menores taxas são as de Boa Vista e do Sal. Entre 1989 e 2002, Cabo Verde conseguiu progressos notáveis em matéria de redução da pobreza absoluta, cuja incidência passou de 49% no início do período a 37%, enquanto as desigualdades aumentaram passando de 0,43 a 0,53. Assim, na medida em que decresce a percentagem da pobreza em Cabo Verde, aumenta a desigualdade no seio populacional, o que se traduz que o acesso aos bens e riquezas não se verifica de forma equânime entre as populações cabo-verdianas. Porém, destaca-se que dos 37% da população cabo-verdiana que hoje é considerada pobre, registra-se 20% desta que é considerada muito pobre (CABO VERDE, 2007).

Quanto à religião, 95% da população cabo-verdiana professa o catolicismo, sendo que a restante população é protestante. A estrutura etária e taxa de comparação sexual são constituídas de grande proporção de jovens. Abaixo dos 15 anos encontra-se cerca de 36% da população; abaixo dos 25 anos está cerca de 60% da população; entre os 15 e 64 anos inclusive está cerca de 57% da população; a população com 65 e mais anos constitui um percentual de 7%. Das 487.118 pessoas residentes no país 250.999 são mulheres e 236.119 são homens, a mulher constitui cerca de 51.5% da população deste país enquanto que homem cerca de 48.5%. A densidade demográfica (Hab/Km²) é de 122 (CABO VERDE, 2007).

No percurso histórico de Cabo Verde desde o seu achamento, passando pelo processo do povoamento até os dias de hoje, se registram saltos e ganhos abismais. De acordo com a Constituição de 1992, Cabo Verde hoje é uma República soberana, unitária e democrática, que garante o respeito pela dignidade da pessoa humana e reconhece a inviolabilidade e inalienabilidade dos Direitos do Homem como fundamento de toda a comunidade humana, da paz e da justiça.

Cabo Verde foi colônia portuguesa desde suas origens até julho de 1975, isto é, é um país que passou durante cinco séculos mergulhado em regime de domínio, exploração e maus tratos dos portugueses.

Em 1956, o cabo-verdiano Amílcar Lopes Cabral, filho de pai cabo-verdiano e da mãe guineense, fundou, junto com outros patriotas, o PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, com o intuito da união destes dois países – Guiné e Cabo Verde. No início da década de 1960, o PAIGC iniciou a luta armada no continente africano, contra a metrópole, Portugal. Em 1974, a Revolução dos Cravos em Portugal foi o estopim para a mobilização popular em Cabo Verde. O novo governo português viu-se forçado a iniciar as negociações com o PAIGC, que foram concluídas com a independência de Cabo Verde a 5 de Julho de 1975.

De 1975 a 1990, Cabo Verde esteve sob regime do partido único – o PAICV – Partido Africano para a Independência de Cabo Verde. As reformas políticas só foram estabelecidas a partir de 1990, em decorrência de pressões por parte de círculos acadêmicos – homens e mulheres formados depois da independência nos mais diversos quadrantes e países da Europa e da América –, dos emigrantes que vivem nos países onde a democracia já era uma realidade, e da própria Igreja do país, possibilitaram as primeiras eleições livres nestas ilhas, em 1991, a legislativa e a presidencial, onde estas eleições colocaram o fim da Primeira República e conseqüentemente o início a Segunda República com o novo governo do Movimento Para a Democracia – MPD. Então, a partir daí, essas eleições passaram a se realizar quinquenalmente no país.

No âmbito municipal, a partir de 1992 foram realizadas com regularidade as eleições autárquicas com mandatos para quatro anos, tendo a quarta e última ocorrida em Março de 2004, e provavelmente haverá novos embates municipais no mês de Maio de 2008. As eleições autárquicas criaram condições mais propícias ao desenvolvimento do poder local, cuja dinâmica reivindicativa, associativa e organizativa constitui hoje uma das boas práticas da democracia cabo-verdiana, designadamente pela aproximação do poder às populações, contribuindo na luta contra a pobreza das populações circunscritas em cada município, tendo em conta que uma boa percentagem da população, principalmente do meio rural, vive em situações de pobreza. Esta se associa muito à questão das consecutivas secas que ocorrem no país, levando em consideração que boa parte da população cabo-verdiana depende única e exclusivamente da agricultura e criação de gados, devido à tradição camponesa herdada dos colonos portugueses (SEMEDO, 1998; CABO VERDE, 2007).

Tirando o grande atraso herdado dos portugueses devido a cinco longos séculos de exploração que estas ilhas se sujeitaram sob o regime destes colonos, onde Cabo Verde antes da independência foi levado a ser o país mais pobre dentre os que foram colônias portuguesas, a trajetória deste país é muito marcante. Isto porque, após os 30 anos da sua independência, e numa situação das características da inexistência de recursos naturais clássicos, onde o país depende de uma economia de mercado de base privada, já é classificado hoje para deixar o grupo dos Países Menos Avançados – PMA, passando a pertencer ao grupo dos Países de Desenvolvimento Médio – PDM a partir de 1 de Janeiro de 2008 (CABO VERDE, 2007).

Com a mudança do regime político-econômico a partir de 1991 e a adoção de uma nova Constituição em 1992, o país enveredou-se pelo sistema de economia de mercado de base privada, relegando a tradição do sistema da economia planificada da Primeira República (1975 – 1990), onde o Estado concentrava e detinha os monopólios dos principais meios de produção (SEMEDO, 1998; CABO VERDE, 2007).

A partir da Segunda República, o que no marco econômico pode se considerar como o período das privatizações, houve a privatização da maioria das mais rentáveis empresas públicas que antes estavam nas mãos e comandos do poder do Estado. Simultaneamente, o Estado começou a fomentar e instituir as condições propícias para o desenvolvimento da iniciativa do sector privado. Para isso, houve grandes investimentos na infra-estrutura econômica, com vista à promoção e melhoramento do ambiente empresarial, o que proporcionou grande fôlego e avanço marcante no setor empresarial, que jamais este país conhecia e estava habituado. Este investimento no setor empresarial dinamizou e despertou alguns interesses das empresas externas, onde Cabo Verde tornou-se um destino do investimento externo, a partir das relações estabelecidas entre este e outros países, com grande destaque para o campo do turismo. Assim, hoje Cabo Verde é muito procurado por turistas estrangeiros, com vistas a desfrutar do mar, das praias, da paisagem, da gastronomia e da morabeza (beleza, alma cabo-verdiana) destas pequenas porções de terras tão isoladas no meio do Oceano Atlântico (CABO VERDE, 2007).

O crescimento e o desenvolvimento de Cabo Verde não se limitaram apenas ao campo econômico e da infra-estrutura. Ao nível social e cultural é notável o salto gigantesco e

qualitativo que este país deu após a sua independência. Houve grandes investimentos no campo da educação, quer em termos de construções de infra-estrutura, quer em termos de formação e qualificação de quadros competentes para atender às demandas que o país enfrenta nesta matéria, conforme veremos mais adiante.

No campo da saúde houve um avanço notório e os ganhos são inquestionáveis. Esses ganhos se refletem tanto em termos de formação e qualificação dos quadros fomentados pelo Estado cabo-verdiano, como em relação à construção de infra-estrutura e o acesso a esse bem. Por exemplo, antes da independência sequer se falava em Saúde Sexual e Reprodutiva – SSR; hoje em Cabo Verde a educação em SSR é uma prática real, que marcou e continua a marcar profundamente a qualidade de vida dos cidadãos e cidadãs cabo-verdianos, permitindo-os a maior longevidade, além de instruí-los na matéria do planejamento familiar seguro e sem risco, ou seja, o Programa de Saúde Sexual e Reprodutiva implantado e desenvolvido em Cabo Verde reflete e interfere grandemente na sexualidade vivida por este povo (CABO VERDE, 2007).

A promoção da cultura cabo-verdiana hoje é um dado inquestionável, se comparado com as tradições deste povo, que antes eram reprimidas pelos portugueses. Então a música, a arte, a literatura, a própria língua crioula, os costumes, as tradições, a identidade do povo cabo-verdiano são dados cada vez mais valorizados e marcantes.

2.2 Escola e Educação na Sociedade Cabo-verdiana

Ao fazer uma pequena viagem no processo histórico de Cabo Verde, evidencia-se o inquestionável avanço deste país a todos os níveis. A ponto ilustrativo, se realçam três períodos marcantes na história de Cabo Verde. Primeiro: durante o grande período colonial (1462 – 1975), Cabo Verde foi subjugado ao esquecimento da metrópole colonizadora portuguesa e sob esta condição o povo cabo-verdiano viveu durante mais de cinco longos séculos no abismo do sofrimento, miséria extrema, fome, ignorância e, sobretudo, num regime de exploração extrema. No período colonial, cuja estrutura social era assentada numa sociedade escravocrata, com a estratificação social bem demarcada, o ensino básico esteve virado para as crianças pertencentes à classe social mais privilegiada, ficando a grande maioria que constituía a base da sociedade cabo-

verdiana fora do sistema educativo. Na alfabetização de jovens e adultos, nem sequer se falava, visto que, os adultos não tinham direito a educação. Por isso, este país herdou dos portugueses um grande atraso no campo educacional, que culminou com o elevado índice do analfabetismo registrado até o período da independência nacional, o que veio a contribuir, também para o crescimento da pobreza no seio desta sociedade.

Segundo período, após a Independência Nacional, 5 de julho de 1975, Cabo Verde sob o regime do partido único começou a dar os primeiros passos rumo ao desenvolvimento e progresso. Um partido que formou um governo compreendido entre 1975 – 1990 e privilegiou a tradição do sistema da economia planificada, cujo Estado concentrava e detinha os monopólios dos principais meios de produção (SEMEDO, 1998; CABO VERDE, 2007). Então, a partir daí, Cabo Verde sob comando dos “camaradas” que lutaram pela independência da pátria foi submetido a uma nova organização administrativa, mesmo registrando fortes sotaques dos portugueses metropolitanos. Assim, começaram a fomentar políticas concretas a fim de atender algumas demandas do povo cabo-verdiano no domínio sócio-econômico e cultural e, também, para tirá-lo de tal situação como foi deixado pelos colonizadores.

Na altura da independência nacional, o ensino público tinha uma abrangência muito reduzida e a taxa de analfabetismo rondava os 70%, destacando que as mulheres pertenciam à maior fatia deste grande bolo amargo. Isto porque, a história da educação, ao longo dos tempos, se fez segundo uma perspectiva das camadas dominantes, centrada na figura masculina. Assim sendo, ao longo da história, em muitas sociedades para não dizer em todas, os direitos, os deveres, os sentimentos e as aspirações das mulheres se encontram subordinados aos interesses do patriarcado, ou seja, elas são confinadas ao mundo doméstico e subordinadas ao chefe de família; e as mulheres Cabo-verdianas não fugiram a essa regra. Com a Independência Nacional, o governo começou a instigar a promoção educativa no país, o que implicaria grandes transformações econômicas, sociais e culturais na sociedade cabo-verdiana. A partir daí, houve grande investimento no campo de alfabetização de jovens e adultos, a fim de reverter o alto índice do analfabetismo no país, e as mulheres foram grandemente contempladas no processo de alfabetização, tendo em conta que entre elas a taxa do analfabetismo era bem maior do que entre os homens.

Até o início da década de noventa, as escolas primárias comportavam o Ensino Básico Elementar – EBE, que atendiam os alunos de 1ª a 4ª classes, e eram distribuídas a nível local. Porém, em muitos casos, os alunos tinham que se deslocar a pé por vários quilômetros de distância caso quisessem frequentar o ensino primário, um ensino de caráter obrigatório assegurado pelo Estado e com uma duração de quatro anos. Concluindo a 4ª classe, os alunos passavam para um processo seletivo para entrar no dito Ensino Básico Complementar – EBC, com uma duração de dois anos. As escolas do EBC só existiam em algumas vilas e nas cidades do país, onde os alunos camponeses ficavam sujeitos a se deslocarem para esses centros para frequentar e dar continuidade aos estudos. Porém, muitos não prosseguiram os estudos devido às débeis condições sócio-econômicas. Como se as condições sócio-econômicas desses alunos não bastassem para determinar a sua continuidade ou não nos estudos, para que eles pudessem entrar no EBC tinham que ter uma determinada idade, caso contrário ficariam excluídos deste sistema. Em termos do Ensino Secundário – ES, nesta altura, existiam apenas três liceus em Cabo Verde, estabelecimentos destinados ao funcionamento do ensino secundário, sendo um em Mindelo – São Vicente, um na cidade da Praia – Santiago e outro em Assomada – Santiago. A entrada no liceu era precedida do EBC, o que dificultava ainda mais o ingresso no ES, visto que, em maioria dos casos os alunos estavam sujeitos a deslocamentos inter-ilhas ou intermunicipais, ou seja, além de terem enfrentados as mesmas dificuldades enquanto alunos do EBC, as dificuldades para ingressar no ES eram maiores ainda, devido à fraca capacidade do país para responder às demandas de então no campo educativo, registrando uma procura superior à capacidade de respostas. Destarte, o ES era muito seletivo, pois era apenas acessível aos estudantes pertencentes às famílias de maior nível econômico, famílias que podiam suportar as despesas de estadia dos filhos nas cidades, assim como as com os materiais escolares e propinas³.

O terceiro período foi marcado pela reestruturação e reajustes na educação em todos os níveis, com maior destaque para Ensino Básico Integrado – EBI, o Ensino Secundário – ES e a Educação Básica de Adulto – EBA. Houve o alargamento do ensino obrigatório de quatro anos para seis anos, a nível do Ensino Básico Integrado. A nível do Ensino Secundário aconteceu uma reestruturação do ensino por ciclo, dividido em três ciclos e

³ *Corresponde à taxa escolar institucionalizada pelo governo em que o aluno tem que pagar de acordo com as suas condições sócio-econômicas.*

estendido até ao 12º ano de escolaridade, tendo em consideração que antes o ES estendia até 11º ano da escolaridade. Hoje as escolas secundárias já são realidades em todos os municípios do país, e o acesso não se limita apenas ao privilégio dos filhos dos pequenos burgueses da terra. No que se refere à Educação Básica de Adulto – EBA, o ensino que tinha uma duração de dois anos se estendeu para três anos, e hoje a EBA desenvolve uma experiência mesmo a nível do 1º ciclo (7º e 8º anos de escolaridade). Hoje, Cabo Verde tem uma taxa de analfabetismo em torno de 21% , o que venha a contribuir significativamente para a melhoria dos indicadores do desenvolvimento do país. Destarte, justifica os três marcos históricos no processo do desenvolvimento de Cabo Verde, onde as gerações anteriores à independência tiveram evidentemente, muito menos oportunidades do que as da era pós-independência, sendo a democratização do acesso ao ensino um processo que ganhou corpo nesta era.

Com isso, percebe-se o processo da transformação de Cabo Verde, enquanto o desenvolvimento político-econômico e sócio-cultural ao longo da sua história. A educação não ficou fora deste processo de desenvolvimento, visto que, ela tentou responder as demandas de acordo com a compreensão e solicitação de cada época, ou seja, ela ficou atrelada à própria “evolução” da sociedade cabo-verdiana, contribuindo, sobretudo, no processo das transformações sociais e da humanização deste povo.

Uma reflexão a partir de Gadotti (1996) permita ver que Cabo Verde é um país marcado fortemente por uma educação de cunho liberal, livresca, escolástica, comportamentalista, rígida, mecanicista, assentada na moldura do comportamento humano, através do verbalismo estéril totalmente desligado da realidade do educando. Um ensino, cujo professor é considerado um ser superdotado de conhecimentos científicos e acadêmicos e o aluno é um sabe nada, então, logo estão demarcadas as extremidades entre eles, cuja comunicação é impensável, visto que, o segundo – o “ignorante” não está na posse de informações que o permita compreender o primeiro – o “sábio”. Geralmente, o professor traz para a sala de aula um conhecimento pronto e acabado para ser transmitido ao aluno, sem se preocupar com o contexto sócio-cultural e político-econômico deste, ou seja, sem se preocupar com as bagagens socioculturais. Ainda, se faz necessário registrar que Cabo Verde foi um país que o castigo tanto físico como psicológico, perdurou até a chamada reforma do ensino. Depois daí, a lei proibiu o castigo físico, porém quando não se permitia o castigo físico, passou-se a investir no

psicológico, já que este não deixa cicatrizes visivelmente marcadas no aluno. Assim, a educação tradicional foi tão marcante nesta sociedade que ainda hoje, mesmo nos discursos dos professores ditos mais progressistas percebe-se o rastro da velha educação tradicional. Uma educação que assemelha à educação registrada nas outras paragens como se segue:

A arbitrariedade é a cultura dominante. O “poder arbitrário” é baseado na divisão da sociedade em classes. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente. Este poder necessita camuflar sua arbitrariedade de duas formas: a autoridade pedagógica e a autonomia relativa da escola (GADOTTI, 1996, P. 189).

Então, o seio da formação da sociedade cabo-verdiana é perpassado por uma educação conservadora, reprodutora e arbitrária, uma educação assentada numa sociedade dividida em classes, uma sociedade com marcas da divisão social de trabalho, divisão dos trabalhos entre uns que pensam e concebem e outros que fazem e executam, cuja finalidade maior é conservar e impor os preceitos e a cultura arbitrária da classe dominante e reproduzir a desigualdade social em função dos interesses desta classe, sem se preocupar com uma formação crítica e integral do indivíduo, evitando uma educação consciente, uma formação que leve a transformação social. A escola cabo-verdiana assemelha-se àquela de que Gadotti fala abaixo:

A escola que temos hoje nasceu com a hierarquização e a desigualdade econômica gerada por aqueles que se apoderaram do excedente produzido pela comunidade primitiva. A história da educação, desde então, constitui-se num prolongamento da história das desigualdades econômicas. A educação primitiva era única, igual para todos; com a divisão social do trabalho aparece também a desigualdade das educações: uma para os explorados, uma para os ricos e outra para os pobres (GADOTTI, 1996, P. 23).

Entretanto, com o andar do tempo, seguindo outras paragens no campo educativo, Cabo Verde sentiu-se forçado a mudar os seus métodos do ensino, adotando um método mais flexível, um método que permitisse maior articulação entre o processo ensino/aprendizagem; um método que permitisse aos professores acompanharem mais de perto o quotidiano dos seus alunos; um método de ensino que mesmo que, timidamente, tentasse promover a ligação entre a teoria e a prática. Porém, dadas as raízes históricas da educação cabo-verdiana, ainda tem muita estrada a ser percorrida. Para tal, há que se ter vontade política e pedagógica, de tal sorte que leve os atores

educativos cabo-verdianos a aceitarem e, sobretudo, a perceberem que a educação é algo sistêmico e dinâmico que está sempre em constante transformação, com vistas a atender às demandas que a sociedade impõe. Uma vontade político-pedagógica capaz de desamarrar os atores educativos de certos preceitos, de certas retóricas e de certos apegos aos modelos do passado considerados padrões, de certos tabus e de certos preconceitos, pensando e objetivando uma educação para a era contemporânea, na qual a relação com o outro e a produção do conhecimento já não são as mesmas do passado.

Investir neste tipo de educação é um grande passo para se libertar do conservadorismo e da arbitrariedade das ideologias da classe dominante, que não faz nada mais nada menos que conservar e disseminar a desigualdade e suas idéias dominantes através da educação. Então, se faz necessário investir numa educação transformadora, uma educação capaz de transformar a sociedade, uma educação cidadã que forme um sujeito crítico para o exercício da cidadania. Para tal, é necessário um trabalho integral e “integralizante”, onde os dirigentes da educação e os professores extrapolem os muros departamentais e da escola, para sensibilizar a sociedade, fazendo desta como a primeira e principal parceira de todo trabalho e projetos educativos. Ou seja, fazer da educação uma orquestra, cujos elementos envolvidos possam tomar a consciência da importância que têm no grupo a ponto de se auto-responsabilizarem para a garantia do sucesso de trabalho educativo.

Então, é fundamental que as escolas cabo-verdianas desenvolvam uma educação com base nos projetos político-pedagógicos, cujo princípio primeiro seja o envolvimento de todos, isto é, o envolvimento da comunidade educativa, da sociedade civil, política e econômica, das organizações de bases comunitárias e serviços locais, adotando uma gestão democrática e participativa no próprio ato pedagógico, rechaçando o modelo de gestão vertical e autoritário de cunho liberal, ou seja, uma educação que se assemelha ao projeto político-pedagógico em Gadotti, Romão et. al. (1997). Este tipo de gestão da educação vai ao encontro do que Romão e Padilha chamaram de Planejamento Socializado Ascendente, que, segundo eles, é um tipo de planejamento que contrapõe radicalmente o sistema de planejamento educacional autoritário, vertical, formalístico e burocrático (ROMÃO & PADILHA, 1997).

Contudo, para o desenvolvimento de práticas de saúde, há que se considerar a necessidade de definir campos de ação para a promoção da saúde com vista a construção de políticas públicas saudáveis, a criação de ambientes favoráveis, a reorientação dos serviços de saúde, o desenvolvimento de habilidades individuais, e o reforço da ação comunitária, por meio da responsabilidade social, o que se assemelha às práticas de promoção de saúde propostas em Silveira (2000). Uma das estratégias que promovem a responsabilidade social é a educação em saúde, entendida como a combinação de atitudes e experiências de aprendizagem com vistas a desenvolver o conhecimento e a habilidade conscientes dos indivíduos sobre os determinantes da saúde, sobre o comportamento em saúde e sobre as condições sociais que afetam o estado de saúde individual e da sua comunidade (LEONELLO & ABBATE, 2006).

Então, se faz imperioso fomentar uma educação comunicativa em saúde cujos envolvidos em determinadas etapas da vida apreendem atitudes e habilidades que são articuladas às suas experiências vivenciadas no seu cotidiano. Assim, estes recebem orientações para o reconhecimento e expressão de suas necessidades, possibilitando refletir sobre seu papel histórico e colaborando para possíveis transformações por intermédio da consciência e mudança. Deste modo, a educação em saúde contribui para a formação de uma consciência crítica e reflexiva nos envolvidos, de tal forma que pode resultar na aquisição de práticas que visem a promoção, manutenção e recuperação da saúde individual e da comunidade nas quais estão inseridos; uma educação em saúde que aproxima àquela encontrada em Focesi (1992). Uma educação comunicativa e participativa pode então contribuir para que aos alunos reflitam sobre a saúde com base em uma concepção inserida no contexto social e cultural de promoção de saúde, definida como processo de capacitação da comunidade, para atuar na melhoria da qualidade de vida e saúde, incluindo maior participação no controle desse processo. A promoção à saúde remete a construção de práticas que colaborem para a construção e desenvolvimento de hábitos saudáveis, indivíduos responsáveis, autônomos e conhecedores do direito político, econômico, social e cultural à saúde (LEONELLO & ABBATE, 2006).

CAPÍTULO III – REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo do processo da seleção, identificação e definição do problema de pesquisa o pesquisador passa por um processo de amadurecimento através das revisões de literatura, onde o seu problema pode passar por uma série de metamorfoses, desde a problemática sentida⁴ até a problemática racional⁵. O presente trabalho, no âmbito do seu problema de investigação vai se debruçar sobre as questões de adolescência, sexualidade e o programa de educação sexual na prevenção das IST/HIV/SIDA com os adolescentes de uma escola secundária de Cabo Verde.

Para tal, foi revisada a literatura que abarca estas temáticas, com o intuito de dar um suporte teórico consistente à presente investigação e, ao mesmo tempo, pensar em mecanismos que favorecem uma triangulação dialógica entre as teorias e a produção e análise de dados, a partir do trabalho de campo. Assim, a revisão de literatura permite ao pesquisador ampliar a sua compreensão sobre a problemática da pesquisa, dotando-lhe de ferramentas capazes de estabelecer diálogos mais assertivos com os materiais produzidos durante o trabalho de campo.

3.1 Adolescência

A adolescência é um termo originário do latim “adolescere” que quer dizer “crescer” ou “crescer até a maturidade” (MUUSS, 1966). Trata-se de um tema que vem recebendo inúmeros tratamentos nos mais diversos campos de conhecimento. Por isso, não há uma visão unívoca no que concerne a sua abordagem. Desta forma, o sentido da adolescência varia de sociedade para sociedade onde o indivíduo está inserido, visto que cada sociedade possui características peculiares, de ordem econômica, ideológica e política que condicionam a constituição da adolescência, ou seja, reconhecer-se adolescente e definir o período que compreende a adolescência podem variar de cultura para cultura, da diversidade dos povos, das concepções de mundo de cada povo e dos costumes

⁴ Problemática sentida – conhecimentos brutos e construídos de várias ordens, onde as capacidades intuitivas ganham importância. Assim, a percepção inicial de um problema é, muitas vezes, pouco racional (LAVILLE & DIONNE, 1999).

⁵ Problemática racional – é a longa operação de objetivação que conduz a operação durante a qual o pesquisador analisa as múltiplas facetas de seu problema, com auxílio da revisão de literatura, com vista a objetivação e delimitação da própria problemática (LAVILLE & DIONNE, 1999).

existentes em cada sociedade (MUUSS, 1966). De um lado, os Antropologistas dão muita importância ao ambiente social, de outro, a abordagem essencialista propagada pelos psicanalistas e na psicologia em relação à adolescência enfatiza a dimensão psíquica (MUUSS, 1966).

É certo que, a adolescência é um fenômeno complexo que pode ser compreendido a partir de diferentes prismas, como: biológico, psicológico, jurídico, político, econômico, religioso e sócio-cultural, variando de acordo com o campo de concentração disciplinar. Entretanto, é fundamental se ter em mente que nenhuma destas perspectivas, isoladamente, é capaz de definir esta fase do desenvolvimento humano.

a adolescência corresponde ao período referente ao segundo decênio da vida, ou seja, dos 10 aos 19 anos de idade. Este conceito é definido tendo como base a passagem das características sexuais secundárias para a maturidade sexual, a evolução dos padrões psicológicos, juntamente com a identificação do indivíduo que evolui de fase infantil para a adulta, e a passagem do estado de total dependência para o de relativa independência (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004, p. 404).

No campo sociológico, a adolescência corresponde ao período de transição da infância para idade adulta; no campo psicológico, a adolescência está mais associada ao ajustamento de comportamento, permitindo diferenciar o indivíduo tanto da criança como do adulto, visto que ele possui características únicas e específicas que lhe diferencia dessas duas fases (MUUSS, 1966). Em termos cronológicos, a adolescência corresponde ao período entre os doze a treze anos – período da puberdade – até os vinte poucos anos, dependendo das particularidades individuais e culturais de cada pessoa (MUUSS, 1966). Porém, os marcos cronológicos que determinam o período de adolescência não são consensuais, pois na literatura, diferentes estudiosos atribuem recortes a essa faixa etária de modo diferenciado. Entretanto, muitos apontam para a necessidade da superação da delimitação da adolescência enquanto a faixa etária, visto que existem muitos outros aspectos heterogêneos que são marcantes e condicionantes a esta caracterização (MUUSS, 1966; HEILBORN, 2006).

A idéia da adolescência como operação psíquica vale o que vale, mas teve o mérito de liberar o conceito de adolescência da idéia de etapa cronológica. Pensá-la como instituição histórico-cultural logrou desnaturalizar o conceito tornando-o capaz de ser pensado em psicanálise. Também o fez pensável para todos aqueles para quem a

investigação sobre a subjetividade tem hoje algum sentido (RUFFINO, 1995, p. 42).

Assim, a idéia de que a adolescência é um construto sociocultural e político - econômico permite afirmar que a idade não é suficiente para essa identificação, sabendo-se que numa mesma faixa etária pode haver grande heterogeneidade em função dos contextos sociais, políticos, culturais, econômicos, religiosos de um país ou de um povo, isto é, a heterogeneidade dos costumes e das práticas de vida particulares. A fase da adolescência é uma construção que está intimamente vinculada à estrutura de uma sociedade, tanto nas questões de caráter social como econômico, dependendo do lugar que cada indivíduo ocupa em relação à estrutura social (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004).

Entretanto, como diz Kuhlen, a adolescência é o período de ajustamento sexual, social, ideológico e vocacional, e de luta pela emancipação dos pais. Portanto, do ponto de vista psicológico, o critério para o término da adolescência não é tanto uma determinada idade cronológica, como o grau em que se alcançou tais ajustamento (MUUSS, 1966, p. 18).

Mas, a adolescência é uma fase caracterizada pelas mudanças fundamentais na vida de um sujeito. Acontecem mudanças tanto a nível fisiológico-corporal como psicológico. Assim, é fundamental considerar alguns determinantes como econômicos e sócio-culturais, ou seja, a adolescência é uma fase que está estreitamente relacionada a determinadas transformações biopsicossociais que ocorrem no indivíduo e, por isso, pode anteceder ou suceder à puberdade. Suas características e seu início e fim estão intimamente ligados ao ambiente sócio-cultural (BASTOS; MORRIS & FERNANDES, 1989).

Além de ser vista a partir de critérios fisiológicos, da puberdade e sociológicos, a adolescência deve ser definida, sobretudo, como operação psíquica (RASSAIL, 1995). A adolescência como campo de investigação da psicanálise começou em 1905, com o capítulo de três ensaios sobre a sexualidade de Freud (FREUD, 1995). A adolescência, do campo psicanalítico e da psicologia, já recebeu inúmeros rótulos pejorativos e patológicos ao longo do tempo, tendo sido constantemente taxada como uma fase problemática, de turbulência, vulnerabilidade, tempestade, crise, incerteza, tensão, agressividade, superatividade, rebeldia, instabilidade, distúrbio, crítica, perturbadora,

errática, dentre outros estereótipos quando o indivíduo está sujeito a situações psicopatológicas (MUUSS, 1966), entendido como período crítico por vários autores (MELMAN, 1995; PENOT, 1995; HÉBERT, 1995; BALMER; GIKUNDI, et. al. 1997).

Segundo Muuss (1966),

Hall descreveu a adolescência como sendo um período de “tempestade e tensão”. [...]. Hall percebeu a vida emocional do adolescente como uma oscilação entre tendências contraditórias. Energia, exaltação, e superatividade, são seguidas por indiferença, letargia, desprezo. Uma alegria exuberante, gargalhadas e euforia cedem lugar à disforia, depressão e melancolia. O egoísmo, a vaidade, e presunção são tão característicos deste período como o abatimento, humilhação e timidez (MUUSS, 1966, p. 23).

Portanto, a adolescência é um período marcado por muitas transformações, registrando mudanças significativas e profundas tanto a nível comportamental como nas estruturas físicas, ou seja, durante este período a pessoa passa por um processo de maturação quer física como psicologicamente. Nesta fase a pessoa começa a conquistar alguns status sociais. Muuss ainda destaca que o ser adolescente está fortemente marcado por alguns fatores tais como geográficos, culturais e pelo status sócio-econômico.

O adolescente e seus problemas estão relacionados com a mudança de grupo. Ele não pertence mais ao grupo infantil e não é mais considerado como criança. Nem tampouco pertence ainda ao grupo adulto e goza de seus privilégios, apesar das atividades adultas poderem ter uma valência positiva para ele. Dessa forma, encontra-se em um estágio de transição social; ele está se transferindo de um grupo para o outro, mas não pertence nem a um nem a outro. É um “proscrito social”, para se usar um termo bastante radical. (MUUSS, 1966, p. 88).

Assim, a adolescência é constitutiva da subjetividade a partir das condições histórica e cultural favoráveis, suscetível de adolecer. Nesta fase o sujeito se encontra frente a algumas situações como, por exemplo, a sua relação com a ordem de filiação, tendo em conta que ele abandona a infância, mas não consegue adquirir o estatuto do adulto para assumir as conseqüências dos seus atos, porque, ele não pertence nem a criança e nem o adulto, então, qual será a sua responsabilização, e de sua relação com o outro sexo (RUFFINO, 1995).

Há óbvias divergências a respeito do significado, definição, características e padrões futuros da adolescência. Entretanto, há também um acordo substancial entre as diferentes teorias, especialmente se deixarmos de lado as posições teóricas pioneiras mais radicais. A evidência empírica parece haver refutado algumas das afirmativas iniciais. [...]. Parece haver pouca divergência com relação à idéia de que a adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta. [...]. O pressuposto mais aceito é de que a infância, a adolescência e a idade adulta são três períodos que podem ser reconhecidos psicologicamente e sociologicamente, e mesmo fisiologicamente. Também se aceita que há diferenças tanto individuais como culturais na duração da adolescência, bem como na idade de início e término da mesma. A maturação mais rápida das moças é geralmente reconhecida. As mudanças fisiológicas da pubescência são frequentemente usadas para determinar o início, enquanto critérios sociológicos – isto é, o status adulto, os deveres e privilégios, bem como o casamento, o término da educação e a independência econômica – são mais frequentemente citados como o final daquele período. O final da adolescência depende primeiramente dos requisitos e condições culturais. Ocorre mais cedo nas culturas primitivas e mais tarde nas mais civilizadas (MUUSS, 1966, pp. 131-135).

Entretanto, em países em desenvolvimento, como muitos do continente africano, o fenômeno de adolescência é mais complicado pelo componente da diversidade étnica e cultural, do que nos países industrializados. Há, pois, que se considerar que a adolescência é um período da vida humana que varia de cultura para cultura e mesmo dentro de uma mesma cultura ela pode variar de acordo com as condições sociais do meio, isto é, a percepção da adolescência no meio rural pode ser diferente da do meio urbano, mesmo dentro de um mesmo país (BALMER; GIKUNDI, et. al. 1997).

Em grande parte dos países africanos, a adolescência é marcada por rituais de passagem mais ou menos explícitos. Nesses rituais há um mosaico de regras e normas conhecidas como lei habitual que regula todo processo de comportamentos sociais, inclusive os ritos de passagem da infância para maioridade, nos quais o adolescente é submetido a vários sacrifícios para comprovar a coragem como: circuncisão, mutilações corporais, enfrentamento de alguns animais que simbolizam poder e coragem, masoquismo, lutas sangrentas, provas públicas de masculinidade, entre outras práticas rituais (BALMER; GIKUNDI, et. al. 1997). Por exemplo, a idéia de que a circuncisão promove a transição da infância para maioridade, uma vez que há um agrupamento de eventos, principalmente associados às mudanças dos aspectos físicos e psicológicos, registrando

adoção de padrões de comportamento novos socialmente (BALMER, GIKUNDI, et. al. 1997).

Os rituais de transição social estão presentes, de uma forma ou de outra, em todas as sociedades, associando as mudanças do ciclo vital humano às mudanças de posição social, relacionando os aspectos fisiológicos com os aspectos sociais da vida de um indivíduo. Exemplo disso são os rituais associados à gravidez, ao parto, à puberdade, à menarca, aos casamentos, aos funerais e aos problemas graves da saúde (HELMAN, 2003, p. 209).

Os estudos relacionados com as questões dos adolescentes, principalmente no campo da educação e da saúde, vêm ocupando lugar de destaque nos últimos anos, frisando em especial a saúde sexual e reprodutiva, em que a sexualidade ocupa lugar central (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004). Faz-se necessário destacar que o debate sobre a sexualidade atravessa as diferentes áreas de conhecimento, respeitando os contextos sociais e culturais das populações de cada grupo específico de que trata (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004).

Os fatores de risco potenciais à saúde estão aumentando entre os adolescentes, porque estes estão se tornando sexualmente ativos mais precocemente, registrando-se intercurso sexual com vários parceiros e sem o benefício de contracepção efetiva ou regular, o que, conseqüentemente, podem levá-los a contraírem as IST e/ou gravidez precoce e não planejada (BALMER, GIKUNDI, et. al. 1997).

Partindo do raciocínio de que a adolescência é uma construção que varia de sociedade para sociedade (AYRES & FRANÇA JÚNIOR, 1996), então se questiona: o que é ser adolescente na sociedade cabo-verdiana? Esta é uma das perguntas de investigação que, no decorrer deste trabalho, tenta-se responder a partir da construção do conceito da adolescência cabo-verdiana, segundo os atores envolvidos em um Programa de Educação Sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA.

O problema da SIDA no mundo incrementou ainda mais a preocupação das várias organizações governamentais e não governamentais, a sociedade civil, Organizações das Nações Unidas a se engajarem na luta contra esta epidemia, enfatizando principalmente a camada dos adolescentes como sendo o grupo que mais precisa de

apoio, sabendo que é ali que o indivíduo mais se afirma e também quer descobrir o novo, ou seja, é uma fase extremamente importante na construção da personalidade do sujeito, onde ocorrem as grandes transformações físicas e mentais com vista ao redimensionamento da identidade e de papéis sociais (AYRES & FRANÇA JÚNIOR, 1996).

Há uma grande preocupação com as questões ligadas aos adolescentes por parte dos mais diversos atores sociais mencionados anteriormente, priorizando ações concretas no seio deste grupo social, com vista a informá-los, de tal forma que lhes permitam desenvolver novas atitudes, hábitos, habilidades, valores, comportamentos e competências, para poder enfrentar situações-problema, ou seja, dando-lhes um conjunto de ferramentas que lhes permitam enfrentar os problemas adversos na vida cotidiana.

3.2 Sexualidade

A sexualidade é um tema igualmente complexo e delicado, cujo tratamento e abordagem dependem muito do posicionamento e do campo de conhecimento do autor, e do enfoque que ele quer dar, destarte registra-se a dificuldade de formular uma visão unívoca da sexualidade (LOYOLA, 1998; BIRMAN, 1998; CASTRO, ABROMOVAY & SILVA, 2004). Portanto, falar de sexualidade hoje não é a mesma coisa que falar de sexualidade a 100 ou 200 anos atrás, porque ela não é fixa, tendo em conta a transformação dos fenômenos sociais, econômicos, políticos e relacionais, ou seja, os padrões atuais de relacionamentos conjugais, familiares e amorosos são bastante diversificados em função da própria transformação social, tanto entre uma sociedade em relação a outra, como dentro da mesma sociedade ou grupos sociais; até porque a sexualidade de um indivíduo acompanha a sua própria trajetória de vida (LOYOLA et. al. 1998; CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004). Deste modo, para falar de sexualidade é imprescindível situar o debate dentro de um determinado contexto sócio - filosófico, cultural, econômico, político. Ou seja, a sexualidade é uma construção social com base na cotidianidade e na personalidade de um sujeito (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004; VANCE, 1995).

Assim, a sexualidade pode ser abordada em relação à família, ao parentesco, ao casamento e à aliança (Loyola e Pierret) ou como uma ameaça à ordem social (Pierret e Corrêa). Ela pode ser abordada, ainda, como constitutiva da subjetividade (Birman e Costa) e/ou da identidade individual (Birman e Rios) e social (Rago); como representação (Giami), ou como desejo (Birman e Rios); como um problema biológico/genético (Corrêa), político (Loyola) e moral (Costa) ou, mais direta e simplesmente, como atividade sexual (Bozon) (LOYOLA, 1998, p. 10).

A sexualidade é algo que extrapola o sexo, a reprodução e o orgasmo, contudo, ela contém esses elementos, ou seja, ela não está limitada apenas ao contexto relacional. É um processo que se desenvolve ao longo da vida de um indivíduo. A sexualidade deve ser entendida no momento histórico, experimentada ou expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, religião, concepções, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos, levando em conta o contexto sócio-econômico onde está inserido o adolescente (BASTOS; MORRIS & FERNANDES, 1989; CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004; PERES et. al. 2000). Portanto, a sexualidade é uma área multifacetada. Ela não deve ser reduzida a atos e acordos entre homens e mulheres, mas, deve ser entendida dentro de um contexto cultural e histórico de maneira pluridisciplinar e “intradisciplinar”, tendo em consideração a forma como as diversas disciplinas abordam este tema e de como é abordado dentro de uma mesma disciplina, onde os comportamentos sexuais devem ser entendidos como práticas enraizadas no social, atendendo a própria polissemia, a complexidade e as multiplicidades de significados atribuídos à sexualidade (BASTOS; MORRIS & FERNANDES, 1989; DOWSETT, 2006; BIRMAN, 1998; LOYOLA et. al. 1998).

Os diferentes campos disciplinares, inclusive a medicina, que vêm trabalhando com o conceito da sexualidade constataram algumas dificuldades em termos de aceitação e categorização na identificação dos indivíduos a partir do pólo binário do sexual, ou seja, dificuldades em identificar as pessoas em função de um dos dois sexos (CORRÊA, 1998). A título de exemplo,

A aceitação de uma binaridade sexual estabelecida nessas bases tem sido fonte de problemas para o estudo da sexualidade, tanto na medicina como em outras disciplinas. Até hoje, não foi possível superar uma categorização na qual as pessoas deverão ser identificadas em relação a um dos dois sexos: um heterossexual (que se atrai pelo sexo oposto), o homossexual (que sente atração pelo

mesmo sexo), o bissexual (pelos dois sexos), o transexual (que passa de um ao outro sexo), o intersexual (portador de síndromes orgânicas nas quais a pessoa tem, em algum nível, características dos dois sexos). [...]. Estes casos, que produzem quadros patológicos de genitália ambígua, mulheres “aparentes” que guardam testículos dentro do abdômen, homens geneticamente mulheres (XX) colocam todo tipo de dificuldade para a medicina, não só no aspecto clínico – de diagnóstico e tratamento destas condições – como, no caso de grandes alterações, da simples nomeação do sexo a ser asignado no momento do nascimento (CORRÊA, 1998, pp. 88 e 89-90).

De todo modo, a sexualidade humana está intimamente vinculada à personalidade de um indivíduo, constituindo-se numa das necessidades básicas do ser humano que extrapola o momento específico do ato sexual. Por isso, a sexualidade interfere na saúde física e mental de um sujeito, isto é, na sua personalidade, influenciando os seus pensamentos, sentimentos, aspirações, ações, inserções sociais e a sua forma de se relacionar com os outros na sociedade. Portanto, a saúde sexual, igualmente à saúde, deve ser considerada um direito básico e fundamental do ser humano (PERES et. al. 2000).

Assim, para a construção do campo da sexualidade, Freud forjou o conceito de perversidade polimorfa. Enquanto perversa-polimorfa, a sexualidade existiria desde sempre no sujeito, independentemente do registro biológico do sexo, podendo acontecer na infância, na maturidade e na velhice, tornando-se relativamente autônoma dos processos hormonais. Desta forma, a sexualidade foi concebida em autonomia do registro da reprodução biológica, de maneira tal que aquilo a que o sujeito visaria pelo erotismo seria primordialmente a satisfação e o gozo (BIRMAN, 1998, p. 106).

Com esta e outras definições sobre a sexualidade, percebe-se que ela é algo muito complexo, pois envolve pensamentos, emoções, razões, anseios, bem-estar físico e mental, necessidades, prazer, a procura do outro, amor, erotismo, reprodução, identidade sexual, orientação sexual, educação sexual, de entre outros. Assim, ela é um construto, envolvendo vários fatores como, sociais, culturais, religiosos, políticos, econômicos, crenças (BASTOS; MORRIS & FERNANDES, 1989). Vance alega que a teoria construtivista da sexualidade corrobora que o próprio desejo sexual de um sujeito é uma construção, a partir da própria vivência deste indivíduo, da sua integração na sociedade, da cultura e da história a que ele pertença em função das suas necessidades e energias corpóreas, com isso, rejeitando a visão essencialista da sexualidade (LOYOLA, 1998).

Reconhecer a sexualidade como construção social assemelha-se a dizer que as práticas e desejos são também construídos culturalmente, dependendo da diversidade de povos, concepções de mundo e costumes existentes; mesmo quando integrados em um só país, como ocorre no Brasil. Isso envolve a necessidade de questionamentos de idéias majoritariamente presentes na mídia, em condutas idealizadas, que são 'naturalizadas', e, assim, generalizadas para todos os grupos sociais, independentemente de suas origens e localização (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004, apud FIGUEIREDO, p. 33).

Assim, nota-se certa plasticidade ao tratar do conceito de sexualidade, onde se faz necessário tomar em consideração a história de vida do sujeito, com os seus mais variados fatores mencionados anteriormente, os quais se inter-relacionam, formando um todo da personalidade do indivíduo. Então, a partir dessas colocações, pressupõe-se que tratar da sexualidade remete a pessoa/pesquisador a certa polêmica, tendo em conta a diversidade dos fatores que interferem no conceito da mesma que, por sua vez, instiga a pessoa/pesquisador deste assunto a tomar uma determinada posição, respeitando a sua própria maneira de se relacionar e de conceber o mundo.

Com isso, aponto que a sexualidade é algo que domina todos os setores da esfera social, e como tal a educação não fica de fora. Sabendo que não existe um consenso no seu tratamento por sua complexidade e polissemia, ou seja, não há uma perspectiva única de abordar a sexualidade, logo, acontece muita controvérsia quanto ao seu tratamento devido aos vários campos disciplinares e até dentro do mesmo campo disciplinar, o endereçamento da sexualidade pode variar (LOYOLA et. al. 1998; CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004). A visão não unívoca quanto ao tratamento da sexualidade, transcende à esfera escolar, visto que, os atores que fazem parte da comunidade escolar possuem concepções diversificadas sobre a sexualidade, assim sendo, a sua abordagem no próprio ambiente escolar varia isto, porque, tratar deste assunto no universo escolar envolve muitas questões como – crenças, valores, tabus, interditos, sentimentos específicos de cada ator que compõe esta comunidade (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004).

Numa perspectiva antropológica, a sexualidade constitui a base onde está assentada a própria sociedade, a qual é regida pelas normas reguladoras de aceitação e de proibição a serem seguidas pelos indivíduos que compõem a sociedade ou sociedades, até porque estas normas podem variar entre as diferentes sociedades. Esta permissão e coibição que

legitimam a sexualidade em cada sociedade dependem de alguns fatores de ordem biológica, psicológica, cultural e social (LOYOLA, 1998).

Assim, a análise da vida sexual envolve uma dupla referência: impulsos biológicos e regulamentação social. Malinowski distingue dois grandes grupos de proibição: “os tabus gerais, que qualificam certas formas de sexualidade como repreensivas, indecentes e depreciáveis, e as restrições sociológicas que eliminaram certos indivíduos ou grupos do acesso sexual” (LOYOLA, 1998, p. 20).

Ademais, cabe neste estudo, considerar a relação gênero e sexualidade, embora, não pareça surpreendente dizer que gênero e sexualidade são coisas diferentes (DOWSETT, 2006). Na vida social, o sexual é engendrado pelo moralismo como sendo uma das referências básicas para a construção de masculinidade estereotipada e divisões assimétricas entre homens e mulheres, isto é, divisões desiguais entre os sexos. E a tendência atual é causar e manter uma cultura de masculinidade, por detrás da qual está potencializada a violência em diversos prismas. Porém, existem vários organismos no mundo inteiro que lutam pela promoção dos direitos das minorias, dos direitos das crianças, dos direitos das mulheres, assegurando o bem estar destes sujeitos. E quando se tratam das questões ligadas à epidemia da SIDA, as diferenças de gênero influenciam e determinam a própria compreensão da pandemia dos vírus HIV no mundo (DOWSETT, 2006).

A relação assimétrica entre os homens e as mulheres repercute na forma do contágio e da transmissão da pandemia da SIDA no mundo. Assim, essa relação pode se configurar em um fenômeno que ultrapassa o plano familiar e desenrola também no contexto mais abrangente das relações sociais. A própria sociedade fomenta esta assimetria entre homens e mulheres, seja através das divisões social e material do trabalho, utilizando meios de propagação e disseminação como as escolas a partir de certos programas e conteúdos trabalhados, seja através da mídia, principalmente quando se refere aos programas sexistas e sensacionalista sem fins educativos, cujo objetivo é atrair os telespectadores. Assim, a divisão social do trabalho reflete-se, também, na divisão assimétrica do trabalho entre os gêneros, ressaltando os prejuízos das mulheres em relação aos homens.

[...]. Essas duas concepções de gênero - a primeira, a descrição de diferenças e da divisão. A segunda, o princípio estruturador – são

importantes para compreender o que vem acontecendo na pandemia global de HIV. [...]. O foco no gênero enquanto diferença sexual é a primeira dentre as características predominantes do gênero que permeia nosso pensamento sobre HIV/AIDS. [...], mais ainda se sustentarmos o argumento de que o gênero é uma distinção socialmente construída (DOWSETT, 2006, pp. 40-2).

Deste modo, se torna fundamental investir em uma educação sexual que permita sanar com as assimetrias entre os sexos, garantindo-se a igualdade e a equidade entre os gêneros. Assim, será possível ter uma sociedade mais saudável, a partir de ações concretas sobre a saúde sexual e reprodutiva, sobre as IST/HIV/SIDA, sobre programas de intervenção e promoção de educação sexual, e de outros problemas que abalam o cotidiano social, quando homens e mulheres são garantidos iguais direitos de oportunidades e deveres.

3.3 Educação Sexual

A educação sexual é algo que não se restringe à esfera escolar e sim, abrange a família, a comunidade e a sociedade como um todo. Ou seja, a educação sexual é conformada no universo da sociedade. Ela é um processo de assimilação ativa de conhecimentos, informações, atitudes, valores, comportamentos, com vistas a permitir ao indivíduo agir com competência perante as situações-problema do seu cotidiano.

Segundo Peres et al. (2000), a educação sexual é um processo informal trabalhado inicialmente no contexto familiar e se desenvolve por toda a vida, com interferência, também, da mídia, da ciência, dos costumes e inclusive da própria escola. A partir da educação sexual são aventadas discussões sobre a sexualidade, com vistas a uma orientação sexual, onde podem ser refletidas questões ligadas a valores, costumes, atitudes, preconceitos, crenças, de tal forma que permita ao indivíduo ter bons e melhores conhecimentos sobre a sexualidade e desenvolver/despertar a consciência para uma vivência sexual com mais responsabilidade.

A educação sexual faz parte da construção social da sexualidade. A sua apreensão leva o indivíduo a incorporar um determinado estilo de vida fundamentado nos valores,

atitudes e crenças. Para tal, é preciso pensar em uma educação sexual realista nas escolas, que parte do contexto sócio-cultural e histórico do sujeito. Uma educação sexual que entenda a sexualidade como construto social, bem como tudo o que tiver relacionado a ela, como, por exemplo, a representação da prevenção das IST/HIV/SIDA e da gravidez.

É preciso educar homens e mulheres (de todas as idades) sobre os comportamentos sexuais saudáveis e o sexo seguro, a anatomia e o funcionamento básico da reprodução, os riscos do sexo sem proteção, os métodos de prevenção da gravidez e das IST, o que causa infertilidade ou não, e que se pode fazer a respeito ou não. Isto pode ser obtido de muitas maneiras: através de fortalecimento dos programas escolares de competências para a vida, incorporação dessas mensagens em programas de planejamento familiar, de saúde da família, de prevenção das IST e AIDS, nos serviços de atendimento pré-natal e obstétrico, nos serviços do aborto e pós-aborto e nos programas de saúde dirigidos aos adolescentes, bem como através de campanhas públicas e educativas mais ampla (BRADY, 2006, p.56).

Para falar na educação sexual é fundamental pensar numa educação onde a relação entre o educador e o educando se dê de forma horizontal, através de diálogo, fomentando um clima de confiança mútua, onde os alunos se tornem sujeitos ativos na construção de uma aprendizagem significativa. Isto é, uma educação em que o educador apenas facilite e oriente o processo ensino-aprendizagem. Neste tipo de educação o educador não tem espaço para ocupar o núcleo de saberes e os alunos por seu turno não estão em posição de não saber nada, mas sim é uma educação que permite trocas entre estes dois atores do processo de ensino-aprendizagem.

Para Ayres, a educação no seu sentido pleno não se processa a partir de uma relação assimétrica entre o sujeito/professor que se considere como o dono do saber diante de um objeto/aluno que se configure meramente como a ferramenta do trabalho deste educador. Pois a educação no seu sentido pleno se configura a partir de uma co-presença dos dois atores do processo ensino/aprendizagem – educador/educando, isto é, o ato de educar exige, obrigatoriamente, trabalhar numa perspectiva de uma presença efetiva de interações contínuas de um sujeito diante do outro sujeito e não de um sujeito diante de um objeto da aprendizagem. É através de uma abordagem dialógica,

configurada a partir da co-presença do educador e educando que acontece efetivamente o encontro educativo (AYRES, 2002).

Ayres alega que é necessário aos educadores pensarem nas estratégias de prevenção que privilegiam os contextos intersubjetivos, onde vigoram as modalidades particulares de encontro dialógico entre os professores e os alunos. Ao adotar uma estratégia dialógica no processo ensino/aprendizagem os professores deixam de ser o dono da gnosiologia e os alunos, por sua vez, desocupam o lugar de receptores passivos dos conhecimentos transmitidos, que, geralmente, são conhecimentos prontos e acabados. Assim, ao privilegiar uma estratégia dialógica no processo ensino/aprendizagem, a relação professor/aluno passa a ser uma relação horizontal em que o primeiro apenas orienta, intervém, direciona e facilita a aprendizagem dos conhecimentos ao segundo, ou seja, o encontro entre o professor/aluno deve ser um encontro prazeroso, baseado numa perspectiva freiriana onde ninguém ensina nada a ninguém e sim um aprende com o outro (FREIRE, 2000).

A ação educativa em saúde é um processo dinâmico e contínuo, que objetiva capacitar indivíduos e/ou grupos da comunidade para refletirem criticamente sobre as causas e problemas de saúde de forma que os permitam ter uma atitude responsável mediante os problemas que surgem no seu cotidiano (TORRES & ENDERS, 1999).

Falar da prevenção, especialmente, prevenção das IST inclusive SIDA não se constitui uma missão fácil, visto que, restringe as pessoas a um conjunto de situações que antes eram tidas como fascinantes, onde têm que se desfazer de certos prazeres e como troca, estas pessoas, estão precavendo a própria vida de um mal que é a SIDA (BARBOSA & PARKER, 1999).

A prevenção da SIDA, na esfera das relações sexuais, envolve um aspecto relacional de pelo menos duas pessoas, o que torna essa tarefa mais difícil e complexa ainda (BARBOSA & PARKER, 1999). Por isso, a prevenção exige o desenvolvimento da consciência e da determinação do indivíduo, isto é, para se prevenir é necessário desenvolver um conjunto de ações, tanto na esfera cognitiva, como afetiva e psico-

motora. Assim, a prevenção da SIDA implica que o sujeito desenvolva um projeto de vida, contemplando três esferas: o saber, o saber-ser e o saber-fazer.

Contudo, a prevenção da gravidez precoce, como da SIDA e de outras DST deve ser concebida dentro de uma perspectiva sócio-cultural e histórica do indivíduo, levando em consideração os fatores ambientais, políticos e econômicos do sujeito. Caso contrário seria como mudar radicalmente um animal do seu habitat natural, por exemplo, tirar o peixe do mar para colocá-lo em um rebanho de boi, ou mandar um ser humano ficar debaixo da água por muito tempo na ausência de oxigênio. Então, são conjuntos de aspectos que devem ser incluídos em quaisquer programas de prevenção, a fim de obter a mudança desejada e necessária.

Até porque, os indivíduos constroem a própria definição do risco de HIV e das outras infecções sexualmente transmissíveis, a partir do próprio contexto social, com significados, crenças e valores, repercutindo diretamente nos discursos e nas práticas preventivas (BAJOS, DUCOT et. al. 1997). Assim, as funções e significados atribuídos em geral à sexualidade, e as atitudes para o risco sexual em particular, estão relacionados com o percurso de vida de cada indivíduo (BAJOS; DUCOT et. al. 1997).

Segundo Ayres et al. (2003), a prevenção da SIDA entre os jovens escolares pode ser agrupada mediante duas estratégias: a primeira valoriza a modificação de comportamento de risco através da disseminação e transmissão de informações. Neste contexto é adotado um programa de educação com vista a modelar o comportamento do indivíduo, isto é, o problema estaria no indivíduo isoladamente e não na sociedade como um todo. Por isso, espera-se que moldando o comportamento do sujeito através de transmissão de informações o problema se resolveria. Contudo, geralmente estas informações da prevenção da SIDA levadas aos escolares estão dissociadas da realidade sócio-cultural e político-econômica do mundo que os circundam. Assim, são constatados que muitos programas educativos impostos aos escolares, inclusive os de Organizações das Nações Unidas, não surtem um efeito positivo, porque não conseguem cativar os interesses dos alunos pelos mesmos. A segunda estratégia pretende transformar os contextos favorecedores de comportamentos de risco, trabalhando, sobretudo as questões culturais, econômicas, políticas e morais que estão na base desses comportamentos. Neste caso, são abordadas questões estruturais,

contextuais e facilitadoras que determinam a exposição ao HIV/SIDA. O trabalho da modelagem do comportamento do indivíduo dá lugar a um trabalho de ações concretas a partir do cotidiano do mesmo, levando em consideração todo o conjunto de problemas que ele enfrenta no seu dia-a-dia. Nesta estratégia, é programado um trabalho de forma integrado e abrangente, envolvendo tanto aspectos individuais como sociais e programáticos sobre a prevenção das IST/HIV/SIDA (AYRES, et. al. 2003).

As campanhas de prevenção baseadas na promoção de responsabilidade individual não são as mais adequadas para evitar a disseminação das IST/HIV/SIDA, bem como para reduzir a taxa de gravidez precoce entre os adolescentes, pois essas estratégias de educação em saúde e prevenção enfatizam a responsabilidade individual. Além disso, para ser efetiva a prevenção, as estratégias têm que levar em conta a complexidade dos processos políticos e sociais de prevenção de SIDA, mediante o reconhecimento da construção social da sexualidade. Nesse sentido, é fundamental encorajar as pessoas a dialogar mais à-vontade sobre a sexualidade, de forma a se conscientizar para modificar os próprios comportamentos em relação à mesma. Outrossim, para uma educação preventiva em saúde, seria o imperativo desenvolver formas novas e mais variadas de mensagens para promover o uso de preservativo, sem esquecer das representações sociais do sujeito relativo ao amor, ao sexo, às IST/HIV/SIDA e à sexualidade na sua aceção mais ampla (BAJOS, DUCOT et. al. 1997).

Ainda, a noção da exposição ao risco às IST/HIV/SIDA neste trabalho de dissertação também é abordada mediante a compreensão de que o risco é uma construção social. Bajos, Ducot et al. (1997) argumentam sobre a importância de centrar a resposta social para o risco coletivo, entendendo o risco como uma construção social. Este seria um passo importante para a formulação de políticas e estratégias eficazes para a prevenção da SIDA e outras infecções sexualmente transmissíveis, bem como de gravidez nos adolescentes.

A SIDA é considerada metaforicamente a doença do século XX e, por enquanto, é também do século XXI, isto porque, é uma doença que ainda não tem cura; tem grande magnitude e difícil controle, e mobiliza sentimentos de ansiedade nas pessoas, como medo, tristeza, insegurança, falta de auto-estima, punição divina, colapso do ordenamento da sociedade, dentre outros. Na mente de muitas pessoas, a SIDA é uma

doença que simboliza a metáfora para vários perigos da vida cotidiana (HELMAN, 1994; 2003). A SIDA é uma doença infecto-contagiosa de larga magnitude, cuja disseminação não tem fronteiras. Inicialmente, com o aparecimento deste evento, era atribuída a grupos minoritários como homossexuais, lésbicas, prostitutas, bissexuais, isto é, indivíduos que eram considerados portadores de “desvios ou anomalias sexuais”, que, por conseguinte carregavam muitos rótulos pejorativos. Porém, pouco a pouco se verificou que a SIDA também estava se alastrando no seio das pessoas heterossexuais, inclusive pessoas casadas – que são consideradas “normais”. Pois bem, as ilações que se possam tirar a partir destas colocações são derivadas do fato de que a SIDA é uma doença que não escolhe a cor da pele do indivíduo, raça, classes sociais, gênero da pessoa, religião, crenças, isto é, ela é uma doença que translada e pode atingir qualquer um, independentemente da etnia ou status quo que possui. Por isso, perante a não descoberta de uma vacina ou qualquer medicamento capaz de destruir o vírus da SIDA no organismo humano, a melhor e única “vacina” que possa combater a SIDA é o investimento sério numa educação preventiva na luta contra este mal.

As mudanças nos padrões de relacionamento sexual exigidas para a prevenção do HIV pressuporiam um esforço social do mesmo porte, bem como exigiriam uma redescritção da infecção pelo HIV, de modo a situá-la como uma possibilidade colocada para qualquer indivíduo sexualmente ativo, e não apenas para os desviantes. É nessa direção que tem sido proposta a disseminação do termo vulnerabilidade, em contraposição a risco. Entendida como efeito da mútua potencialização de fatores de diferentes ordens – individuais, sociais, políticos e programáticos –, a idéia de vulnerabilidade pretende reduzir o peso da decisão individual de ter ou não sexo desprotegido, embutida na idéia de risco, apontando que essa decisão é sobredeterminada. Pretende, com isso, assegurar que os portadores do HIV possam ser vistos não como culpados ou vítimas, e sim como pessoas afetadas por uma doença de caráter epidêmico, que exige da sociedade e do Estado medidas mais amplas e eficazes do que a responsabilização individual pela doença e pela prevenção (BARBOSA & PARKER, 1999, p. 207).

Frente ao conjunto de situações relatadas no decorrer do presente texto e destacando o triângulo inter-relacional entre o **saber**, o **saber-ser** e o **saber-fazer**, como constituintes dos modos indispensáveis para um indivíduo realmente prevenir das IST/HIV/SIDA; questiona-se: como os adolescentes cabo-verdianos previnem-se das IST/HIV/SIDA e da gravidez precoce e indesejável? Como representação esquemática, segue o gráfico do modelo teórico desta pesquisa no anexo I.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido em uma Escola Secundária de Cabo Verde. Como estratégia da investigação, priorizou-se o enfoque etnográfico, procurando revelar nas narrativas dos professores e alunos os significados e a compreensão que sustentam as ações sociais, a partir da interação entre o pesquisador e os informantes-chave (alunos e professores), com vistas a descortinar as representações dos objetos pesquisados através das realidades sociais dos sujeitos da pesquisa.

As representações englobam tanto as experiências quanto o sentido que os autores atribuem a elas. A relação entre experiência vivida e a construção social significa a re-interpretação discursivas dos diferentes atores sobre a sua realidade. A realidade neste contexto se reinterpreta vestida de símbolos, imagens e palavras (CASTRO; ABROMOVAY & SILVA, 2004, p. 49).

Foi selecionada uma Escola do Ensino Secundário de um universo de 32 do país. Esta escola fica situada na ilha de Santiago, no município da Praia – capital do país, conforme caracterizada mais adiante. A escolha desta escola se justifica pelo fato dela ser a única do município que possui o Espaço de Informação e Orientação – EIO, onde o pesquisador quer saber o que representa esse espaço dentro de uma escola para os alunos e professores. Ainda, a escolha da ilha de Santiago e da capital do país se deve à facilidade de locomoção e interação entre o pesquisador e os informantes-chave, tendo em conta que o investigador reside neste município.

4.1 Procedimentos metodológicos:

Trata-se de um estudo de caso de caráter qualitativo sobre a percepção de professores e alunos no que se refere adolescência, sexualidade e o Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA, em uma Escola Secundária de Cabo Verde, envolvendo alunos do 9º ano de escolaridade e professores de Formação Pessoal e Social – FPS da escola.

A população de estudo foi constituída de 11 alunos e 9 professores de uma Escola do Ensino Secundário em Cabo Verde. Por questões éticas, para assegurar o anonimato, os sujeitos da pesquisa foram codificados com o pseudônimo.

O estudo tomou como unidade de análise o Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA com adolescente em Cabo Verde, quanto aos objetivos, estratégias pedagógicas, histórico da implementação de atividades desenvolvidas, atores envolvidos e graus de adesões, conteúdos e sua inserção no currículo escolar.

A produção de dados foi efetuada mediante a observação participante, assistência das aulas, realização de entrevistas individuais semi-estruturadas em profundidade com os distintos sujeitos: professores e alunos e, ainda, através da análise documental. Faz-se necessário ressaltar que a duração das entrevistas foi em função de cada sujeito da investigação. Geralmente, com os alunos as entrevistas foram mais rápidas e com os professores mais demoradas, destacando que houve até duas horas de conversa com certos professores.

Foram assistidas as aulas de Formação Pessoal e Social – FPS com os alunos do 9º ano da escolaridade para observar as atividades nas salas de aula sobre a Educação Sexual, sexualidade e adolescência, a fim de se familiarizar com os alunos e professores. Assim sendo, a partir de conversas informais com os sujeitos envolvidos no programa foram identificados entre os alunos os potenciais informantes-chave para as entrevistas. A escolha dos alunos procedeu a um princípio aleatório, desde que fossem alunos do 9º ano, respeitando a vontade e a manifestação de interesses destes em participar livre e espontaneamente na pesquisa. De início, o intuito foi priorizar a questão de gênero, com vistas a garantir igual número entre os alunos dos dois sexos, entretanto, os interesses das meninas foram maiores dos de rapazes em participar livremente da pesquisa, por isso houve mais participação delas em relação aos rapazes. Além de assistir as aulas, foram observadas as atividades realizadas no Espaço de Informação e Orientação – EIO como: vídeos-debate sobre a violência entre os adolescentes, violência doméstica, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, amor e gênero. Os registros das observações foram armazenados em um diário de campo.

Os roteiros das entrevistas semi-estruturadas e em profundidade foram pré-testados. As questões referem-se à percepção dos informantes-chave acerca dos aspectos do Programa de Educação Sexual privilegiados na investigação quais sejam: a) abordagem da adolescência; b) abordagem da sexualidade; c) possibilidades e limitações do Programa de Educação Sexual na prevenção das IST/HIV/SIDA. Assim, através das

respostas, estes sujeitos manifestaram as suas representações sobre a realidade, exprimindo as experiências, os sentimentos e as percepções, utilizando as próprias palavras e significados.

Os roteiros das entrevistas serviram como guia de orientação do pesquisador, permitindo-lhe mudar a ordem das questões em função da fluidez das conversações com os sujeitos da pesquisa, assim como admitiram tratar das questões relevantes manifestadas pelos informantes na decorrência das entrevistas. Assim, o pesquisador pôde auscultar os informantes, valorizando e respeitando todas as opiniões, manifestações da vida social, noções de contradição, conflito e apreensão a partir de diferentes olhares, com vista a qualificar as percepções, os sentidos e as intenções dos mesmos. Contudo, o pesquisador sempre fez questão de manter os sujeitos bem informados e convictos sobre cada questão a ser respondida, com intuito de garantir a fidedignidade das respostas.

O corpus foi analisado levando-se em conta as categorias de análise apontadas acima (adolescência, sexualidade, e limites e possibilidades do Programa de Educação Sexual – PES na prevenção de IST/HIV/SIDA). Assim, foi feita leitura fluente dos relatórios das entrevistas e do diário de campo; identificação de padrões e distribuição, e aprofundamento de análise, levando em conta as concepções de adolescência, sexualidade e o papel do sistema escolar.

A análise do corpus foi efetuada distinguindo a percepção de cada grupo de atores e posteriormente buscou-se estabelecer alguma comparação entre a percepção dos diversos sujeitos do estudo sobre a adolescência, sexualidade e programa de educação sexual, dialogando com as teorias que embasam este estudo. Para a análise, foi usado o Qualitative Data Analysis (QDA) Software Nodist – Nvivo.

Assim, houve a sistematização das informações obtidas através dos informantes, destacando e classificando as categorias êmicas mais significativas, enfatizando a exploração progressiva das respostas, utilizando subcategorias de dados organizados por tema. Com isso, foram valorizadas as principais mensagens dos sujeitos da pesquisa, ressaltando as opiniões confluentes e divergentes e hierarquizando as categorias em

função da frequência do surgimento nos discursos dos sujeitos, procurando compreender a importância dada às mesmas.

4.2 O campo da pesquisa: caracterização da escola secundária e estratégia de inserção do pesquisador no campo

O presente estudo foi realizado em uma Escola Secundária do Estado de Cabo Verde situada no Município da Praia – capital do país. A capital de Cabo Verde, por sua vez, fica situada no sul da ilha de Santiago.



O local onde fica situado a escola em estudo trata-se de uma zona que apresenta muitos problemas do saneamento básico devido a má urbanização, ou seja, este é um dos grandes problemas e desafios do Município da Praia. Para incrementar a insalubridade do bairro devido a sua localização geográfica – situado praticamente numa ribeira ou vale como queira dizer –, associam-se, também, as parcas condições sócio-econômicas dos moradores do mesmo. Registra-se um percentual significativo do desemprego nesta comunidade, atingindo, principalmente, a camada jovem. Os moradores colocam entulhos, acúmulos do lixo nas artérias construídas para a fluência das águas pluviais, onde estas acabam por invadir as moradias na altura das fortes enxurradas de chuvas, causando alguns danos materiais e às vezes até corporais.

Devido às fracas condições sócio-econômicas e alta taxa do analfabetismo que os moradores do bairro enfrentam; o incremento ao desemprego; as condições da pobreza constituem-se fatores que induzem esta população, com realce à camada juvenil, a enveredar para o mundo da prostituição, drogas, ingestão de bebidas alcoólicas e vandalismos.

Esta escola dispõe de 26 salas de aula, 52 turmas, funcionando em dois períodos, matutino e vespertino, com os três ciclos do ensino secundário: 1º ciclo – 7º e 8º anos; 2º ciclo – 9º e 10º anos; 3º ciclo – 11º e 12º anos da escolaridade.

O corpo discente da ES está distribuído conforme se segue abaixo:

Ano de estudo	Efetivos			Turmas
	F	M	Total	
7º	217	199	416	10
8º	215	220	435	12
9º	240	189	429	11
10º	142	123	265	7
11º	99	127	226	6
12º	96	88	184	6
Total	1009	946	1955	52

Fonte: ES

Conforme a tabela, na escola estudam 1955 alunos, sendo 1009 do sexo feminino e 946 do sexo masculino, distribuídos em 52 turmas e em 3 níveis do ensino secundário. Nota-se uma ligeira superioridade em termos numéricos de alunos do sexo feminino a estudar nesta escola, se comparadas com os do sexo masculino, isto é, as meninas representam um efetivo de 51,6% na escola, enquanto que os rapazes 48,4%.

A escola além de receber os alunos do bairro, cuja situação sócio-econômica da larga maioria revela algumas fragilidades, recebe também alunos dos outros bairros vizinhos, até do interior de Santiago e das outras ilhas. Isto pode ser constatado nos diários das propinas dispostos nesta escola, pois os estudantes têm que arcar com pagamento de uma taxa, respeitando as normas do regulamento do Ministério da Educação de Cabo Verde, onde o valor monetário pago varia conforme as condições sócio-econômicas dos pais ou encarregados da educação. Sendo assim, verifica-se que estudam nesta escola

desde alunos mais humildes até os pertencentes às classes com maior poder econômico, ou seja, estudam na escola alunos com condições sócio-econômicas diferenciadas.

Os dados da ES revelam que a escola compõe com uma estrutura docente conforme o quadro:

Habilitação	Sexo		Total
	F	M	
Doutorado	-	-	-
Mestrado	-	-	-
Licenciatura	19	20	39
Curso Superior sem Licenciatura	16	30	46
Curso Médio	-	2	2
Frequência do Curso Superior	6	5	11
CFPEBC	1	1	2
12° Ano/Ano Zero	-	4	4
Inferior a 12° Ano/Ano Zero	2	3	5
Total	44	65	109

Fonte: ES

Dos 109 professores da escola, 44 são do sexo feminino e 65 de sexo masculino, o que corresponde 40,4% de professoras e 59,6% professores. Do total dos professores 85 possuem curso superior, equivalente a 78% do total, o que constitui um dado muito animador em termos da formação dos professores, sem esquecer daqueles que estão a frequentar curso superior nesta altura.

A ES possui os seguintes serviços auxiliares: portaria, serviço de guarda, limpeza, contínuos, cantina, fotocopiadora, biblioteca e secretaria. Pressupõe-se que nesta ES é praticada uma gestão democrática e participativa, visto que os poderes estão repartidos entre os membros da equipe que compõem a direção sob o comando do diretor. Deste modo, acontecem reuniões periódicas entre o diretor e as equipes pedagógica e administrativa para abordar as atividades didático-pedagógicas e administrativas, a fim de ter um plano de ação norteador da escola. Assim sendo, constituem os órgãos da gestão pedagógica e administrativa os seguintes corpos: Assembléia da Escola; Conselho Diretivo; Conselho Pedagógico; Conselho da Disciplina. O Conselho Diretivo é composto por Diretor, Subdiretor Pedagógico, Subdiretor Administrativo e

Financeiro, Subdiretor para Assuntos Sociais e Comunitários e Representante dos Encarregados da Educação.

A estruturação física da escola respeita o seguinte: um departamento para os serviços da diretoria e alguns serviços auxiliares como a biblioteca, secretaria. Neste departamento estão sediados o anfiteatro, a sala dos professores, sala de reunião, alguns banheiros para os professores e pessoal administrativo, a reprografia, o bebedouro, e um hall de espera onde ficam os professores durante os intervalos. Este último espaço constitui num dos principais pontos de encontro entre os professores durante os 10, 15mn dos intervalos de cada aula de 50mn da duração. Ali os professores aproveitam para interagirem com os colegas e alunos que estão sempre ali procurando um ou outro professor para colocarem os problemas pontuais que surgem corriqueiramente na escola. Foi ali que consegui interagir com os professores, reencontrando alguns amigos e colegas de longas caminhadas de estudo à procura de uma vida melhor. Encontrei professores amigos de convívio, encontrei alguns que foram meus professores durante os meus estudos liceais, outros que foram meus alunos no Instituto Superior da Educação e outros que passaram a nos conhecer a partir desse momento da minha inserção no campo. Então foi uma experiência com muita diversidade e, assim, muito gratificante.

Existem três setores que compõem a estrutura física das salas de aula e alguns laboratórios como o da Física, Matemática, Química, Ciências Naturais, uma sala para Judô, uma oficina para as línguas, uma sala de cultura, o destacado Espaço de Informação e Orientação – EIO, uma sala da informática, uma cantina, duas placas desportivas, um clube ecológico e os espaços verdes para horto escolar.

O Espaço de Informação e Orientação – EIO só existe em duas escolas secundárias do país. Estes espaços surgiram a partir da parceria entre o projeto de Cooperação Técnica Alemã (GTZ) e o governo de Cabo Verde. Como o próprio nome diz, é um lugar para informar e orientar os alunos (jovens adolescentes) nas matérias de Saúde Sexual e Reprodutiva, droga, SIDA, violência doméstica, delinquência, entre outros problemas, e atende os alunos que estudam nesta escola. Para tal, além das colaborações dos professores que trabalham na mesma, o espaço conta com apoio dos chamados alunos assistentes. Estes passam por um processo seletivo, que varia desde a obtenção das

notas, até o comportamento no dia-a-dia na escola, para prestarem apoio ao centro EIO, em colaboração com os professores responsáveis pelo mesmo. Ainda crescem alguns profissionais como psicólogos e enfermeiro, que prestem apoio aos estudantes/adolescentes, pois requer-se a competência de outras formações específicas diferentes das dos professores que fazem parte do núcleo do centro EIO. Neste espaço acontecem os vídeos-debate, tendo em conta que têm os equipamentos que permitem este tipo de atividade, além de mini-biblioteca com livros nas áreas de SSR, SIDA, droga, violência, etc. Tem ainda uma fotocopiadora (xérox) e um computador ligado à internet para os usuários do centro.

Segundo os relatos do corpo diretivo da escola, professores da disciplina de Formação Pessoal e Social – FPS e os próprios alunos que tive a oportunidade de conversar diretamente sobre o dia-a-dia da escola, o EIO contribuiu muito e está a contribuir para a redução de alguns problemas da ES, como a gravidez nas alunas, a violência entre os alunos, a droga, o alcoolismo.

No que se refere à estratégia de inserção do pesquisador em campo, na segunda semana do mês de janeiro de 2007, houve o primeiro contacto do pesquisador para com a ES. Primeiramente, o pesquisador procurou o diretor da escola para ter uma conversa e explicar o motivo que o levou até a escola. O diretor, como sempre, muito ocupado para atender as demandas solicitadas, reservou um tempinho para escutá-lo, prontamente, muito gentil, agendou um encontro para o dia 16/01 a fim que o pesquisador pudesse explicar o teor da pesquisa o tema, objetivos, problemas, procedimentos metodológicos pretendidos e a utilidade do estudo para a escola e para a sociedade cabo-verdiana em geral. Nesse primeiro dia da entrada do pesquisador no campo, ele ficou muito impressionado com a escola, chegando a pensar, é esta a escola, a escola ideal para ser estudada. Então, foi um momento de muita expectativa e simultaneamente muito nebuloso, porque o pesquisador não sabia exatamente o que iria encontrar na escola no que se refere às materializações das atividades didático-pedagógicas sobre o Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA com os Adolescentes da Escola. Ainda, consciente da sua estranheza na escola, não sabia quais seriam as reações dos professores e alunos correlação ao projeto de investigação. Ao chegar à escola, encontrou um velho amigo, professor, que teve a preocupação de lhe acompanhar até o senhor diretor, e este professor veio a ser um dos informantes. Assim, no dia da

apresentação do projeto da pesquisa ao senhor diretor, este apresentou uma das professoras que seria uma das informantes-chave e esta ficou incumbida de fazer mediação entre o pesquisador e os demais professores de FPS que seguramente iriam constituir nos sujeitos da pesquisa. Ela, depois de receber toda explicação sobre o projeto da investigação, ficou muito envolvida e se prontificou a apresentar o pesquisador aos outros colegas, bem como aproveitou para explicar sobre o nascimento do EIO nesta ES e das atividades desenvolvidas com os alunos neste espaço.

As observações nas salas de aula ou no espaço EIO foram entre janeiro até o final de abril de 2007. Contudo a observação participante estendeu até o final de maio. Cabe ressaltar que o teor do programa de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA com os adolescentes diluído/transverso no programa maior de FPS será conhecido mais adiante no capítulo referente ao programa de educação sexual.

Como qualquer pesquisa, nesta também registram-se facilidades e dificuldades. Como facilidades destacam-se os seguintes aspectos: envolvimento do diretor, dos subdiretores e dos professores para facultar os documentos – programas e planos de atividade da disciplina de FPS nos quais está compreendido o programa de educação sexual na prevenção das IST/HIV/SIDA com os adolescentes; as disponibilidades dos professores para participaram da pesquisa; as disponibilidades dos alunos para participaram da pesquisa; a abertura da escola no sentido mais amplo da palavra para com o pesquisador no sentido de dar todo o apoio para que o estudo realmente seja efetivado. Como dificuldades, destacam-se os seguintes aspectos: em alguns casos houve problema para conciliar o tempo da entrevista com o professor porque tinha que ir dar aulas e no período contrário que trabalhava tinha outros compromissos; muitas vezes durante as entrevistas ocorriam os recreios dos alunos e o efeito dos ruídos destes chegava a interferir no processo de audição das conversas entre o entrevistador e os entrevistados; às vezes alguns informantes marcavam entrevistas e não apareciam por um motivo ou outro e assim era necessário remarcar. As dificuldades maiores registram, sobretudo, na parte da transcrição das fitas magnéticas para posterior análise, bem como o processo da digitação de todos os materiais que foram difíceis e muito trabalhosos para o pesquisador.

CAPÍTULO V – COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA CABO-VERDIANA COM ALUNOS E PROFESSORES

5.1 Ser adolescente

Neste capítulo, recupera-se e analisa-se as experiências e as representações sobre adolescência entre os alunos e professores, dialogando-se com a literatura acadêmica que aborda o tema em estudo. O texto é elaborado a partir das narrativas dos atores sobre a experiência e representação do ser adolescente em Cabo Verde.

Nos discursos dos adolescentes cabo-verdianos que participaram desta pesquisa estiveram presentes dimensões afetiva, relacional, social e individual na questão do ser adolescente. Estas dimensões atravessam as narrativas e suas interpretações pelos sujeitos. Assim, os adolescentes afirmam que ser adolescente é – escolher os próprios pares, ser responsável, ter atitudes diferentes das crianças, conquistar a liberdade, buscar informação, descobrir a vida e saber lidar com a vida cotidiana. Então, ser adolescente é a possibilidade da pessoa procurar a si mesma, de se auto-conhecer e de conquistar a independência e a liberdade, pois tenta-se libertar um pouco da dominação dos pais, o que vai ao encontro do que Gesell e Lewin definem como tarefa central do adolescente: encontrar-se a si mesmo (MUUSS, 1966). Para Kuhlen, a adolescência corresponde ao período de ajustamento sexual, social, ideológico e vocacional, e de luta pela emancipação dos pais (MUUSS, 1966).

Os adolescentes cabo-verdianos que participaram deste estudo deixaram patente que a adolescência é uma fase crítica, difícil, problemática, de puberdade, quando ocorrem muitas transformações físicas e psicológicas. Que é a passagem da criança para a vida mais adulta, quando o indivíduo passa por diversas aventuras sujeitos às influências positivas e negativas; contudo o discernimento é fundamental, visto que, a pessoa deve saber com clareza o que quer ou não da vida. Que é um período da vida muito complicado, de muitas desavenças tanto com os colegas como com os pais, devido ao problema da comunicação deficitária. Trata-se de uma fase de muitas emoções, assim o apoio das famílias é indispensável, levando em consideração que acontecem muitas dúvidas e perguntas para possíveis intervenções.

Esta visão dos alunos sobre a adolescência é compartilhada pelos professores. Implícita ou explicitamente os professores manifestaram que tiveram algumas dificuldades na própria adolescência e apontaram a família como sendo o núcleo fundamental para o apoio da pessoa nesta fase, justificando que é extremamente importante ter o diálogo no seio familiar de forma a promover uma adolescência saudável e gratificante; um diálogo que permita ao adolescente entender melhor as transformações físicas e psicológicas que ocorrem. Que, mesmo sendo uma fase preocupante e perigosa, quando se dá a socialização, realizam-se muitas conquistas, paixões e buscas de informações para a construção da própria identidade. É uma fase de desenvolvimento físico e mental quando a pessoa precisa de muito apoio e ajuda, principalmente dos pais. Estes devem ser capazes de proporcionar uma orientação com vista ao seu desenvolvimento psíquico-social.

Os professores argumentam que tais dificuldades são cada vez mais agravadas na medida em que se verifique a ausência de diálogo entre os pais e os filhos, quando estão a atravessar a fase de adolescência, tendo em consideração que é uma fase que ocorrem muitas transformações físicas e psicológicas, fase de muitas curiosidades, das descobertas, das dúvidas e de muitas incertezas, o que remete aos comentários de Heilborn em relação ao tratamento desta questão pelos diversos estudiosos, ao afirmar a juventude como sendo período da incerteza de projetos de vida cujo futuro se definirá posteriormente (HEILBORN, 2006).

Fica bem patente na fala de uma professora algum resquício da composição de uma boa parte da família cabo-verdiana, onde os filhos acabam por viver, por sorte, com um ou outro progenitor, visto que, em outros casos não vivem nem com um e nem com outro por situações diversas como emigração, mães solteiras, separação dos pais, etc.

Foi tanto quanto difícil porque eu criei com a minha avó, o meu pai e o meu tio, então aquela busca de identidade nem sempre foi fácil porque eu precisava de uma pessoa que me entendia, precisava de respostas para certas questões que, no entanto não tive(...), passei-a normal, mas tem muitas respostas que ficaram assim, tipo um vácuo, porque eu sou a filha única do meu pai e tinham certos assuntos que eu não chegava nele para perguntar e como criei com a minha avó então ela não me dava respostas por certas questões porque ela alegava de que era atrevimento da minha parte e “tchuscaria”⁶, então

⁶ Atrevimento, ousadia, descaramento.

foi uma fase que não foi muito fixe porque isso acabou refletindo no meu ensino, (...). Professora Sayonara.

A constituição nuclear de boa parte da família cabo-verdiana, que se inscreve nas situações diversas acima exemplificadas, é muito fragilizada devido à ausência dos pais para tentar resolver alguns problemas que surgem com os filhos no seu dia-a-dia. Esta ausência de pais referida aqui é uma ausência que vai além da sua presença física e material, isto porque, os pais até podem estar fisicamente presentes, mas se não acompanharem o cotidiano dos filhos então esta presença se torna muito questionável.

Uma outra professora se ressentiu pela falta de preparo e de conhecimento dos pais sobre a adolescência para poder orientá-la adequadamente:

Bom, foi adolescente para mim foi não muito claro porque nesse tempo as pessoas não tinham conhecimento sobre o que é ser adolescente, eles não sabiam como conduzir os filhos para ultrapassarem essa fase. Praticamente eu vivi esta fase de forma despercebida sem saber o que estou vivendo; essa época, aquele período de transição, pronto, eu não sabia aquela fase era o que é? Pronto, passou despercebida. Professora Márcia.

Mesmo admitindo que a preocupação com questões relacionadas à adolescência seja algo novo no marco teórico das ciências, esse desconhecimento tem o seu cume principal numa sociedade muito iletrada – que era Cabo Verde – assentada na herança dos colonos portugueses, visto que, a título de exemplo, Cabo Verde em 1975, época da independência nacional, tinha herdado uma taxa de analfabetismo a rondar os 70%, então, o conhecimento sobre adolescência era privilégio de poucos cabo-verdianos de então.

Na narrativa seguinte de uma professora, a adolescência foi associada à puberdade:

Acho que são aparecimentos daqueles caracteres secundários. Porque esses aparecimentos identificam, caracterizam o ser adolescente. Mas também acho que há transformações a nível psicológico, não é? Psicologicamente também acontecem as transformações, não só as transformações físicas, (...). Acontece mais maturidade, de uma forma geral é uma fase complicada apesar de que comigo não foi, mas acredito que é uma fase complicada na medida em que é uma fase muito confusa(...). Professora Alessandra.

Nas entrevistas com os professores, estes deram muita importância às transformações físicas e psicológicas para caracterizar o ser adolescente, referindo que é uma fase da construção de si mesmo e da formação da personalidade, o que vai ao encontro aos estudos que afirmam que a adolescência é uma fase extremamente importante na construção da personalidade do sujeito com grandes transformações físicas e mentais com vista ao redimensionamento das identidades e de papéis sociais (MUUSS, 1966; AYRES & FRANÇA JÚNIOR, 1996).

5.2 Adolescência e diferença de gênero

Os discursos dos adolescentes indicam que ser adolescente entre os rapazes é diferente de ser adolescente entre as meninas em Cabo Verde. É unânime a visão que os rapazes têm mais liberdades do que as meninas, ainda, que as meninas são mais responsáveis e acauteladas do que os rapazes, tendo em conta que elas agem de forma mais adequada ao padrão social. As narrativas apontam que as meninas são mais responsáveis do que os rapazes mesmo nas relações amorosas quando a questão é a preservação para se evitar da gravidez, cujos rapazes não colaboram, agindo sempre de forma grosseira e ameaçadora caso a gravidez venha a consumir. Assim, evidencia-se uma relação assimétrica de gênero social instituída na sociedade cabo-verdiana, isto é, há uma relação desigual entre os homens e as mulheres, mesmo quando se trata da prevenção contra a gravidez ou das doenças sexualmente transmissíveis neste país. Para algumas alunas, para que os rapazes se afirmassem que já são homens, mesmo dotados de muitas imaturidades quer física como psicológica, começam a se impor dentro de casa, sobretudo, agindo de forma abusiva, violenta e ameaçadora com as irmãs menores e os pais não interferem para pôr cobro à situação. Essa atitude dos pais pode ser fruto de uma estruturação social patriarcal e machista.

As narrativas dos professores assemelham às dos adolescentes no sentido que foram unânimes ao pronunciar que ser adolescente entre os rapazes não é mesma coisa que entre as meninas. Para eles, essa diferenciação é fomentada desde cedo no seio familiar, onde os meninos são criados de forma diferente das meninas com divisões de tarefas distintas, pois os meninos são instigados a certo machismo e grandemente beneficiados a não fazer os trabalhos domésticos; com mais liberdades do que as meninas, porque eles podem sair para vários lugares e podem namorar, enquanto que as meninas não.

Essas divisões sexuais de trabalho no seio da sociedade cabo-verdiana assemelham ao esquema sinóptico das oposições pertinentes entre o masculino e o feminino de Bourdieu com uma série de oposição alto/baixo, seco/úmido, duro/macio, acima/abaixo, pênis/vagina, com vistas a demonstrar que cabem às mulheres as tarefas domésticas, penosas, sujas, vergonhosas e de pouco prestígios, enquanto que os homens executam as tarefas breves, perigosas e espetaculares (BOURDIEU, 1999).

O machismo é tão forte entre os rapazes que chega a refletir mesmo na sala de aula, quando o assunto da aula é sobre a sexualidade – a menstruação ou outros temas mais ligados à mulher – visto que, os meninos às vezes pedem para sair da sala, porque esses assuntos não os dizem respeito, segundo uma professora. Esta afirma ainda que a própria sociedade cabo-verdiana fomenta esta desigualdade entre os rapazes e as meninas, na medida em que permite certas coisas para os rapazes e recrimina as meninas perante essas mesmas coisas. As narrativas dos professores revelam que os rapazes se impõem para se auto-afirmarem com atitudes machistas como arranjar várias namoradas, querendo demonstrar a virilidade através do sexo; mas que as meninas são mais sonhadoras, procurando o príncipe encantado e chamando atenção através da maneira de vestir, de pentear com vista a provocar algum impacto em relação aos rapazes. Porém há posição de que as meninas dão mais importância ao físico do que os rapazes:

Não, as meninas são mais agitadas, com outras preocupações, os rapazes são mais calmos um bocadinho, embora existam aspectos comuns entre eles, existem aquelas preocupações de formar grupos de pares, tem aquela preocupação de exibicionismo, entre todos eles tem isso. Mas entre as meninas isso é um pouco mais exagerado em relação aos rapazes. Professora Márcia.

Viajando no tempo, segundo os professores, mesmo registrando grande machismo em Cabo Verde, a situação está melhorando dia após dia em questão do gênero. Atualmente a situação é bem melhor que na época passada, por causa da emancipação das mulheres e isso venha a contribuir para romper com a desigualdade de gênero e fomentar a igualdade de direito entre os homens e as mulheres.

5.3 Relações de gênero em Cabo Verde

No cotidiano, o ser humano está sempre a produzir e reproduzir socialmente o gênero, através da sua interação social contextualizada (GIDDENS, 2005), e a experiência sexual, principalmente nas sociedades ocidentais, é engendrado pelo moralismo tomando a visão androcêntrica como sendo uma das referências básicas para a construção de masculinidade estereotipada e divisões assimétricas dos estatutos sociais atribuídos aos homens e às mulheres (BOURDIEU, 2002).

Em geral os sociólogos usam o termo “sexo” para se referir às diferenças anatômicas e fisiológicas que definem, os corpos masculino e feminino. Gênero, em contrapartida, diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres. O gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo (GIDDENS, 2005, pp. 102-3).

Assim como os alunos, os professores afirmam que nas atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA foram trabalhados aspectos relacionados ao gênero. Por exemplo, dentre as dimensões da sexualidade, a dimensão psicológica abarca a identidade sexual e logo a identidade sexual abarca a identidade de gênero, então, neste assunto os alunos estudaram a diferença entre ser homens e ser mulheres e o porquê da identidade do gênero. Os alunos relataram que fizeram trabalhos como desenhos para diferenciar e mostrar aspectos comuns entre homens e mulheres, abordaram questões da distribuição das tarefas dentro da família e os aspectos de estereótipos, falaram, ainda, sobre as sobrecargas da mulher cabo-verdiana. Segundo um professor, há um tema do programa da FPS que fala sobre gênero – gênero e desenvolvimento. Da mesma forma que os alunos, os professores vêm grande importância em trabalhar assuntos relacionados ao gênero, alegando que este desperta a curiosidade dos alunos em saber o porquê de tais comportamentos dos homens e das mulheres.

Há uma visão dual da atividade/passividade do gênero, da dominação dos homens sobre as mulheres na sociedade cabo-verdianas. Essa dominação masculina arbitrária é socialmente construída entre os gêneros a partir da diferença anatômica dos órgãos sexuais, isto é, a diferença biológica entre os sexos implica naturalmente na divisão

social dos trabalhos. Neste sentido, geralmente as mulheres cabo-verdianas são sobrecarregadas com trabalhos domésticos, como limpar, cozinhar, cuidar dos filhos, enfim, cabem às mulheres cabo-verdianas os trabalhos domésticos que segundo Bourdieu (2002), em casa, a parte feminina fica reservada a estábulo, a água e os vegetais, enquanto que os homens ficam com o salão.

Segundo os informantes-chave desta pesquisa, em Cabo Verde existem resistências por parte dos homens em aceitar algumas tarefas que as meninas acham normal e que eles não acham. A própria sociedade condena ou penaliza os rapazes ao executar determinadas atividades, visto que acha que são coisas que devem ser feitas pelas mulheres. Assim, para eles, é fundamental trabalhar o gênero na escola, porque acaba ajudando os alunos a perceber desde cedo as desigualdades entre homens e mulheres instaladas no seio desta sociedade e com isso eles acabam ganhando alguma consciência fazendo diferente.

Na fala que se segue, a aluna questiona os papéis de gênero, e acha que essa diferenciação é ignorância:

Eu acho que não é correto, porque dentro de um lar todas as pessoas devem ter o mesmo direito, se o homem for capaz de fazer um trabalho é porque a mulher é capaz também, se um homem tem força é porque tem mulher que pode ter mais força ainda. Também eu queria dizer que essa ignorância por parte da população que as mulheres têm os mesmos direitos de que os homens e se uma mulher lave as louças é porque os homens podem lavar as louças também.
Aluna Cíntia.

Em Cabo Verde, a relação assimétrica entre os homens e as mulheres, que implica muitas vezes na violência doméstica é um fenômeno que ultrapassa o plano familiar e desenrola também no contexto mais abrangente das relações sociais. A maioria dos alunos entrevistados revelou que existe uma relação assimétrica entre os homens e as mulheres na sociedade cabo-verdiana, onde as mulheres são mais prejudicadas, com menos oportunidades do que os homens, principalmente para participar na vida política. Para eles, há uma sociedade desigual no país onde acontecem muitos casos de violências e abusos sexuais. Entretanto, é bom ressaltar que a visão dos alunos sobre a divisão de trabalhos entre homens e mulheres cabo-verdianos não foi unívoca, pois um aluno afirmou que os homens cabo-verdianos executam trabalhos mais pesados do que

as mulheres e por isso morrem mais cedo, enquanto outro revelou que as mulheres cabo-verdianas estão a executar trabalhos pesados tanto quanto os homens como, por exemplo, a extração e a apanha de areia para garantir a própria sobrevivência.

A assimetria de gênero é observada mesmo quando se trata da prevenção, quando os homens sempre arrumam uma desculpa para não colocarem a camisinha, sutilmente exercendo os seus poderes sobre as mulheres, ou seja, há uma assimetria do gênero e do poder instalada na sociedade cabo-verdiana de tal forma que os homens dominam e controlam a prevenção contra o HIV/SIDA e a gravidez precoce e não planejada através do uso do preservativo masculino, como se segue no exemplo abaixo:

A opinião que tenho é que, por exemplo, queremos que os nossos namorados usem camisinha e eles acham que se exigimos deles é porque estamos a desconfiar deles, que elas acham que eles estão com alguma doença. Isso era uma vez. A minha amiga me contou que ela pediu o namorado que use a camisinha antes de ter a relação sexual e o namorado dela disse que ela está a exigir porque ela pensa que ele está com alguma doença, por isso acho que as mulheres sempre querem prevenir, mas os homens como não querem falam para as mulheres que elas estão com desconfiança deles, pensando que eles estão doentes. Aluna Dora.

As opiniões dos professores coincidiram com as dos alunos no que se refere à relação de gênero em Cabo Verde, nas quais afirmaram que esta relação se dá de forma desigual. Segundo os professores, existe muita diferença entre os homens e as mulheres em Cabo Verde em relação ao acesso de bens, oportunidades e poderes. Relataram que os homens cabo-verdianos são muito machistas, visto que eles consideram que podem fazer muitas coisas, enquanto que as mulheres não, que as mulheres aceitam essas posturas com naturalidade. Assim, na sociedade cabo-verdiana o fato de ser macho proporciona ao sujeito ter mais liberdade de que ser fêmea, ou seja, é uma sociedade que favorece os homens em detrimento das mulheres. Deste modo, tanto na visão dos professores como na dos alunos quando dizem o que é ser homem e ser mulher em Cabo Verde, eles remetem ao que Bourdieu e Giddens dizem sobre a construção e dominação social de gênero. Contudo, é bom ressaltar que uns menos pessimistas, acharam que, de acordo com a cultura cabo-verdiana, há desigualdade entre homens e mulheres, desigualdade na maneira de olhar e aceitar, mas que a tendência é da melhoria para o equilíbrio, visto que, agora as mulheres ocupam determinados lugares na esfera social, cargos que eram

somente ocupados pelos homens. Cabe informar que o assunto sobre gênero vai ser retomado mais adiante no item gênero e sexualidade.

5.4 Sentir-se adolescente

Todos os alunos entrevistados começaram a se sentir adolescentes entre os 10 e 15 anos, essencialmente nos 12 anos de idade, quando começaram a notar algumas mudanças nos próprios comportamentos, em termos de relacionamento com os outros, devido às transformações físicas e psicológicas ocorridas. Assim, se sentiram mais responsáveis com atitudes diferentes das crianças.

Então, o ser adolescente está carregado de categorias que envolvem dimensões afetiva, relacional, social, individual, psicológica, física e da responsabilidade nos discursos dos adolescentes e professores. São muitas as mudanças observadas pelos adolescentes cabo-verdianos na adolescência. Estes apontaram: como transformações psicológicas, o aumento da capacidade de pensar; e em relação às transformações físicas, objetivamente estas são diretamente percebidas, como no exemplo: “ora kim fika bera de spedjo nta flaci, poxa Dora bu sta um pikena formada.”⁷ (Fala de Aluna Dora.). Nessa fase a pessoa começa a se preocupar com as aparências físicas –, dimensão individual; há preocupação de encontrar um par ideal para o namoro; logo vem o começo do namoro, e os interesses das outras pessoas para consigo – dimensões afetivo e relacional. A própria forma de posicionar diante do outro, por exemplo, a forma de agir com os pais e com a sociedade muda – dimensão social. Na adolescência, a pessoa começa a ficar mais independente dos pais e começa a prever as conseqüências das coisas antecipadamente, caso queira fazer, olhando as coisas de forma diferente, aumentando a responsabilidade e tentando mudar e moldar o próprio comportamento. Desta forma, pode-se dizer que há o crescimento e o amadurecimento, tanto corporal como mental, onde as atitudes ficam diferentes das de uma criança, a partir do pensamento, da maneira de falar e da própria forma de ser. Então são conjuntos de situações que mudam na vida destes adolescentes, tais como a auto-imagem, a preocupação exacerbada com a apresentação física, com o corpo, a migração do grupo infantil para o grupo menos

⁷ Quando fico em frente de um espelho, digo assim: puxa Dora! Já és uma menina formada, já tens estrutura de uma mulher.

infantil, o relacionamento com o outro e a conquista do espaço próprio tanto na família como na sociedade. Sobre isto, MUUSS (1966, p. 88) alega que,

A área social da filiação ao grupo, do adolescente, sofre uma grande mudança, tal como acontece com seu corpo e a sua imagem física.

Nas falas seguintes aparecem as dimensões físicas, sentimentais, social, a curiosidade e a consciência para diferenciar as atitudes e comportamentos de um adolescente do comportamento de uma criança:

Quando eu era criança eu não namorava, ninguém tinha interesse em mim, agora não, agora quando passo na rua os rapazes dizem “psiu, odja pikena bunita!”⁸ Enquanto eu era criança eu passava na rua sem me preocupar com o meu penteado, às vezes suja e ninguém me via com interesse, agora não, sempre arrumo. Aluna Dora.

Como crianças fazemos certas coisas que não são apropriadas, vimos os adultos a fazer uma coisa e queremos experimentar também, porque não temos a consciência do que se trata, não sabemos o que é e queremos saber sempre o que é? Quando somos adolescentes e temos pais que falam conosco, eles nos dizem o que é certo e o que é errado(...). Aluna Cíntia.

Interrogada sobre **Como é ser adolescente**, aluna Susana diz:

Eu acho que adolescência é uma fase que uma pessoa chega para compreender a si mesma e os outros também, onde ela tem amor para dar e quer receber das outras pessoas também, é uma fase amorosa(...). Aluna Susana.

Autores como Mead (1952) e Muuss (1966), ressaltaram a importância da dimensão afetiva que é aqui fortemente percebida nas entrevistas. A adolescência é a descoberta reflexiva de si mesmo, é a fase da formação da própria identidade, em que segundo Mead, a tarefa primordial dos adolescentes consiste na procura da identidade significativa, conquistando os valores próprios com vista à emancipação das conformidades dos pais (MUUSS, 1966). Assim, o amor, as paixões e as emoções são muito intensos nesta fase.

⁸ Psiu, olha menina bonita!

O tema da responsabilidade surge também ressaltado no discurso dos entrevistados. Para alguns, ser adolescente é ter a responsabilidade de decidir o que fazer ou não da vida, que é uma maneira de passagem em que a pessoa cria a própria auto-imagem, aonde ninguém vai lhe atingir por causa da auto-imagem formada. É ser jovem, “sem frustração”, com acesso a escola, evitando o enveredar pelo caminho da droga, estar de bem com a vida, respeitar e ser respeitado, é portar-se bem, é estar muito bem preparado para a assunção da fase adulta. Assim, os discursos dos alunos e professores evidenciaram, principalmente, a importância das dimensões afetivas, psicossociais, físicas e comportamentais para dizer como é ser adolescente, reportando que se trata de uma fase de transição, de preparação responsável para a vida adulta.

5.5 Diferenças de ser adolescente em Cabo Verde e em outros países

Situando a adolescência em Cabo Verde, os adolescentes entrevistados, de forma implícita ou explícita, colocaram a tônica na responsabilidade ou falta dela, para caracterizar como são os adolescentes cabo-verdianos. E para isso, apontaram o envolvimento por parte dos adolescentes cabo-verdianos com alguns problemas que afetam esta sociedade como: a droga, a prostituição, o alcoolismo, o vandalismo, a delinquência e a inserção de jovens nos grupos de gangues. Estes adolescentes culpabilizam aqueles que entram nestes caminhos, alegando falta de responsabilidade.

Alguns revelaram certa preocupação com as influências por quem passam os adolescentes cabo-verdianos, sejam elas dos colegas e principalmente dos adolescentes de outras sociedades, através de alguns programas das mídias. Assim, os adolescentes de Cabo Verde reconhecem que há uma tendência de copiar, imitar algo que diz respeito a outras culturas, com vistas a transplantá-lo à sociedade cabo-verdiana. Portanto, faz-se necessário refletir acerca de quem passa, quem passa, como passa e quando passa esses tipos de informações capazes de influenciar a adolescência cabo-verdiana de forma a levá-la a ser um tanto quanto irresponsável, segundo a óptica dos próprios adolescentes. É muito relevante questionar se estes meios por onde passam mensagens se preocupam também com programas educativos capazes de construir e “desconstruir” nessa juventude o mundo de ficção e o mundo da realidade.

A categoria gênero sempre aparece nos discursos dos informantes, por exemplo, nas falas abaixo surgem a responsabilidade como tema central, ressaltando a irresponsabilidade localizada nos rapazes e a vitimização das meninas pela fraqueza e dependência sentimentais e a firmeza dos adolescentes em resistir as próprias “tentações” da sociedade:

Eu acho que aqui em Cabo Verde há adolescentes responsáveis, mas também que há adolescentes não responsáveis, há rapazes que engravidam as meninas, elas ficam grávidas porque estão apaixonadas, os rapazes às vezes as enganam o que é grande irresponsabilidade. (...). Existem muitos rapazes irresponsáveis que entram no mundo das drogas. Aluna Joana.

Uns difíceis e outros fáceis de mais e outros mais ou menos. [Risos]. Os difíceis tentam contrariar a idéia da sociedade sobre quaisquer coisas, os fáceis deixam ser levados rapidamente, por exemplo, a droga que é um fator que está muito alto aqui em Cabo Verde, podemos ver que os jovens por influência dos amigos deixam-se ir, já esses são fáceis demais; já os mais ou menos podemos dizer que são os que pensam antes de fazer e se fazer sabem o que estão a fazer. Aluna Sandra.

O tema da oportunidade é também ressaltado para falar de adolescência em Cabo Verde, advertindo a não existência de uma uniformidade da distribuição das oportunidades para jovens em Cabo Verde:

Em Cabo Verde os adolescentes têm uma vida muito difícil, porque diz que Cabo Verde está no grupo dos países do desenvolvimento médio, mas isso não faz com que os adolescentes tenham todas as possibilidades como, por exemplo, outros adolescentes da cidade da Praia(...), os adolescentes do interior não têm vários acessos que os adolescentes da cidade da Praia têm. Aluno António.

Assim como os alunos, para os professores, ser adolescente em Cabo Verde é enfrentar muitos problemas e muitas dificuldades como a droga, SIDA, gravidez precoce, entre outros. Para eles, em Cabo Verde há muitos tabus e preconceitos em relação a ser adolescente, pois às vezes as pessoas consideram que as atitudes e os comportamentos dos adolescentes são mais maléficos do que benéficos. Segundo uma entrevistada, registra-se em Cabo Verde uma forte falta de diálogo entre pais e filhos, principalmente quando estes estão a atravessar esta fase. Isto porque, ainda os pais têm certo preconceito, idéias um pouco atrasadas, o que dificultará direta ou indiretamente no

desenvolvimento da adolescência; aliás, durante todas as situações discursivas dos informantes, evidencia-se a importância do diálogo entre pais e filhos e ao mesmo tempo indica a ausência ou carência do mesmo. Nas entrevistas dos professores constata-se uma destaque à questão cultural, ao tratarem do ser adolescente cabo-verdiano, revelando especificidades que dizem respeito à própria sociedade cabo-verdiana, o que vai ao encontro às teorias da antropologia cultural sobre a adolescência, quando dão grande ênfase às questões culturais, especialmente no que se refere à sexualidade:

Em Cabo Verde tem muitos tabus e preconceitos em relação a ser adolescente porque eles dizem assim “nau, abo dja bu sta tchente”⁹ e faz parte também da nossa cultura onde podemos dizer que é uma cultura bastante sexual(...), as “meninhas ta começa ta sai ses seios”¹⁰(...), então já nessa fase elas começam a chamar as atenções dos homens, e os rapazes começam a chamá-las também, então as pessoas vejam isso e começam a imaginar coisas independentemente de lhas darem atenção(...). Professora Cristina.

Alguns professores indicaram que ser adolescente em Cabo Verde é ser um adulto em miniatura em termos biológicos, confrontado com muitos problemas, porque hoje em dia não se pode falar de adolescente no seu sentido pleno. Isto porque, em termos de informação, de convívio social, de influências, o adolescente está exposto às mesmas influências e aos mesmos problemas de um adulto. Assim, os adolescentes de 16, 17 anos se acham homens e mulheres, adultos e muitas vezes, por causa dessa mentalidade se confunde o ser adolescente com o ser adulto. Cabe então interrogar acerca da filiação social do adolescente, isto é, ele responde como uma criança ou como um adulto? A que grupo social ele pertence? O adolescente é, então, um ser com múltiplas referências ou um ser sem referência? Assim, os adolescentes se vêem na migração/transição do grupo infantil para a formação de um outro menos infantil, porém, ainda não no do adulto, tendo em conta que não conquistaram o estatuto do ser adulto. A essa transição social do adolescente Muuss (1966) designou de “proscrito social”, devido a não pertença dos adolescentes nem a grupo de criança, nem a dos adultos.

⁹ Não, já estás quente.

¹⁰ Quando os seios das meninas começaram a sair.

A responsabilidade ou falta dela está muito presente nos discursos dos professores e alunos, quando se fala dos adolescentes cabo-verdianos, destarte os adolescentes acreditam mais no imediatismo, o que nos remete a Heilborn, que, baseada nos estudos sobre esta fase, considera que a adolescência abriga uma noção de que o futuro está ainda por se definir (HEILBORN, 2006). O efêmero, a incerteza, a falta da auto-estima faz parte dos discursos dos professores para falar da adolescência deste país. Porém, há também falas mais animadora sobre essa questão:

ser adolescente em Cabo Verde tem suporte sobre a responsabilidade e a irresponsabilidade um pouco desprogramado, talvez porque estamos num mundo onde a informação se cruza de todos os ângulos e isso pode condicionar muito os adolescentes de Cabo Verde; mas eu caracterizo os adolescentes de Cabo Verde como sendo adolescente sem nenhuma referência em termos de valores e de plano de vida, isto é, um adolescente que acredita mais no imediatismo, ou seja, em resolver os problemas do imediato sem pensar no depois, no futuro, sem visão do futuro; é claro que tem a exceção(...), quando eles resolveram o problema de agora depois verão o que vai acontecer, sem uma visão a médio ou a longo prazo. Professor Paulo.

As coisas têm estados a mudar pouco a pouco, você vê que hoje em dia já aconteceram mudanças significativas porque antes acredito que era uma coisa que você fazia por si mesmo, era uma descoberta que você teria através da própria pesquisa, sei lá, hoje já não, ser adolescente aqui em Cabo Verde é diferente porque têm profissionais que podem lhe ajudar, têm instituições que estão ligadas a isso, você tem a própria escola(...). Professora Sayonara.

Praticamente foi unânime entre os alunos entrevistados que os adolescentes de Cabo Verde não são como os de outros países ou lugares, pois têm as suas particularidades, manifestações próprias em consonância com a sociedade onde estão inseridos. Assim, adolescência é percebida como um construto sócio-cultural, tese defendida por muitos antropólogos, sociólogos e pesquisadores de outros campos gnosiológicos com a sensibilidade nesta área de conhecimento. Destarte, vê-se ressaltar as questões sociais e culturais nas falas dos alunos para falar da peculiaridade de ser e viver adolescência em Cabo Verde. Cada sociedade tem o seu modo de viver, o seu padrão de vida, as condições de vida, as normas, as manifestações, as condutas dos indivíduos variam em função do que é institucionalizado como normal dentro de cada sociedade, por isso, os adolescentes de Cabo Verde são diferentes dos de outros lugares ou países:

Não, (...), eu digo que não são iguais os dos outros países porque cada um tem a sua manifestação e os de outros países têm conforme, adequados a sociedades em que eles vivem e nós temos adequados à sociedade em que vivemos. Aluna Jacinta.

Alguns adolescentes revelaram a fragilidade econômica do país como sendo um dos entraves a não permitir que os adolescentes cabo-verdianos sejam como os de outros países, isto porque os de Cabo Verde não conseguem ter todas as oportunidades que os de outros países e lugares têm, e que alguns dos problemas sociais que os adolescentes cabo-verdianos atravessam têm as origens no fator econômico. De fato, vários estudos afirmam a adolescência como construto sociocultural e político – econômico (BASTOS, MORRIS & FERNANDES, 1989; CASTRO, ABROMOVAY & SILVA, 2004).

A dimensão psicológica é destacada por um aluno por suas especificidades na adolescência em Cabo Verde, na qual pode variar em função do ambiente social e cultural, de acordo com as manifestações e condutas que são consideradas padrões dentro de cada sociedade:

Acho que em termos de transformações físicas são as mesmas entre os adolescentes de Cabo Verde e dos outros países, mas a nível psicológico eu acho que não, apesar de eu não ter muita certeza sobre isso. Aluno Lito.

Os professores entrevistados compartilham da visão dos alunos, pois mostraram que ser adolescente em Cabo Verde tem a sua peculiaridade própria e que ser adolescente diferencia de cultura para cultura. Embora, alguns admitissem que ser adolescente em Cabo Verde é como ser adolescente em outros países e lugares, durante as falas acabaram por admitir a particularidade de ser adolescente em Cabo Verde. Esta visão holística de adolescência por parte dos professores cabo-verdianos permite a fusão entre as perspectivas essencialistas universais das correntes psicanalíticas da adolescência e as correntes dos antropologistas culturais da adolescência, segundo descritos em (MUUSS, 1966). Por exemplo, quando os informantes-chave afirmam a adolescência como uma fase crítica, problemática e de tensão, estão a assumir uma posição essencialista, universal e atemporal de adolescência; e quando afirmam que o meio sócio-cultural determina o sentido e a compreensão da adolescência, estão assumindo uma postura de que a adolescência é uma aprendizagem construída de acordo com a natureza do meio.

Devido à taxa do analfabetismo que ainda hoje Cabo Verde enfrenta, atribui-se que a relação entre os pais e os filhos não é a melhor devido à assimetria de letramento entre estas gerações, o que vem dificultando o diálogo entre eles, visto que, às vezes, os pais não sabem como falar com os filhos e nem como orientá-los. Destarte, o ser adolescente pode variar em função de disponibilidade de pais, educação de pais, conhecimento acadêmico e cultural também dos pais.

Na fala seguinte, a professora afirma que ser adolescente é simultaneamente inato e adquirido:

Acho que ser adolescente em Cabo Verde é como ser adolescente em outros países/lugares sim, porque não é uma coisa assim que você pode pegar, tá? Eu posso dizer que é uma coisa inata, mais ou menos isso, tá? Você adquire no dia-a-dia, tá? Ser adolescente eu não acho que tem a diferença de ser adolescente em Cabo Verde e em outros lugares. Professora Suely.

A peculiaridade do ser adolescente em Cabo Verde versa sobre questões políticas em termos das oportunidades, das manifestações sociais e culturais e das tradições deste país. Por isso, os informantes apontaram algumas das grandes dificuldades enfrentadas pelos adolescentes cabo-verdianos em relação à saúde sexual e reprodutiva, como a gravidez precoce e as IST/HIV, além de problemas de droga, vandalismo, delinquência frente às parcas condições sócio-econômicas do país.

5.6 Adolescência em diferentes gerações

Nos discursos dos professores a forma de viver a adolescência varia de geração para geração, devido a vários fatores como: tempo, transformação social, forma de pensar conforme a época histórica e a transformação da estrutura e infra-estrutura; logo, são condições que influenciam o ser adolescente. Segundo uma professora, antigamente as meninas engravidavam por falta de informação, visto que não havia meios de divulgação e tinha muito tabu a respeito, mas atualmente quase todos os jovens estão bem informados. Assim sendo, em sua visão, certas coisas acontecem por descuido, negligência, mas não por falta de informação, porque agora para uma adolescente se engravidar é porque ela quer e mesmo depois de engravidar ela deve decidir se quer

levar avante ou não a gravidez porque existe a solução¹¹, por isso a geração pode demarcar o ser adolescente. Estas diferenças de ser adolescente, enquanto geração, foram descritas por Muuss (1966), quando ele apontou alguns estudiosos que admitiram mudanças de valores entre as gerações.

Contudo, as posições dos professores em relação à percepção da adolescência em função das gerações parecem um pouco ambíguas, visto que, se de um lado apontaram a “evolução” como elemento marcante pelo positivo para demarcar o ser adolescente entre hoje e tempos atrás, por outro lado, outros mesmo admitindo alguma melhoria em alguns aspectos, demonstraram a importância da estruturação da família cabo-verdiana na demarcação das gerações. Apontaram que antes, no tempo da adolescência deles, que a família era muito mais estruturada, porque os valores eram sagrados, onde no seio familiar havia respeito, não havia tantos conflitos, que cada um respeitava os seus direitos, as suas obrigações e não haviam motivos de famílias desestruturadas, e que hoje está a se verificar exatamente o contrário. Há transformação de valores:

Antigamente o controle do comportamento de adolescente era mais eficaz. Antes, no meu tempo, qualquer adulto poderia me dar ordem perfeitamente e eu tinha que cumprir como se fosse o meu pai que me deu o que não acontece agora. E agora se um adulto quer chamar atenção a um adolescente ele tem que ter muito cuidado porque depois vêm os pais para lhe repreender por motivo da chamada de atenção ao filho(...). Professor Paulo.

Para os professores, atualmente os adolescentes de Cabo Verde fazem coisas diferentes das que eles faziam quando eram crianças, visto que, enquanto criança, se preocupavam mais em brincar, se divertir com os colegas, estar inseridos nos grupos de colegas que têm brinquedos; e hoje os adolescentes se preocupam mais consigo mesmo, mais com a aparência física, preocupam-se mais em seduzir as outras pessoas; ficam muito sentimentais, cheios de sonhos e paixões; começam o namoro; formação de grupos de pares, vidas noturnas; enfim aparecem na vida dos adolescentes uma nova sociedade diferente daquela que eles estavam habituados, e não se preocupam com a formação de família contrariamente aos adultos. Toda essa questão como, por exemplo, a socialização, a emancipação dos pais, a formação de grupo, a preocupação com a auto-

¹¹ O aborto em Cabo Verde é legalizado. Se a pessoa engravidar e não quer ter o filho ela pode optar por abortar até 12ª semanas de gestação, contudo para este ser concretizado tem que haver o consentimento de ambos os progenitores e eles têm que pagar uma taxa no hospital para a sua efetivação.

imagem, coadunam com o descrito por Muuss (1966). A conquista de liberdade por parte dos adolescentes pode por em choque os valores adquiridos no grupo, com os valores familiares. O gênero demarca a forma de pensar e de posicionar entre os rapazes e as meninas cabo-verdianas e a imitação é uma constância entre estes adolescentes:

(...) houve uma mudança com a maioria. Mudança do pensamento, dever por certas coisas. São muitas coisas que um jovem pode fazer e que depois quando ganha certa capacidade deixa de fazer; mesmo notando nos adolescentes de hoje, são várias coisas [risos] (...), por exemplo, não sei, eu penso assim, Cabo Verde os rapazes em fase de adolescência eles têm aquela mania de, não de uma forma geral, juventude sempre quer imitar os seus companheiros, imitar os seus amigos, eles querem ganhar valores próprios onde abandonam valores da família, porque eles acham que os valores adquiridos são melhores que os valores encontrados no seio da família, mas eu acho que quando eles ganharem uma certa maturidade acabam subestimando os valores adquiridos com os amigos, então seguirão novamente os valores da família, talvez é melhor. Uma outra coisa, rapazes, não sei, os rapazes durante a juventude eles têm a mania de “ranja tcheus pikenas pes mostra ma es é basofus¹²” isso mais aquele outro, mas depois de ganharem uma certa maturidade e pensando em coisas mais sérias já deixam de fazer isso. Mesmo as meninas às vezes, podemos notar, não se importam, têm sonhos, mas quando ganharem certa maturidade elas deixam de fazer isso e passam a querer coisas mais reais e mais sólidas. Professora Alessandra.

De acordo com a fala da professora a seguir, pode-se constatar o medo exagerado dos pais cabo-verdianos com a sexualidade das filhas adolescentes, medo que se engravidam, de violação sexualmente, porém há grande dificuldade na comunicação entre pais e filhos:

Olha, repara, fiz diferente no sentido que os próprios valores que a minha mãe tentou me passar para a mudança de atitude(...), ela dizia assim “ora ki nhos tem menstruaçon dja nhos sabi ma nhos tem ki tem alguns kuidadus(...), pa ka bai kasa ki tem homi, pa ka entra kuartu di homi¹³”, ela nos dava algumas recomendações nesse sentido, mas o medo dela era que nós não engravidávamos cedo, mais é nesse sentido, então nunca ela falava conosco diretamente(...), era uma forma de nos proteger para não formos violadas, para não formos abusadas sexualmente, então ela fazia questão que tínhamos de ter alguns cuidados para além dos cuidados da higiene(...). Professora Diva.

¹² Arrumar muitas namoradas para demonstrar que são galãs.

¹³ A partir das vossas menarcas vocês têm que ter muitos cuidados, não devem ir a casa onde tem homem, não devem entrar no quarto ou casa de um homem.

Para os professores, a responsabilidade é diferente em cada uma das fases – criança, adolescente e adulto –, a forma de brincar, de vestir, de conviver e socializar com os outros são diferentes, bem como as atitudes e os comportamentos diferenciam em função de cada etapa de vida. Praticamente, todos os professores admitiram que a vida fosse uma seqüência de fases, criança, adolescente e adulto, onde cada uma é demarcada com a especificidade e particularidade própria, ou seja, que o ser humano por si só tem fases, daí então que cada fase tem seus aspectos específicos. Esta visão é também mencionada por Muuss (1966), quando fala do reconhecimento psicológico, sociológico e fisiológico dos três períodos do ser humano.

5.7 A adolescência e interação social: família, escola e comunidade

Entre os adolescentes informantes, uns, principalmente as meninas acharam que os pais ficaram mais preocupados com elas depois que passaram a ser adolescentes, aconselhando-as mais, aconteceu caso da adolescente que chegou de perder certas liberdades porque já é quase uma mulher na visão dos pais. Registra-se um cuidado exacerbado dos pais para com as filhas e esquecendo um pouco dos rapazes, porque estes não manifestaram que os pais ficam tão atentos com eles a ponto de controlá-los a pari passu como as meninas. Entretanto, é importante mencionar que a relação no seio familiar mudou, uns conseguindo ganhar mais liberdade e outros perdendo, em função dos créditos e princípios familiares. Nos discursos dos alunos sempre vem a tona a importância de ter uma estrutura familiar sólida de forma a permitir o bom desenvolvimento físico, psíquico e social dos filhos:

Na minha família eu tive um pouco de azar porque a minha educação, por exemplo, depende de mim mesmo, mais ou menos, porque depois que fiz os 18 anos, já completei 2 anos que não estou a morar com a minha mãe, agora estou morando na casa da minha tia, não estou com problemas mas antes eu tinha muitos problemas quando vivia com a minha mãe. Na escola eu não tenho grandes problemas também(...). Aluno Dino.

De acordo com a maioria dos professores informantes, no que concerne a interação entre a família cabo-verdiana e os adolescentes, disseram que isso depende de cada família, ou seja, que têm aquelas famílias em que os pais estão presentes e preocupados em ajudar os filhos a ultrapassarem essa fase enquanto que outras não. Atualmente, a

maioria das famílias cabo-verdianas se preocupa mais com os bens materiais, manda os meninos para a escola e não se preocupa em saber como é que andam nas escolas sobre as notas, comportamentos e atitudes, ou seja, se preocupa mais com o bem-estar, com os aspectos econômicos do mundo economicista, olvidando por completo os princípios como valores, ética, e moral, registrando até falta de tempo dos pais para dialogar com os filhos em casa, destarte, alguns comportamentos negativos que os adolescentes estão tendo na sociedade são resultantes, em parte, do contexto familiar que eles vivem. Para os professores, comportamentos negativos dos adolescentes são: entrar no mundo das drogas, alcoolismo, prostituição, meninas estudando grávida, gravidez precoce, entrar no grupo dos “thugs¹⁴”, sabendo que os “thugs” têm comportamentos violentos e que têm famílias que mesmo sabendo que os filhos estão a ter esse tipo de comportamento os protegem sem dar nenhuma repreensão de que estão a fazer algo errado.

No trecho seguinte, a entrevistada culpabiliza o ser adolescente cabo-verdiano, contestando duramente o ser autônomo, a auto-afirmação dos adolescentes, a conquista de liberdade e a emancipação destes dos pais. Tudo isso mexe com a estrutura do poder na família o que acaba provocando algumas desavenças por choque de valores entre as gerações. Ainda, a narrativa permite ver rastro de uma sociedade normativa, moralizadora, punitiva e castradora para com os direitos dos adolescentes enquanto cidadãos:

Acho que é muito difícil lidar com os adolescentes cabo-verdianos, porque cada vez mais os adolescentes estão a procurar desafiar os seus familiares, querem ser autônomos e mais rapidamente possíveis, ou seja, precoce, uma independência muito precoce; cada vez mais os adolescentes têm a tendência a se auto-afirmarem, querem ser eles mesmos, querem ser independentes da família, não preocupam em saber o que está a passar na família, preocupam só em saber o que está a passar de fora, querem trazer os desafios de fora para a família, ou seja, trazem algo de fora para desafiar os pais(...), a educação está a se degradar cada vez mais. Professora Suely.

Verifica-se a transferência dos papéis dos pais ou encarregados da educação no que se refere à educação dos filhos para a escola, devido à vida profissional que levam, assim

¹⁴ Grupo de gangues muito violento que praticam delinquência a - norte-americana em Cabo Verde. Muitos integrantes dos grupos foram extraditados dos EUA para Cabo Verde.

como a falta de diálogo entre pais e adolescentes, que em parte, é por causa do desnivelamento entre os níveis da escolaridade dos filhos e dos pais:

Hoje mesmo aqui na escola os pais às vezes trazem os alunos aqui na escola [já comecei a apontar algumas causas]; os pais querem que os filhos sejam bem educados na escola, mas lá em casa eles não dão uma boa educação aos filhos. Porque é que não dão? Não dão uma boa educação aos filhos porque levam uma vida tão agitada, (...) eles não têm tempo para se encontrarem, para se falarem dos problemas do dia-a-dia, para se discutirem, o que é extremamente importante ter diálogo em casa(...). Professor Paulo.

Segundo os professores entrevistados, no que se refere ao próprio relacionamento com seus familiares, a maioria apontou que teve uma relação normal e salutar com os pais enquanto eram adolescentes, assinalando a importância de: atenção, aproximação, apoio e diálogo da família para com os filhos nesta fase. Porém, houve caso de conflito com os pais, ou situações de relações frias e de pouca confiança com a família. Então, enquanto uns admitiram que houvesse diálogo abertamente com os pais quando eram adolescentes, outros, mesmo em número menor, manifestaram que o diálogo com os pais não fazia parte da realidade deles enquanto adolescente e que sentiram alguma carência em termos de conseguir algumas informações importantes, informações capazes de determinar o norte à própria vida.

Quando o assunto se trata do namoro dos adolescentes, se evidencia algum desencontro entre a família cabo-verdiana, exatamente, entre os pais e os filhos adolescentes demonstrando algumas dificuldades de aceitação e permissão por parte dos pais quando os filhos/filhas querem escolher uma pessoa para manter uma relação amorosa. O autoritarismo por parte dos pais e a dificuldade deles em saber buscar uma forma correta para dialogar e negociar com os filhos é fortemente patente em Cabo Verde e a sexualidade é abordada com muito tabu no seio da família, como se seguem:

Teve situações em que a minha mãe e eu entramos em conflito porque eu estava a gostar de uma pessoa e eu era proibida de procurar por essa pessoa, (...). A minha mãe foi uma pessoa aberta, ela falava muito comigo, ela me contava muitas coisas, falava-me da infância dela, depois(...), ela me falava o que é certo e o que é errado, então um bom diálogo entre família é bastante interessante nessa fase(...). Professora Cristina.

A família praticamente era a mesma coisa porque meus pais não tinham formação acadêmica suficiente, ou seja, outrora nenhuns pais, hoje que estamos tendo conhecimentos devido a disciplina e conhecimento de psicologia que nos fazem conhecer concretamente o que é ser adolescente de uma forma mais integrante e melhor. Outrora não. Professora Márcia.

(...), a minha irmã tinha um livro que falava sobre Fecundação, Gravidez e Parto, então aquele livro que tanto ela não abria a frente da minha mãe (...), esse livro era lido entre eu, ela e uma outra irmã minha (...), um dia a minha mãe descobriu aquele livro de baixo da almofada da minha irmã então esse dia ela teve que ser castigada pela minha mãe e para além de castigo a minha mãe teve de falar muitas coisas (...). Professora Diva.

A importância de uma educação a partir da reprodução social, uma educação que parte da própria experiência de vida, uma educação que é passada de geração para geração, educação em que os princípios básicos consistem na imitação, assim como a estruturação familiar é extremamente ressaltada nos discursos dos professores:

(...) a minha família me ajudou muito nesta fase, apesar dela não tinha conhecimento científico sobre esta fase, entretanto com base numa educação muito empírica, do senso comum, devido à educação que recebeu também dos pais (...). Professor Paulo.

Bom, o que eu posso louvar é que eu tive uma família estruturada, muito bem organizada do ponto de vista ético-moral que conseguiu me transmitir um conjunto de princípios fortes de formas de estar que dificilmente eu sinto-me desvirtuado. (...), de forma que eu acho que a família, a escola é o motor para a moldagem do comportamento dos adolescentes. Professor Pedro.

Com relação à interação na escola, todos os entrevistados revelaram ter relação amistosa com os colegas e professores na escola. Entretanto, a narrativa abaixo permite uma percepção da adolescente receber mais cuidado na escola enquanto adolescente, deixando transparecer uma sensação de abandono pela escola enquanto criança:

Na escola tanto os alunos como os professores, tudo mudou porque eu passei a ter mais respeito, mais ajudas, porque no liceu tenho muitas amigas, mas eu relaciono mais com os professores porque as minhas curiosidades que tenho pergunto se não ter como desabafar com a minha família em casa desabafo com os meus professores no liceu, assim, mudei o comportamento e muito mais. Aluna Susana.

Segundo os professores, a escola tem estado a ter grande papel e importância na educação dos adolescentes, visto que, atualmente, a escola está a ajudar os adolescentes a ter uma visão mais alargada sobre a fase da adolescência através das disciplinas de Formação Pessoal e Social – FPS e de Homem e Ambiente, trabalhando assuntos relacionados com aspectos da sexualidade de forma mais aberta, sobre as DST, gravidez precoce, droga, VIH/SIDA. Assim, a escola tenta suprir algumas lacunas na educação dos adolescentes com algo que abrange a vida destes e a sociedade em si:

A escola, a escola tem o seu papel que é o de complemento, nunca de substituir a família, mas sim de complementar e, sobretudo complementar onde realmente há lacunas. E a escola para complementar tem que ter capacidades, tem que ter pessoas com capacidades para substituir realmente a tarefa que é da família, isso muitas vezes não aparece realmente em todas as escolas, mesmo que aparecem nas escolas não são todos que pactuam com essas atitudes e há também a questão dos programas escolares, há questão dos manuais, há questão dos conteúdos que, pronto, temos conteúdos que recomendam determinadas práticas, mas há práticas que exigem determinados requisitos, materiais, humanos que não têm, enfim cada um passa a mensagem, mas podemos passar melhor mensagem se a escola tivesse todas as condições realmente para poder substituir a família lá onde for necessário, mas infelizmente essas condições a escola ainda não investiu, há manuais, há programas, há projetos, mas em termos de materialização isso deixa muito a desejar. Professor Pedro.

As opiniões dos professores ficaram divididas acerca da influência da escola na adolescência deles. Enquanto uns admitiram a escola influenciar no tocante à própria adolescência, explicando que na escola compartilhavam algo que se sentiam proibido de falar com os pais, por medo ou receio, com colegas da mesma idade, tiravam dúvidas com um ou outro professor que sentiam mais empatia. Que o sistema de ensino, mesmo sendo mais deficitário conseguia melhor eficácia em termos de controlar e monitorar o comportamento dos alunos. Assim, percebe-se nas entrelinhas que alguns professores compartilham com o sistema rígido e tradicional do ensino, o sistema que controla e molda o sujeito. Porém, outros assinalaram que a escola não influenciou em nada a adolescência deles, visto que priorizava apenas questões “conteudistas”, desvalorizando por completo em formar os alunos para a vida, para o exercício crítico da própria cidadania, onde o relacionamento entre o professor e o aluno era marcado por distanciamento abismal. Contudo, houve relato evidenciando o Espaço de Informação e Orientação – EIO da escola que atende os alunos/adolescentes da própria escola quando

demandam de questões ligadas à sexualidade, droga, IST, HIV/SIDA, ou melhor, questões que fazem parte do cotidiano destes adolescentes, contribuir na mudança de comportamento, conforme se segue:

Acho que não tenho muito de contar sobre a influência da escola em relação a minha adolescência. Porque eu era um aluno um pouco fechado, eu era fechado, no momento dos intervalos eu ficava sempre dentro da sala de aula em um cantinho lá, (...). O que foi mais marcante na minha adolescência é o EIO, foi EIO que me mudou. (...). Por isso, assim, a minha adolescência para que eu libertar da minha timidez o EIO teve um papel 100%. Lá no EIO (...), comecei a ver outros horizontes, foi como se eu tivesse um pano vedado nos meus olhos antes de ter entrado neste espaço. Professor João.

Sobre a interação na comunidade, segundo os adolescentes, as pessoas mudaram a forma de agir com eles na comunidade, visto que, começaram a os tratar com mais respeito e essa mudança deriva também da própria mudança intrínseca destes adolescentes, porque deixaram de ser criança. No entanto, demonstraram alguma revolta em relação à forma de agir da comunidade para com os adolescentes, justificando não entender as pessoas porque uns criticam e outros incentivam para fazer uma determinada coisa, assim é sempre bom que o adolescente age perante a consciência própria, em sintonia com o aconselhamento dos pais. As pessoas às vezes vêm os adolescentes com certa desconfiança e agem agressivamente com eles conforme a fala abaixo:

Algumas pessoas têm desconfianças e outras são as minhas amigas, outras agem comigo às vezes de forma agressiva, dizem palavras que nos afetam, fazem coisas que também nos afetam, podem usar expressões que podemos não gostar, fazem críticas sem saber como o assunto realmente decorreu. Aluna Débora.

Assim como os alunos, os professores manifestaram-se sobre uma grande dificuldade da sociedade cabo-verdiana em saber conviver com os adolescentes, apontando que as dificuldades começam logo no seio familiar e que estendem por toda sociedade e, sobretudo, criticando a falta do envolvimento e da intervenção dos pais na educação dos filhos. Para uma professora, a adolescência é uma fase de turbulência, de muita carência, cujas algumas pessoas em termos da sexualidade se aproveitam, sobretudo os homens aproveitam muitas vezes de jovens adolescentes.

Em Cabo Verde qualquer atitude tomada por um adolescente ou grupo de adolescentes as pessoas julgam-nos e generalizam logo para todos os adolescentes do país. Na narrativa da professora que se segue, mesmo contestando a forma como as pessoas andam a tratar os adolescentes, ela acaba por ter a mesma posição quando afirma que os adolescentes de Cabo Verde estão tendo comportamentos inadequados. Quiçá, isso faz parte de uma sociedade pequena e tão regrada e moralista que é a de Cabo Verde:

Normalmente acho que as pessoas acham que todos os adolescentes são iguais. Se existe um grupo de adolescentes delinquentes, então as pessoas colocam todos os adolescentes no mesmo saco, eles dizem: “é uma batata dentro de um saco de batata”, que todos são iguais. (...). Acho que os adolescentes não estão a se comportar de uma forma correta, estão a ter comportamentos inadequados, não estão a aceitar os desafios, porque quando acontecer algo de errado com eles, eles procuram dar de volta, ou então fazer algo para mostrar que não ficaram contente com aquilo que aconteceu (...). Professora Suely.

A narrativa que se segue critica a falta da tolerância para com os adolescentes em Cabo Verde por parte de certos grupos sociais, pois os adolescentes fazem parte da sociedade. Talvez esta sociedade careça de alguma sensibilidade que possa ser até de cunho gnosiológico para poder entender e relacionar melhor com esta fase de vida humana. Assim, verifica-se uma necessidade de fazer alguma investida em Cabo Verde sobre as questões relacionadas à adolescência a fim de proporcionar uma melhor articulação entre ela e a sociedade como um todo:

Devemos aceitar isso como uma fase que nós também tínhamos passado ou que estamos a passar, devemos respeitar esta fase, respeitar, apoiar, colaborar no que for preciso e eu acho que nem todas as pessoas aceitam esta fase. Você encontra as pessoas dizendo que os adolescentes fazem isso ou aquilo, que não respeitam ninguém, quer dizer, não concordo com isso. (...), eu acho que falta um pouco de tolerância para com os adolescentes, sabendo que é uma fase complicadíssima. Professora Alessandra.

Entretanto, nos discursos dos professores fica a alerta dos maus tratos que os adolescentes em Cabo Verde estão sujeitos, chegando até nas salas de aula com os professores, pessoas que pelo menos deveriam ter alguma sensibilidade de modo a ajudá-los a aclarar certas questões, ou então deveriam estar em outros lugares, mas não no sistema educativo para orientar o processo ensino/aprendizagem, no entanto, preferem puni-los. Assim, percebe-se que os adolescentes deste país recebem a punição

da sociedade, da escola e até no entorno familiar, porém, punições sem medidas corretivas para a superação das lacunas identificadas.

5.8 Limitações e possibilidades dos adolescentes cabo-verdianos

Os adolescentes colocaram a ênfase de suas possibilidades na conquista da liberdade própria, conquistando o dia-a-dia através dos convívios com as outras pessoas. Isto pode ser: estudar, namorar dentro do respeito, sair, ir para as festas, ir ao mar, isto é, ter uma vida social normal para a faixa etária que começa com algumas conquistas de liberdade e de confiança no seio familiar e que estende até a procura de um espaço próprio dentro da sociedade.

A sexualidade deve ser vivida pelos adolescentes com prevenção, como se vê na fala abaixo, preservando a auto-imagem, respondendo os padrões comportamentais instituídos pela sociedade e manter sempre precavidos nas relações amorosas, o senso de liberdade e limitação encontram nos discursos das professoras:

Acho que eles devem usar sempre a camisinha e que devem ir com calma, sem pressa, devagarzinho, devagarzinho até que começam a entender o que é certo e o que é errado, porque o comportamento de uma pessoa se influencia na vida dela como um todo (...), devem preocupar com a própria imagem perante a sociedade, visto que isso é importante, não podem ser vulneráveis. Professora Cristina.

Com relação às limitações, nas narrativas da maioria dos adolescentes, eles não podem: ter relações sexuais, sair à noite, sair sem dar as satisfações aos pais, porque ainda são menores de idade e não podem usar drogas e bebidas alcoólicas. Nos discursos estão evidentes que não podem tomar atitudes infantis, mas também não podem tomar atitudes de um adulto, porque ainda são adolescentes. Contudo, registra-se certo tabu ao se tratar de assunto que tem a ver com a sexualidade, assim como, a noção das conseqüências das práticas sexuais desprotegidas, a fidelidade, a limitação em viver a sexualidade, espírito sonhador, o determinismo e olho posto no futuro, o sentido de priorizar as coisas a fim de não afetar a vida do imediato fazem parte dos discursos dos adolescentes:

Não posso abandonar os meus estudos, não posso abandonar os meus amigos de infância, não posso bem cedo, comigo eu prefiro conhecer a pessoa primeiro para se relacionar, eu não faço isso porque ainda sou adolescente, eu acho que tenho muitas coisas para aproveitar ainda na vida. [O que tu queres dizer com não quer bem cedo?] Ter relações sexuais cedo. Porque como nós sabemos as relações sexuais cedo podem trazer grandes conseqüências, porque pode trazer o arrependimento, a gravidez precoce, pode trazer a depressão. Aluna Débora.

O que não devo fazer porque sou adolescente é ficar grávida, é ver uma pessoa logo no primeiro dia e namorar com ela mesmo sem gostar só porque é bonita e logo ficar grávida, o que pode trazer muitos conflitos dentro da família e da sociedade, não posso entrar no mundo das drogas porque se não em qualquer lugar que passei as pessoas ficam comentando que aquela menina se droga. Aluna Dora. O que eu não posso fazer agora, mas que gosto é de ter construído uma família, porque não estou preparado ainda sequer por mim no sentido de sustentar a família, não posso ter filho. Aluno Dino.

Os professores apresentam nos seus discursos um julgamento moral aos adolescentes. Para alguns, os adolescentes não podem fazer nada que venha trazer conseqüências desagradáveis, que possa produzir o mal-estar para si e para os outros. Entretanto, ressaltam que é essencial não confundir “liberdade com libertinagem”, porque todo mundo é livre, mas a sua liberdade termina onde começa a liberdade dos outros, destarte os adolescentes devem sempre procurar não ultrapassar os limites da própria liberdade, porque podem acabar prejudicando a si mesmos e a terceiros. Para uma professora, deve haver um limite para os adolescentes através de conversas demonstrando para eles o que é bom e o que é mau. O viver adolescência depende de alguns fatores como – familiar, do meio sócio-cultural, das influências provocadas pelos colegas e, sobretudo pelas mídias, desta forma, questiona-se: qual é o papel da mídia na formação dos adolescentes? Que influência ela exerce sobre os adolescentes? Ela é coisa má e provoca tensão sobre os adolescentes? No entanto, nos discursos os professores ressalvam o moralismo normativo responsável¹⁵ para com os adolescentes, onde estes têm que seguir as condutas e as normas sociais e não devem interiorizar algo que é sancionado pela sociedade. Deste modo, seguem as seguintes questões: se ser adolescente é turbulência, busca e incerteza, enquanto forma de explorar os limites e as possibilidades de vida? Ser adolescente não é “ser também irresponsável”? A “irresponsabilidade” não faz parte do ser adolescente? O que é ser responsável na

¹⁵ Com isso quero referir a importância dada nas falas dos professores sobre a moral e as normas instituídas socialmente como normais corretas e responsáveis.

sociedade cabo-verdiana e como os adolescentes podem viver uma sexualidade responsável que tanto aparecem nos discursos? Como se vê abaixo:

Isso depende do adolescente e da família dele, dependa da convivência e do grupo que ele está inserido. Eu acho que os adolescentes não podem estar a namorar hoje com uma pessoa e amanhã com outra(...), então são comportamentos que acontecem com jovens de agora, eles namoram com um, é como se dizem no Brasil, ficar, então eles devem saber que tem DST, mas não só, tem hepatite B que pode ser também através da saliva, através do beijo, então são coisas que eles devem se cuidar (...). Professora Cristina.

Por exemplo, quando os adolescentes estão a praticar algo que não é bem visto na sociedade eu acho que os adolescentes não podem fazer isso, por exemplo, quando estão a praticar, a ver uma coisa má a passar na TV hoje, ta? Depois interiorizem essas coisas para depois fazer, quer dizer, acho que eles não podem fazer isso. Mas acho que é isso que eles querem, interiorizar o que viram para depois fazer a fim de mostrar que aprenderam alguma coisa(...), eu acho que os adolescentes não podem fazer muita coisa, por exemplo, nos dias de hoje está a acontecer muitos casos de gravidez nos adolescentes, ta? O que eles não estão a fazer, por exemplo, é a utilização dos métodos contraceptivos(...), tudo isso é falta de responsabilidade, eles não estão tendo a responsabilidade. Professora Suely.

Portanto, para os professores, os adolescentes devem fazer tudo menos aquilo que possa prejudicá-lo de ponto de vista físico, social, mental, ou seja, podem fazer tudo que é permitido e que não traz prejuízos a ele e a terceiros. Que os adolescentes têm de ter cuidados em adquirir novos tipos de amizades, isto é, devem selecionar os tipos de pessoas para se envolverem, então, será fundamental que os adolescentes entrem em qualquer grupo como religioso, desportivo, onde possam aprender normas e condutas que lhes beneficiam no seu dia-a-dia.

5.8.1 Ser adolescente é bom porquê

Destacando os aspectos positivos do ser adolescente, estes enfatizam os temas de responsabilidade, oportunidade e sexualidade nos seus discursos. Eles gostam de ser adolescente e acham que é bom ser adolescente, porque deixaram uma fase de pura criança para entrar em outra menos criança e mais adulta, com certa maturidade comportamental, com atitudes mais responsáveis e com um pensamento diferente. Acham que é a fase do aproveitamento da própria juventude, da liberdade da sua própria

capacidade e do seu corpo, de muitas descobertas, de coisas novas, das transformações, da puberdade, das emoções e paixões, portanto é a fase mais importante da vida. É a possibilidade que a pessoa tem de começar a pensar no próprio futuro, sendo solidário, ajudando os outros, tendo a educação e evitando o mau caminho como entrar no grupo de “thugs”. Uma aluna revelou que o bom em ser adolescente é só namorar. Assim, se trata de uma fase de muita diversão, brincadeira, passeio, uma fase em que a pessoa conhece uma nova experiência, fase difícil, mas ao mesmo tempo boa. Esses sentimentos dos adolescentes refletem a adolescência como período de transição em que o indivíduo ganha a maturidade quer na estrutura corporal como na mental, com vista à conquista de certa liberdade, emancipando das normas dos pais para formar grupo com valores próprios, corroborando com as teorias da adolescência em Muuss (1966). O sentido da responsabilidade é fortemente aventado nos discursos dos adolescentes para o controle da própria vivência cotidiana:

Para mim a adolescência é a melhor fase da minha vida, no meu caso existiam coisas que eu fazia a três, quatro anos atrás que agora não faço porque agora já tenho outras responsabilidades. Por exemplo, agora eu posso ter o tempo livre no final de semana, está acontecendo festa ali, jogo para lá, agora estou mais preocupado com a minha escola, então consigo negociar sobre esse tempo livre que a 4, 5 anos eu não negociava. Aluno Dino.

Os professores tiveram uma visão semelhante a dos alunos, no entanto, enfatizaram a sociabilidade para referir o bom em ser adolescente, tendo em conta que se trata de uma fase em que o indivíduo procura adquirir muitos amigos, amigos que fazem parte da formação e construção da própria personalidade, onde eles possam experimentar coisas novas e gratificantes que possam marcar a sua vida. É o período de muitos acertos e desacertos e isso faz da pessoa ter responsabilidade mais acrescida. É a fase que a pessoa ganha alguma maturidade e conseqüentemente conquista alguma autonomia dos pais, ou seja, o indivíduo conquista a sua liberdade, o espaço próprio e adquire novos valores, porém é também uma fase revolucionária. A distinção do bem e do mal e a sociabilidade aparecem nos discursos dos professores para poder ter uma adolescência saudável, mas o indivíduo precisa de muito apoio:

(...). Lado bom de adolescência, partindo da idéia da distinção do bem e do mal, então o adolescente deve assimilar coisas boas como, por exemplo, convivendo com colegas, estando na rua, ouvindo rádio, assistindo televisão, mas sempre partindo desta idéia: eu tenho

que assimilar coisas boas, repudiando, reprovando e pondo de lado coisas más (...). Professor Paulo.

Epa! Na sociedade podemos distinguir aspectos positivos e aspectos negativos. Para mim uma adolescência, ela tem que ser saudável, ser saudável significa uma adolescência que tem princípios, uma adolescência com capacidades de enfrentar os problemas, significa uma adolescência que é apoiada pelos pais, pelos familiares, pela instituição, enfim por todo mundo. Professor Pedro.

Portanto, o bom em ser adolescente em Cabo Verde, de acordo com os sujeitos da pesquisa, é porque se trata de uma fase de amizade, de sonhos, de fantasias, imaginações embora muitas não vividas. Esses aspectos referidos pelos professores e alunos coincidem com as teorias da adolescência em Muuss (1966), como, por exemplo, período de transição, a conquista da independência dos pais e do espaço próprio na sociedade, a socialização, o processo de maturação, a formação da identidade e da personalidade, a aquisição dos valores próprios, de entre outros.

5.8.2 Ser adolescente é ruim porquê

Para os alunos, o ruim em ser adolescente reside na revolta que os adolescentes passam nesta etapa da vida, tendo em consideração que é uma fase em que a pessoa se influencia rapidamente, fase de crise, difícil, rebelde devido às muitas transformações física e psicológica o que contribuem para que a pessoa fique muita confusa. Muitas vezes o diálogo fica difícil com os pais ou outros membros da família, então o adolescente acaba procurando colegas para o refúgio e pode entrar em um grupo com sujeição a tudo o que o grupo quer como drogas, vandalismo, prostituição, entra nos grupos de “thugs”, atacam as pessoas, ou outras influências negativas. Essa percepção da adolescência por parte dos adolescentes cabo-verdianos coincide com a psicologia biogenética de Hall, quando ele afirmou que adolescência corresponde ao período de tempestade, tensão e crise que provoca em mudança da personalidade do indivíduo (MUUSS, 1966), “crise psíquica” (MELMAN, 1995), período singular e de difícil subjetivação (HÉBERT, 1995).

O tema sociabilidade entra nos discursos dos alunos quando destacam o fato de depender dos pais como algo ruim em ser adolescente, isto porque a pessoa sempre quer ter a liberdade e quando essa liberdade não acontece então o ambiente familiar pode

ficar “crispado”, chegando a levar o adolescente a pensar em abandonar o lar a fim de dar uma resposta de repúdio aos pais, para conquistar a própria liberdade. Spranger, em Muuss (1966), apontou o caráter de nomadismo dos adolescentes em querer abandonar o lar para ganhar o estatuto da independência. A fidelidade, a punição dos pais, a responsabilidade, a preservação da auto-imagem, a importância de se identificar com o grupo para poder se inserir plenamente estão presentes nas narrativas dos adolescentes:

Outra coisa mau em adolescente é arranjar um namorado hoje, transar no mesmo dia e ficar grávida, o namorado foge e a menina fica a cuidado dos pais dela e às vezes nem os pais da menina assumem alegando que foi ela quem fez isso então que fique na rua. A minha mãe mesmo diz: “Dora dia ki bu pensa fasi es kusa li podi sai de nhá kasa¹⁶”. Por isso que devemos fazer só coisas boas nesta fase de adolescência para quando estivermos adultas com maridos e filhos podemos lembrar de boas recordações (...). Aluna Dora.

É a parte difícil, às vezes, por exemplo, quando as minhas amigas têm a menstruação e eu não tenho já fica complicado porque, porque é que elas têm e eu não? Mais difícil nas meninas é isso e nos rapazes é quando uns ficam com a voz fina e os outros rapazes ficam a gozar, a dizer que não, que parecem mulheres, essas coisas. Aluna Sandra.

O não desvendamento de algumas transformações físicas, a falta de orientação e apoio, a incorporação de coisas más na própria personalidade, a curiosidade e as influências estão nas narrativas dos professores quando falam dos adolescentes cabo-verdianos:

Para mim, essa foi a minha visão quando eu era adolescente, o ser ruim em adolescente foram as transformações, é o desenvolvimento do seio, porque eu acho que eu era pequenininha para ter essas transformações, são aquelas transformações que me ocorriam e que (...), eu não entendia e achava que era um desconforto para mim, era desagradável, tipo, por exemplo, quando eu tive a menstruação eu fui obrigada a fazer educação física e tinha aquela situação: fazer ou não fazer? Eu não sabia como lidar com isso porque têm coisas que a minha mãe não me ensinou (...), no entanto eu não sabia como lidar com a situação, então esse era o desconforto. Professora Diva.

O lado mau de adolescente é quando eles acabam por assimilar tudo o que não é bom pela própria personalidade deles, quando me parece que adolescente de hoje acaba por ser bombardeado por muitas informações, mas eles não têm a capacidade de seguir e distinguir todas as informações, por exemplo, eles se entendem que se podem experimentar tudo, mas na verdade entendo que não, você não pode

¹⁶ Dora, dia que pensares em fazer essas coisas podes sair da minha casa.

experimentar uma coisa que se á partida você sabe que é prejudicial, por mim é paradoxo, (...). Professor Paulo.

Os professores tiveram uma visão semelhante à dos alunos, contudo acrescentaram que o ruim em ser adolescente é porque nesta fase a pessoa excede muitas vezes com o exibicionismo, quer sempre se exhibir para outras pessoas, olvidando completamente dos aspectos psicológicos e importando somente com a boa aparência e apresentação física. Que muitas vezes a sociabilidade com os pais fica deficitária, visto que os adolescentes se trancam e não se abrem com os pais para desabafarem do seu cotidiano e, por curiosidade, querem descobrir o mundo, preferem entrar em alguns perigos como droga, prostituição, alcoolismo, principalmente, quando registram falta de princípios fortes capazes de permiti-los desvendar antecipadamente algo que é certo do que é errado, onde muitas vezes se deixam levar pelas influências de amigos, acabando por adquirir maus hábitos. Na ótica dos professores, tendo em conta que é uma fase de transição, então o indivíduo não consegue descortinar todas as transformações que estão ocorrendo, assim acaba por ficar muito vulnerável e exposto ao mundo. Desta forma, a própria personalidade fica marcada com essas seqüelas. Esta preocupação excessiva com o corpo e a sujeição à vulnerabilidade por parte dos adolescentes, vão ao encontro das teorias da adolescência em Muuss (1966).

5.9 Expectativa dos professores e alunos sobre a adolescência

Os adolescentes gostariam que as suas adolescências fossem “um mar de rosa”, com amor, muito carinho, com muitas informações, cheia de muitas conquistas, paz, alegria e sem inveja. Gostariam de ter pessoas de confiança como os pais para poderem compartilhar os problemas cotidianos e tirar as dúvidas do dia-a-dia, como: o que é menstruação; o que é a relação sexual; as DST; métodos contraceptivos. Gostariam de ter uma adolescência com muita responsabilidade, com ilusões e desilusões também, com muitos amigos e com sucesso nos estudos. As narrativas dos adolescentes evidenciam a importância dada por eles de ter uma postura padrão, de acordo com as normas e padrões aceitos pela sociedade, a preocupação com a responsabilidade e, sobretudo revelam um pouco do retrato da família cabo-verdiana, onde uma boa parcela é chefiada por mulheres ou porque os homens estão emigrados ou porque eles têm outras famílias. Percebem-se algumas perturbações que acontecem na vida dos

adolescentes por não conseguirem dar certas respostas perante determinados problemas cotidianos, principalmente por falta das orientações, conforme a seguir:

Eu não gostaria que a minha adolescência fosse melhor de que assim, porque moro eu e a minha mãe, o meu pai e eu não nos conhecemos porque ele se emigrou antes de eu ter nascida e tenho 17 anos e não o conheço, vivo eu, a minha mãe, minhas duas irmãs e meu irmão. Então eu e a minha mãe temos uma relação muita amistosa, (...). Eu respeito todo mundo, quer na sociedade como aqui na escola. A única coisa que eu desejaria é que eu me morasse com a minha mãe e o meu pai, mas do resto tudo pode ficar na mesma. Aluna Dora.

(...). Nesse momento não estou a “pancar as aulas¹⁷” como “pancava” antes. Como existe o ditado que diz assim: “temos de deixar o mundo um pouco melhor de como o encontramos”, então no meu caso, mesmo que não vou o deixar melhor não quero deixá-lo pior de como achei também (...). Aluno Dino.

Os professores mostraram um pouco pessimista em relação à postura dos adolescentes atualmente na sociedade cabo-verdiana, apontando a violência, a formação de grupos de gangues, o vandalismo, a impunidade, a vulnerabilidade, a libertinagem, a entrada no mundo das drogas e prostituição, a criminalidade, a fragilidade da personalidade, a irresponsabilidade, a falta da moral, como algo marcante no seio dos adolescentes de Cabo Verde. Contudo, eles gostariam que os adolescentes cabo-verdianos se libertassem desses malefícios; que fossem adolescentes com atos conscientes, adolescentes capazes de avaliar e pensar antes de agir, medir as conseqüências antes de agir, que não ajam por influência e imitação dos outros; que repudiem as coisas negativas; adolescentes com um espírito crítico em termos de saber selecionar as informações, mas também espírito crítico em relação à forma de ver o mundo. Gostariam que houvesse mais diálogo e negociação de forma civilizada no entorno familiar; que os pais e as instituições vocacionadas acompanhassem mais de perto os adolescentes de forma a tentar entender melhor o que está a passar com eles, e que os adolescentes conseguissem interiorizar os bons exemplos da família, da escola e da sociedade.

Contudo, o discurso da responsabilidade que culpabiliza os adolescentes pela sua adolescência é muito forte nas narrativas dos professores. Assim, questiona-se: toda adolescência é irresponsável? Parece que Cabo Verde está atravessando por um período

¹⁷ Faltar/matar as aulas.

de crise de valores e os adolescentes são os mais vulneráveis, quiçá são as transformações sociais por que passa este país e os adultos costumam a aceitar algumas mudanças, pois existe uma falsa ou aparente liberdade que a sociedade cabo-verdiana concede aos adolescentes, de acordo com as falas que se seguem:

Mais responsáveis com mais valores também. Porque atualmente nós podemos notar que a sociedade cabo-verdiana em termos de valores, em termos de moral eu acho que há crise de valores sim, porque enfim, antigamente a noção de valores era diferente, mas hoje não e talvez por isso que a sociedade cabo-verdiana está desta forma, por exemplo, hoje não temos mais respeito, por exemplo, os alunos já não respeitam os professores, os alunos não respeitam as pessoas mais idosas, antigamente não, tudo era com mais respeito, pediam bênção, inclusive alunos com medo de professores (...). Professora Alessandra.

O perigo, a sociedade lhe dá chance para fazer certas coisas enquanto adolescente, porém a mesma sociedade acaba por lhe criticar, então é um perigo que os adolescentes acabam por cometer, por isso viver adolescência em Cabo Verde tem que ser com muita responsabilidade, você tem que saber a forma como pode viver. Tem alguns comportamentos que temos de evitar mesmo na adolescência porque mesmo depois quando somos adultos isso continua contando na nossa história de vida (...). Professor João.

Quanto à expectativa da adolescência deles, alguns professores não mudariam nada na adolescência deles, assim gostariam que fosse exatamente como foi. Os outros gostaram da adolescência deles, mas mudariam algo, como, por exemplo, ter acesso a alguns bens materiais que não conseguiram ter enquanto adolescente, devido a alguma fragilidade econômica familiar; a oportunidade de desenvolver mais o aspecto social, a fim de se libertar um pouco da timidez e ficar mais extrovertido, mudariam algumas atitudes no próprio seio familiar, principalmente, atitudes dos pais, a fim de se sentirem mais confortáveis para a compreensão de certos problemas que faziam parte do quotidiano. As narrativas das professoras evidenciam a importância da atitude dos pais para com os adolescentes, de ter acesso às informações e que a escola esteja mais atenta em relação à adolescência:

(...), eu gostaria que os meus pais estivessem mais atentos e que me ajudassem mais, se calhar é isso, por exemplo, eu quando a minha filha vai entrar na adolescência e meu filho também se calhar eu vou estar mais atenta para eu poder lhes acompanhar passo a passo, se calhar é isso. Professora Márcia.

Eu gostaria de viver a minha adolescência com mais naturalidade, mais abertura, que eu tivesse as informações que hoje os nossos adolescentes estão tendo (...), de modo que eu poderia lidar de forma mais aberta com os meus problemas de adolescência (...). Professora Diva.

(...), eu gostaria que mudassem, por exemplo, atitude do meu pai, (...), então ele se começou a afastar de mim, afastando, afastando, afastando e até amizade que tínhamos antes se tornou uma coisa chocho e foi uma coisa que não consegui resgatar (...), eu gostaria que o meu pai fosse mais interventivo, que ele não tivesse a vergonha de falar comigo certas coisas, (...). Eu gostaria também que a minha escola fosse diferente, as atitudes de certos professores, (...), tinha aquela barreira, aquele distanciamento entre professor e aluno que isso já hoje começou a diminuir. (...), que nos desse mais oportunidades para que podíamos descobrir o nosso eu (...). Professora Sayonara.

Enquanto uns sentem vontade de viajar no tempo para lembrar a adolescência, outro prefere esquecer, porém viver adolescência depende não só de lugar onde o indivíduo está inserido, mas também da própria geração que ele pertence, ou seja, cada geração é marcada por um contexto próprio e específico que repercute, também, no ser adolescente, segundo as narrativas a seguir:

Saudade até que não digo, porque na minha adolescência, praticamente, às vezes eu tento comparar a minha adolescência com a adolescência de hoje, hoje o que eles têm na cabeça, meninos de 13, 14 anos comparo com a minha e eu sabia essas coisas a partir dos 20 anos, (...). Considero então que eu era uma criança, em termos de transformações físicas eu tinha, mas em termos das transformações psicológicas eu não tinha a altura de um adolescente. Professora Diva.

“ya, nta xinti sim¹⁸”, porque eu achava que eu era mais feliz, se calhar no fundo eu era mais feliz. A vida também era mais fácil, por isso sinto saudade da minha adolescência, quem me dera que o tempo voltasse para trás, infelizmente não volta. Professora Alessandra.

Assim, excetuando uma professora, todos sentem saudades da vida que levavam na adolescência, reportando que foi uma fase muito ativa e dinâmica, que conquistaram muitos amigos e que hoje estes amigos estão dispersos por questões familiares e profissionais. Uns lamentam que infelizmente a adolescência seja uma fase que não tem retorno, visto que, é uma fase que há possibilidade de experimentar, que é uma sensação

¹⁸ Sim, sinto sim.

muito agradável viajar no tempo a fim de lembrar da vida da adolescência. Quando os professores falam da própria experiência da adolescência percebem-se mais aspectos positivos do que negativos, contrariamente quando falam da adolescência cabo-verdiana da atualidade reportam mais negatividade, então, o que aproxima e diferencia a fala deles sobre a adolescência atual (dos alunos) e a própria adolescência vivida por eles é a questão da benevolência, visto que são mais benevolentes consigo próprios.

5.10 Desafios para com os adolescentes cabo-verdianos

Sobre os desafios da sociedade cabo-verdiana com relação aos adolescentes, ressalta-se a necessidade de promover um clima de mais cordialidade e inter-ajuda por parte dos adultos para com os adolescentes, a exemplo disso, segue a mensagem:

Para a sociedade ter mais respeito com os adolescentes, porque eu vou para casa de auto-carro e os auto-carros estão sempre lotados, já aí uma pessoa mais adulta quando alguns estudantes pisarem-nas os pés, mesmo sem querendo, então começam a falar monte de coisas, ou dizem que nós os estudantes que não temos respeitos(...), e algumas vezes até nos dizem palavras obscenas que nos ofendem e falam nas nossas mães, coisa que eu não admito. E o governo não pode fazer nada a respeito disso porque cada um é igual, mesmo que o governo faça alguma coisa, age só para prender as pessoas. Aluna Débora.

Os adolescentes afirmaram existir desafios para com os adolescentes cabo-verdianos. As narrativas apontam que deveriam existir mais institutos de apoio aos jovens, mais lugares que prestassem as informações aos adolescentes sobre a sexualidade, porque muitos casos de gravidez nas adolescentes é por questões ligadas a falta de informações; porque muitos adolescentes carecem de informações sobre a sexualidade, sabendo que os pais não falam dessas coisas em casa com os filhos. Que há necessidade da criação de mais espaços de lazer como praças, campos de jogos com vista à melhoria da qualidade de vida. Segundo eles, o governo tem que fazer alguma coisa para reduzir drasticamente a violência entre os adolescentes. Contudo, estes desafios não dizem respeito única e exclusivamente ao Estado, destarte cabe também aos pais, à sociedade contribuírem na educação dos adolescentes no sentido de fomentar um clima de paz e uma juventude mais saudável. A falta da oportunidade, a violência, a insegurança são fortemente marcadas entre os discursos dos adolescentes nas falas abaixo:

A maioria dos jovens cabo-verdianos tem mais ou menos 18, 19 anos. Normalmente esses jovens já terminaram o ensino secundário e o governo não lhes garante sequer um emprego, então eles ficam sentados aqui em Cabo Verde sem o que fazer e ficam muitas pessoas velhas, idosas a ocuparem cargos, outras até aposentadas a trabalhar, então porque não dar chances para os jovens que estão desempregados ou para aqueles recém-chegados de formação que ficam muito tempo a procurar emprego e sem conseguir. Outra coisa, o governo deveria investir mais no desporto, fazendo mais campos de futebol, handebol, basquetebol para a ocupação dos adolescentes. Por exemplo, você vê muitas paragens de autocarros que são feitas para as pessoas sentarem enquanto esperam os autocarros para não ficarem expostas ao sol ou à chuva, mas por causa do vandalismo dos adolescentes eles acabam quebrando todas as paragens, isso também é porque eles não têm outra coisa para fazer. Aqui na escola eu acho que deveria ter mais salas de informática, com mais computadores para o número de alunos que estudam aqui. Aluna Dora.

Eu acho que um dos maiores desafios por parte do governo é dar mais segurança aos adolescentes no recinto escolar. Acabou de acontecer uma tragédia com os estudantes no Liceu X, apesar de nós os jovens não estamos a ajudar muito, mas acho que o governo deveria programar medidas de seguranças que combatessem certas delinqüências na camada jovem. Aluno Dino.

Assim como os alunos, para os professores existem muitos desafios para com os adolescentes cabo-verdianos. Esses desafios começam no entorno familiar dos adolescentes e estendem por toda sociedade. Para eles, deve haver a preparação dos adolescentes para a vida, para a vida prática com vista a erradicar muitos males da realidade cabo-verdiana, cujas raízes estão assentadas na própria família, e esse combate deve ser através da criação da noção da responsabilidade, da consciência moral, investindo em uma educação para a cidadania. Por isso, é fundamental a criação de redes de instituições no país que prestem apoio aos adolescentes, trabalhando em sintonia com a família, instituições apetrechadas de técnicos com formações e competências, à altura de suprir as demandas desta fase de vida – como a violência na adolescência, a prática precoce de atividades sexuais nos adolescentes, a gravidez precoce, o consumo das drogas e do álcool nos adolescentes e a prostituição entre os adolescentes. Ainda, é necessária a criação dos programas educativos direcionados para os jovens pelas massas mídias, visto que, a maioria dos programas que passam nos órgãos de comunicação social instiga os adolescentes à prática de maus hábitos. Nas narrativas dos professores foi ressaltada a importância de dar um tratamento igual aos adolescentes independentemente do sexo, da necessidade de uma educação mais prática e do papel da televisão na formação dos adolescentes:

Há um grande desafio. O primeiro desafio é o desafio do preconceito, quer dizer, não discriminar os adolescentes em função do sexo. Um outro desafio é educar. Educar os adolescentes, mas não na base teórica, mas sim com atos, com atitudes, com comportamentos, porque não vale a pena de dar um bom conselho e depois um mau exemplo. Eu acho que é preciso educar com exemplos, é só ver, por exemplo, o impacto que a televisão tem na vida do jovem. Porque aqui a televisão é vista, é o exemplo, então as pessoas têm tendências de assimilar mais, então quando é rádio, quando é leitura ninguém quer porque é teoria, o adolescente quer prática, uma boa prática. Professor Pedro.

Sem dúvida, os resultados mostram que em Cabo Verde a adolescência é vivenciada como uma fase crítica, nitidamente em transformação, que se dá em consonância com as mudanças que ocorrem no mundo contemporâneo, carregando tanto aspectos negativos, quanto positivos em uma sociedade também em franca transformação, mas pouco atenta a esse segmento social e suas condições de vulnerabilidade.

CAPÍTULO VI – COMPREENDENDO SEXUALIDADE, EXPOSIÇÃO E PREVENÇÃO DE HIV COM ADOLESCENTES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE CABO VERDE

O presente capítulo trata da percepção dos professores e alunos de uma escola secundária de Cabo Verde acerca do sexo e da sexualidade. Para tal, foram auscultados estes dois grupos de indivíduos que se constituíram nos sujeitos da investigação com o propósito de ver as manifestações, os sentimentos, os anseios, as crenças e as revelações destes em relação ao sexo e à sexualidade no entorno dos adolescentes cabo-verdianos. No transcorrer deste capítulo estarão presentes as representações e as experiências destes sujeitos sobre o sexo e sexualidade.

6.1 O sexo e a sexualidade no entorno dos adolescentes cabo-verdianos

Na sociedade cabo-verdiana o sexo e a sexualidade são assuntos abordados com alguma normalidade e tranquilidade pelos adolescentes. Tratam-se de temas trabalhados na sala de aula com os professores, principalmente com os professores da Formação Pessoal e Social – FPS, e, também, são temáticas que perpassam nas conversas dos adolescentes mesmo fora de sala de aula, com os amigos e amigas. Para os adolescentes, em casa, nem toda a família encara o sexo e a sexualidade com naturalidade, visto que em alguns deles sexo e sexualidade ainda são vistos com muito tabu e preconceito. O que parece estar relacionado com a heterogeneidade dos pais em termos do nível de instrução, das crenças e preceitos religiosos de cada núcleo familiar. Contudo, é bom ressaltar que apesar de que nem todas as famílias cabo-verdianas encaram o sexo e a sexualidade com normalidade, os alunos se sentem à-vontade e com certa familiaridade para falar desses assuntos, alegando que são coisas normais que fazem parte do quotidiano deles.

Na fala que se segue, o aluno definiu a sexualidade como elemento que permite a humanização do homem, enquanto que sexo para ele está ligado à reprodução, ao biológico, à fecundação, ao gozo, ao orgasmo e à libido. Ainda, demonstra a falta de preparo dos pais cabo-verdianos em termos de saberem conduzir os filhos para uma sexualidade responsável e saudável:

Sexualidade e sexo fazem parte da mesma coisa? Não é? [Como tu achas? Achas que é a mesma coisa?]. Normalmente, se eu não estiver enganado, a sexualidade é uma coisa que diferencia os homens dos outros seres vivos. Sexo, eu entendo como matar prazer, para assegurar a nossa vida, para dar a continuidade ao nosso ser. Uma das pessoas que eu gostaria de falar sobre sexo e sexualidade é a minha mãe, mas infelizmente ela carece de informações que nos permitem ter uma conversa franca nessa área. Normalmente eu falo com a minha namorada, amigos e amigas, com a professora de FPS. Aluno Dino.

O sexo e a sexualidade são assuntos encarados com alguma naturalidade, sobretudo quando a questão é a prevenção da gravidez e das IST/HIV/SIDA entre algumas famílias cabo-verdianas, embora possa comportar mensagem punitiva, conforme se segue:

com a minha mãe, com as minhas amigas sempre falamos sobre sexo e sexualidade. Eu e a minha mãe falamos sem tabu, sem preconceito. Uns tempos a minha mãe dizia assim, Dora quando deixaste de ser virgem ou quando ficares grávida eu vou te botar lá na rua. Mas quando eu completei os 16 anos eu tinha o meu namorado que já tínhamos completado 4 anos de namoro, então falei para ela que já tive a minha primeira relação sexual e ela me perguntou se eu usei a camisinha e eu falei, claro que usei, então ela e eu sempre falamos abertamente sobre esses assuntos. Aluna Dora.

Nos discursos dos alunos, a educação, o diálogo entre os pais e adolescentes aparecem como elementos fundamentais para orientar o adolescente quanto à própria sexualidade, bem como a socialização da prevenção, frisando sobre a importância de ter consciência da prevenção, rechaçando as vergonhas, tabus e preconceitos, conforme a seguir:

Sim. Porque é uma realidade. Há pais que, por exemplo, não falam essas coisas com os filhos, dão uma educação muito pesada aos filhos, porque acham que se falassem abertamente com os filhos os despertam alguns desejos sobre a sexualidade, mas nada disso, pelo contrário, porque se falassem abertamente com os filhos ficaremos a saber o que é sexualidade e às vezes pode até evitar uma consequência como a gravidez no adolescente, acho que se os pais falassem abertamente com os adolescentes isso ai ajudar para acabar com todos os riscos que nós os adolescentes temos. Aluna Denise.

Sim claro, porque não? Não devemos esconder isso dos outros porque, por exemplo, vamos a farmácia para comprar a camisinha e sentimos vergonha porque o outro, o vendedor porque ainda estamos adolescentes, mas isso é para prevenir e não remediar. Aluno António.

Os professores entrevistados abordam as temáticas do sexo e da sexualidade com outros professores – colegas de profissão, alunos, irmãs, irmãos, namorado, namorada, pais, amigos, colegas, sobrinhos, marido, esposa e filhos. Todos se sentem completamente à vontade para falar desses assuntos, alegando que a sexualidade deve ser encarada com naturalidade e que falar da relação sexual é uma necessidade fisiológica como a necessidade de comer, beber, ou seja, que é uma coisa natural que deve ser abordado com a naturalidade.

Na fala abaixo, ressalta-se a importância da possibilidade de se falar sobre o assunto livremente, quebrando-se os tabus:

Muito à vontade porque acho que são coisas normais, coisas da vida, bom não sentir à vontade para falar e depois sentir à vontade para fazer, não sei, bom, se não se sente à vontade para falar desse assunto se calhar não se sente à vontade também para por em prática, devemos sentir à vontade para falar disso e sentir à vontade para preparar outras pessoas também que ainda são desconhecedor desses assuntos. São coisas normais, coisas que acontecem, porque é tabu? Porque é preconceito? Professora Alessandra.

No discurso que se segue outro professor fala do seu processo de vida, o saber-fazer, o desprender-se dos preconceitos e tabus, tão arraigados na sociedade cabo-verdiana com relação à sexualidade:

Antigamente não, mas agora sinto à vontade. Porque já comecei a me desprender dos tabus, já sou mais consciente daquilo que faço. Fazer uma abordagem sem preconceito a essa matéria e porque a sociedade impõe. Sinto-me completamente à vontade para falar desses assuntos com os meus alunos. Já tive muitos anos de experiência nesta área, considero-me uma pessoa com know-how mais ou menos para fazer uma abordagem descomplexada nesta matéria. Pronto, temos que ter cuidado nas abordagens dos conceitos. Professor Pedro.

Na narrativa seguinte do professor, a educação surge como um recurso para reafirmar o caráter natural de sexualidade:

Já falei desses assuntos com os meus alunos e me sinto à vontade para falar isso com eles, mas eles não se sentem à vontade para falarem comigo, quer dizer, é sinal de alguma coisa, é sinal que temos de começar a educar nesta perspectiva, mostrando que a sexualidade é coisa normal. Professor Paulo.

Segundo os alunos entrevistados, a descoberta do sexo e da sexualidade acontece através do convívio, da relação que o indivíduo estabelece com o outro, ouvindo os relatos de pessoas da família ou na rua, dialogando com os colegas e professores na escola, ou às vezes por experiência própria. Segundo alguns, esta descoberta acontece a partir da puberdade, com as transformações, tendo em conta que os órgãos ficam mais amadurecidos, acontecendo grandes paixões, grandes desejos, grandes emoções, cuja pessoa fica com a capacidade para reproduzir, ou seja, esta descoberta acontece na puberdade com as mudanças corporais específicas.

No discurso da aluna abaixo, o sexo e a sexualidade não são a mesma coisa. A descoberta do sexo se dá através do gênero, descoberta do próprio corpo e o corpo do outro, enquanto que a sexualidade é descoberta através da consciência e opções de cada um de como queira vivê-la. Entretanto, na fala fica assentado que essas descobertas se efetivam a partir de uma binaridade sexual dos dois sexos, assim sendo a pessoa se adapta em heterossexual, homossexual, bissexual, e até pode ser transexual e/ou intersexual. Esta perspectiva da taxionomia da sexualidade corrobora com a exemplificação dada por Corrêa (1998) sobre os estudos da sexualidade quer na medicina quer em outros campos.

Através do gênero, não é? Descobrimos que nós gostamos de nós mesmo, do nosso sexo oposto, do nosso mesmo sexo. Com a sexualidade nós descobrimos se somos heterossexuais, bissexuais ou homossexuais. Aluna Denise.

Assim, os discursos dos professores evidenciam que os adolescentes começam a descobrir o sexo e a sexualidade a partir do interesse pelo sexo oposto, da curiosidade, das pesquisas, da formação de grupos de pares, da descoberta de si mesmo, da construção da identidade e da formação da própria personalidade, dos sentimentos românticos, manifestações de paixões, fantasias, valores e crenças, conforme a seguir:

Em geral é quando eles se começam a interessar pelo sexo oposto, querendo saber algo, nos adolescentes acontece naquela idade que começam a se apaixonarem, que começam a gostar de alguém, ali a pessoa quer saber muita coisa, porque os meninos fazem isso e as meninas fazem aquilo? (...). Professora Cristina.

mas eles se começam a se formarem grupos de pares, interessam mais pelas áreas ligadas a relação sexual, o que os levam a chegar lá. Professora Márcia.

(...), as meninas têm a tendência em demonstrar que estão preparadas para o relacionamento a partir do momento em que elas começam a descobrirem o próprio corpo, então tendência é chamar atenção dos rapazes e buscar informações a partir de revistas e também a partir de diversos, escrevem as cartas muito românticas, começam a se interessarem pelas frases românticas (...). Professora Diva.

No discurso do professor que se segue, esta descoberta está relacionada ao gozo, ao prazer, ao orgasmo, ao ato sexual propriamente dito, assim sendo, a sexualidade nos adolescentes carrega uma conotação fortemente negativa, sendo o desejo, em si, patológico:

A partir dos 10, 11 anos os adolescentes já começam a ouvir as pessoas a falar disso, então quando atingem 14, 15 anos eles ficam com aquela curiosidade e vontade de fazer, acabando por fazer. Só que eles têm que dar importância a sexo para não fazer como se fosse uma coisa vulgar, para fazer com responsabilidade, não só por vontade como um cachorro ou qualquer animal. Professor João.

Nas narrativas seguintes, as professoras apontam que a sexualidade abrange toda vida do ser humano, remetendo a plasticidade da sexualidade freudiana:

Bom, eu acho que a descoberta da sexualidade vem desde a criança, desde a nascença, quando você está a falar da sexualidade, a sexualidade está perante toda a nossa vida, infância, adolescência e adulta. A maneira de manifestação é que eu acho que é diferente, tá? Para cada faixa etária tem uma maneira de manifestar-se. Professora Suely.

Sexualidade começa desde a criança. Estou de acordo com Freud, você nasce com ela, só que é algo que fica escondido e você vai redescobrir na adolescência e culmina com quê? Culmina com as transformações do seu corpo. Professora Sayonara.

Na narrativa abaixo, a professora revela que primeiro a pessoa descobre a sexualidade e depois o sexo, referindo que a sexualidade engloba o sexo a partir das suas dimensões biológica, psicológica, ética e sociológica:

Descoberta, descoberta, eu acho que os adolescentes começam a descobrir primeiro a sexualidade e não sexo. Embora a sexualidade é mais abrangente, engloba o próprio sexo. Porque a sexualidade é

tudo, ela tem aquela dimensão biológica, temos que aprender os assuntos relacionados com a menstruação, reprodução, etc. etc. temos a dimensão afetiva que são afetos, carinhos que demonstramos por outras pessoas, e também desejos de conhecer o nosso corpo e dos outros também, porque não? A outra dimensão que digamos intelectual a curiosidade de saber mais, e temos a dimensão moral, não é? Tanto, engloba esses 4 aspectos. A sexualidade é mais abrangente, é tudo. Portanto, começamos descobri-la primeiro do que o sexo, eu acho, não sei. Professora Alessandra.

Na fala de um professor, a sexualidade abrange o sexo e é descoberta nos adolescentes com a puberdade, a partir das transformações fisiológicas e essa descoberta depende do meio onde o sujeito está inserido. Neste caso fica a idéia de que a sexualidade é um construto social que depende do meio e essa visão da sexualidade inscreve nas perspectivas construtivistas da sexualidade:

(...), a sexualidade é mais abrangente que o sexo e que o sexo está dentro da sexualidade. A descoberta da sexualidade começa na verdade de várias formas, começa propriamente quando os adolescentes começam a mostrar algumas transformações, transformações fisiológicas, surgimento de pêlos, órgãos genitais se transformam, mas também existem outras descobertas como a sensação de prazer se aumenta, prazer em relação ao sexo, (...), quer dizer, um adolescente se descobre nele mesmo mas também se descobre através dos outros. O próprio meio onde ele está inserido lhe ajudará na descoberta do sexo e da sexualidade. Professor Paulo.

Assim, os professores entrevistados não tiveram uma idéia uniforme sobre a descoberta do sexo entre os adolescentes. Segundo um professor, o sexo homem/mulher se descobre logo nos primeiros tempos da infância. Neste caso, evidencia-se a divisão e a oposição dos sexos como instrumentos enraizados nos esquemas de percepções das pessoas e que conseqüentemente vão determinar de forma naturalizada as ações de cada sexo dentro da sociedade. Essa forma arbitrária da divisão entre os sexos é descrita na divisão socialmente construída dos sexos em Bourdieu (2002). Duas professoras pronunciaram que a descoberta do sexo é mais intensa nos adolescentes de que em outras faixas etárias. Os professores alegam que a sexualidade é mais abrangente do que o sexo e que o sexo está incluso na sexualidade, que compreende toda a vida de uma pessoa.

6.2 Gênero e Sexualidade

A maioria dos alunos entrevistados afirmou que a descoberta de sexo e da sexualidade não se dá de forma equânime entre os rapazes e as meninas. Um grupo de alunas declarou que nos rapazes estas descobertas acontecem mais cedo, enquanto outros acharam que as raparigas têm mais curiosidade do que os meninos. Uma aluna admitiu que os rapazes descobrem mais cedo, porém a consumação da relação sexual primeiro acontece com as meninas. Segundo alguns, as meninas muitas vezes fazem sexo com os rapazes com intuito de engravidar para prendê-los, enquanto que os rapazes parte da estratégia da comunicação até conseguirem chegar à prática das relações sexuais. Contudo, alguns disseram que esta descoberta se dá da mesma forma entre os dois, visto que tanto as meninas como os rapazes têm as mesmas dúvidas e assim procuram as mesmas informações.

Nos trechos abaixo, as alunas relatam que esta descoberta acontece dependendo da pessoa para pessoa, da educação que a pessoa recebe. A representação da sexualidade entre as meninas e os rapazes não é a mesma coisa, cada um procura a sua própria forma de manifestar e satisfazer com fantasias peculiares e inerentes a cada gênero. Percebe-se nas narrativas que o viver a sexualidade entre os adolescentes cabo-verdianos depende das seguintes circunstâncias: gênero, nível das instruções de cada adolescente e de respectiva família, da identidade e personalidade do “eu”, das condições sócio-culturais e político-econômicas, das manifestações das crenças e religiosas, das concepções de mundo de cada indivíduo e da própria filosofia de vida de cada um:

Acho que tem, porque os rapazes já, muitos jovens antes de entrar para a adolescência já começam a sentir prazer ou com as mãos ou com algumas peças das roupas das mulheres que eles gostam. As meninas já não, as meninas já são diferentes porque as meninas preferem relacionar mesmo a sério, não com as mãos, mas sim com (...) [risos], outra pessoa com órgãos diferentes. Grande pausa, [pênis em voz muito baixa]. Aluna Débora.

Isso depende da personalidade de cada um, mesmo entre as raparigas têm aquelas que descobrem diferentes, como acabei de dizer, têm aquelas que experimentam, mas têm outras que os pais falam com elas. Nos rapazes são diferentes porque os rapazes são mais descarados, nem todos, já as meninas são mais sensíveis e sabem

demonstrar de forma diferente enquanto que os rapazes demonstram claramente. Aluna Cíntia.

As opiniões dos professores em relação à descoberta do sexo e da sexualidade segundo gênero, assemelham a visão dos alunos. As narrativas que seguem demonstram as assimetrias existentes entre os gêneros na sociedade cabo-verdiana, quando o assunto se refere à sexualidade, cuja representatividade é marcada pelas normas instituídas socialmente que permitem que essa assimetria se coloque com naturalidade. Evidenciam também que esta descoberta varia de pessoa para pessoa, do interesse e conhecimento, da família e da maturação:

Acho que se dá de forma igual, (...). Os rapazes procurem ter muitas namoradas para provarem que são machos enquanto que as meninas não, basta encontrar alguém que gostam, pronto, na maioria das vezes elas demoram muito tempo com a pessoa amada. E os rapazes quanto mais namoradas têm acham que melhor é. E os rapazes falam que quando têm muitas “pequenas” as meninas ficam a gostar ainda mais deles, isso depende da pessoa, da educação que recebe em casa. Professora Cristina.

Não, porque os rapazes desde menino falam que têm namoradas, então por eles é algo vantajoso para mostrarem as suas virilidades, as suas masculinidades, enquanto que as meninas, enquanto que as meninhas se tivessem os mesmos comportamentos que os rapazinhos já são tratados de levianas, atrevidas, não podem. Então, dado a particularidade das mulheres, elas são mais sonhadoras, então a descoberta entre os dois é completamente diferente. Até porque você nota que as meninas de 12, 13 anos elas não namoram com rapazes da idade delas, sempre namoram com pessoas mais velhas e os rapazes procuram as meninas mais novas do que das suas faixas etárias (...). Professora Sayonara.

A partir da narrativa que se segue, pode se questionar porque é que os rapazes vivem a sexualidade com mais intensidade do que as meninas?

Os rapazes demonstram as manifestações dessas descobertas muito mais do que as meninas. As meninas mesmo tendo essa descoberta não se mostram esse desejo e vontade como os rapazes. A forma como cada um vive a sexualidade e o sexo é diferente, os rapazes vivem essas coisas com mais intensidade, com mais falta de respeito e menos responsáveis do que as meninas. Professor João.

Quiçá isso depende do que é ou não permitido sobre a sexualidade entre os gêneros em Cabo Verde. Qualquer rapaz que sai com várias garotas é considerado um “garanhão”,

ganha muita admiração dos terceiros, fica muito conhecido pela sua capacidade de virilidade, enquanto que se uma menina sair com vários para relações afetivas/amorosas será facilmente rotulada de prostituta, o que em crioulo cabo-verdiano é chamado de “pixinguinha”, de “kabeça kabali” ou simplesmente de “puta”. Entretanto essa perspectiva assimétrica e machista de encarar a sexualidade entre os gêneros acontece mesmo nas sociedades consideradas mais avançadas do que a de Cabo Verde. Por exemplo, uma pesquisa revela que nos Estados Unidos da América o rapaz que sai com muitas meninas é visto com muita admiração entre os amigos, enquanto que as meninas que fazem mesma coisa serão condenadas pelas atitudes delas (GIDDENS, 1993).

O trecho que se segue destaca o processo de transformações e maturação entre os sexos para revelar a diferença dessa descoberta entre os gêneros:

Nããããoooo, quer dizer, impressão que tenho é que, também não é científico, como que se dá nas meninas mais cedo que nos rapazes, (...), as meninas começam a ser mais curiosas e despertam a sexualidade mais cedo do que os rapazes, porque encontro um casal de adolescentes e fico com a impressão de que a menina está mais esclarecida, mais preparada e também mais curiosa, quer dizer, “meninas cima ki sta mas pa lado de la ki rapazis¹⁹”. [Risos] “Enquanto ki rapazis sta odja monti kusa meninas dja sta longe ta bai²⁰”. Por isso, às vezes as meninas não gostam de namorar com rapazes da mesma idade por causa das inexperiências destes. Quer dizer, isto é só para mostrar que meninas em termos da maturidade estão mais a frente do que a maturidade sexual dos rapazes. Nesses termos acho que a descoberta não se dá de maneira igual. Professor Paulo.

Mas, de acordo com o discurso do professor abaixo, esta descoberta se dá de forma igual entre os sexos, e a sexualidade aparece como comunicação e descoberta:

Acho que sim, na minha opinião dá-se de igual forma, inclusive nas mesmas ocasiões e são vividas em comuns, porque repara, a sexualidade significa a descoberta do outro, significa a identificação, significa a comunicação e normalmente quando se fala da sexualidade fala-se da comunicação não só entre pessoas do mesmo sexo mas também entre pessoas do sexo diferente. Eu acho que tudo há algo a falar, não há nenhuma discrepância, mesma época e é vivida comumente. Professor Pedro.

¹⁹ Como que as meninas estão mais para o lado de lá do que os rapazes.

²⁰ Enquanto que os rapazes estão vendo muitas coisas, as meninas já estão com muito caminho percorrido.

Segundo os professores entrevistados, as descobertas do sexo e da sexualidade atualmente entre os adolescentes cabo-verdianos estão sendo diferentes do que no tempo deles, visto que, existe um conjunto de fatores que tem a ver com o meio onde a pessoa está inserida. Que os adolescentes agora estão muito mais bem informados, pois com a modernidade o mundo ficou mais aberto e há um processo que faz com que essas descobertas sejam diferentes entre passado e presente. Consideram que atualmente há “evolução” e os alunos têm mais acesso às novelas, filmes, livros de pornografias e vários outros livros. Isso mostra que a sexualidade deve ser entendida dentro de um momento histórico e que segundo Freud, não é possível formular uma visão unívoca da sexualidade, porque ela pode mudar com a mudança da história de vida do indivíduo.

De acordo com o discurso do professor que se segue, a sociedade cabo-verdiana era muito mais preconceituosa no tempo dele, que agora e isso interferiu na vivência da sexualidade dos adolescentes da época. Por exemplo, culturalmente era reprimido o viver a sexualidade na sociedade cabo-verdiana enquanto que hoje ela é estimulada por esta sociedade. Isso tem a ver com as mudanças nos valores sociais e culturais que esta sociedade vem sofrendo ao longo do tempo, isto é, com a dinâmica sócio-cultural, e neste sentido a sexualidade pode ser vista como construto social:

Não, acho que não, porque você sabe que nos tempos antigos a sociedade cabo-verdiana era muito preconceituosa, já agora ela é mais livre ou liberal, daí que muitas vezes eu recordo as famílias, as crianças eram muito impedidas do seu sexo ou de vivenciar a sua sexualidade. Eu recordo, por exemplo, quando eu era pequeno de quando em vez eu brincava com o meu pênis, então a minha mãe me batia nas mãos, dizendo oh! Tira mão daí. Então, isso é uma forma de proibir de vivenciar a minha sexualidade. Isso era comum à maioria dos meninos da minha altura, sobretudo do meio rural. Hoje em dia já é diferente, hoje em dia há indivíduos que estimula que a pessoa se conhece o seu corpo, que mexe, que repara, manifeste, não é? E quando somos adolescentes, é claro, hoje em dia já há mais liberdade, mais liberdade para sair para vivenciar a sua sexualidade, por causa dos preconceitos que já são menos, de uma forma geral eu acho que hoje as pessoas estão mais livres não só para viver a sua identidade mas também para sentir a sua sexualidade. Portanto a sociedade hoje está mais aberta. Professor Pedro.

A maioria dos alunos entrevistados apontou que a descoberta do sexo e da sexualidade acontece a partir dos 12 a 13 anos, entretanto, segundo eles, essa descoberta compreende entre 11 a 22 anos de idade. Porém, alguns disseram que isso varia da

pessoa para pessoa e que geralmente essa descoberta acontece com a puberdade, com as transformações, com as primeiras paixões. Nos discursos dos adolescentes fica evidente a precocidade, sobretudo das meninas por esta descoberta:

Algumas começam muito cedo, outras muito tarde, cada um tem uma forma diferente. Outros começam por volta dos 12 anos, outros começam por volta dos 17 - 22 anos, depende de cada um, de forma de pensar de cada pessoa. Aluna Débora.

As idades são variadas, temos uns que começam a partir dos 13 anos e outros 14 anos. Normalmente agora as meninas de 13, 14 anos namoram com rapazes de 17, 18 anos, então acho que elas descobrem mais cedo e você encontra meninas de 14, 15 anos grávidas. Aluno Dino.

Assim como os alunos, segundo os professores entrevistados, a descoberta do sexo e da sexualidade depende de pessoa para pessoa, depende do meio, o lugar onde ela estiver inserida, visto que, têm pessoas que são mais extrovertidas, que são capazes de começar cedo, pessoas mais ousadas e têm aquelas que são mais tímidas e assim não conseguem exteriorizar os sentimentos facilmente. Segundo um professor, não existe uma idade fixa para essas descobertas, tendo em conta que isso tem a ver com o meio onde a pessoa está inserida, ou seja, se uma pessoa estiver num meio onde sexo e sexualidade estão sempre presentes é claro que se desperta mais cedo e se estiver num outro meio a situação será diferente, alegando que o homem é fruto do meio, e o meio lhe ajuda a ver determinadas coisas, se ele não estiver naquele meio ele pode os ver mais tarde, já de uma forma mais natural. Contudo, eles arriscaram dizendo uma faixa etária, faixa que varia entre os 10 – 18 anos, sendo a maioria apontou uma faixa entre 13 – 15 anos.

A maioria dos professores entrevistados disse que a descoberta do sexo e da sexualidade entre os adolescentes agora está sendo diferente do que no tempo deles. Eles explicaram que antigamente as pessoas não tinham o apoio, não tinham tantas formas de divulgação e não se conhecia as coisas como hoje, que assim sendo, as descobertas agora são feitas mais cedo para os adolescentes. Segundo um professor, antigamente a descoberta em si era também nessa idade, mas só que eles viviam isso totalmente diferente da atualidade, que, por exemplo, as meninas de 16, 17 anos viviam muito diferentes a sua sexualidade, praticavam o sexo só depois do casamento, as pessoas acabavam por casar com 16, 17 anos para depois praticar o sexo, mas que atualmente os adolescentes descobrem agora e

praticam na mesma hora, que, por isso, a descoberta até pode acontecer na mesma fase, mesmo “timing”, a mesma idade, mas que viver a sexualidade é totalmente diferente.

Para os alunos entrevistados, a prática da relação sexual entre os adolescentes de Cabo Verde varia entre 13 a 17 anos, onde as opiniões se contrastam entre eles em relação se são as meninas ou os rapazes que começam mais cedo. Mas, alguns acharam que a prática da relação sexual acontece na mesma faixa etária tanto para as meninas como para os rapazes. Contudo, de acordo com as entrevistas realizadas, todos demonstram ter a consciência de que seria bom que os adolescentes começassem a vida sexual um pouco mais tarde. Duas alunas apontaram que agora existem casos de meninas que com 10 anos já começam as relações sexuais neste país por situações distintas.

Esta narrativa aponta certa precocidade nas práticas sexuais, talvez isso, em parte, depende da questão da exploração sexual, visto que, por exemplo, com 10 anos uma pessoa tem pouco poder da decisão e facilmente ela pode ser seduzida e induzida a fazer algo no qual ela não tem mínima consciência sobre. A afirmativa desta adolescente sobre a precocidade sexual dos adolescentes e a gravidez precoce no seio dos adolescentes cabo-verdianos assinala a evolução negativa dos costumes, a erotização precoce indesejável e a irresponsabilidade dos jovens e a gravidez na adolescência como um problema social:

Faço a mínima idéia. Agora no tempo em que eu vivo, cedo até demais. Algumas com a minha idade já até tem filho, outras com 10 anos algumas porque foram violentadas ou porque quiseram. Aluna Débora.

Segundo o trecho que se segue, algumas coisas que faziam parte dos valores culturais do povo cabo-verdiano estão perdendo importância e significado como, por exemplo, a virgindade que era algo muito valorativo no seio desta sociedade e hoje já não tem a importância nenhuma para os adolescentes:

Antigamente as pessoas faziam sexo só depois do casamento, já hoje em dia as pessoas não ligam para isso não dão a importância a virgindade, normalmente logo que a pessoa tem namorado, ficam apaixonados, amando-se muito, então praticam o sexo, (...). Normalmente as raparigas têm estado a fazer sexo a partir dos 16, 17 anos, eu acho que deveria ser um pouco mais tarde, com 18 anos. Aluna Jacinta.

Fica evidenciado nesta narrativa sobre como o sexo é perpassado entre os adolescentes cabo-verdianos, remetendo à questão do gênero, isto é, como os rapazes encaram o sexo quando começam o namoro e como as meninas encaram o mesmo quando começam a namorar. Portanto, a representatividade da sexualidade é diferenciada segundo o gênero, na qual a manifestação das identidades do masculino e do feminino transpassa nas relações entre os sexos:

Tanto as meninas como os rapazes começam na mesma faixa etária. Eu no meu caso iniciei a minha vida sexual com 14 anos e agora estou com 17 anos. Um dia na sala de aula uma aluna diz: “professora goci rapazis antes di nhos komeça namora dja sta komeça ta pidu²¹” e um aluno respondeu, dizendo que não é verdade e que quando um rapaz começar a namorar com uma garota e se ele ficar só no carinho, passando a mão nela, logo ela reclama que “Bó é marikas e ki bu ka ta sirbi²²”, então por isso que em termos de iniciação sexual, isso acontece na mesma faixa etária. Aluna Dora.

Todos os professores entrevistados apontaram que os adolescentes cabo-verdianos estão começando a vida sexual muito cedo, inclusive dois professores apontaram que os adolescentes estão a começar a prática sexual antes dos 10 anos de idade. Todos apontaram uma faixa etária, tirando os dois que disseram que os adolescentes começam a relação sexual antes dos 10 anos, os outros apontaram uma faixa compreendida entre os 12 e 17 anos com mais incidência nos 12 e 13 anos. A maioria disse que as meninas começam ter relações sexuais antes dos rapazes. Nos discursos dos professores aparecem a precocidade dos adolescentes, a falta de maturação física e psicológica para a prática da relação sexual, podendo trazer inúmeras conseqüências negativas, como seguem:

Atualmente nos rapazes por volta dos 14, 15 anos e nas meninas por volta dos 12, 13 anos começam. É uma coisa que é mal, porque 12, 13 anos iniciando a vida sexual, a pessoa não está preparada ainda nem física, nem psicologicamente para fazer sexo. Só pela questão do tamanho do corpo isso não quer dizer nada, por estar alto, gordo, largo, não quer dizer que já tem a maturidade para praticar sexo. Professor João.

(...), os adolescentes têm estado a ter relações sexuais muito cedo e isso também depende do meio e pode variar de idade para idade. Você encontra adolescentes de 9 anos já tendo relações sexuais em

²¹ Professora, agora os rapazes antes de vocês começaram o namoro eles já querem praticar o sexo.

²² Tu és maricas, tu não serves.

alguns casos e você acha outros de 12, 13 anos que ainda não tem relações sexuais, são coisas raras, mas isso depende do meio. Meio, educação, um conjunto de fatores, mas de uma maneira geral, do ponto de vista prático os adolescentes têm estado a ter relações sexuais muito cedo quando não deveriam ser assim, porque entendo que a relação sexual tem um conjunto de fatores, sobretudo psicológicos que implicaria o adolescente a estar preparado, sabendo o que está a fazer, tendo uma noção clara do que está a fazer, mas também saber as conseqüências que possam vir a acontecer depois; porque o homem deveria agir assim, agir de uma forma consciente, ter a noção da conseqüência que possa vir a acontecer (...). Professor Paulo.

Bem, a relação sexual começa bem cedo, contrário do que se pensa. Muitas vezes nós somos a pensar de que a relação sexual começa por volta dos 12, 13 e 14 anos com a puberdade, mas não é verdade, a relação sexual começa bem cedo inclusive com menos de 10 anos começa a relação sexual, agora só que é uma relação sexual não no seu verdadeiro sentido como na vida adulta, mas já é uma relação com alguns afetos, com alguns sintomas, pelo menos a idéia já existe só que é consolidada, não se materializa da mesma forma que os adultos. Professor Pedro.

Nas narrativas dos professores ficam evidenciadas que a prática das primeiras relações sexuais é dependente do meio onde o sujeito está inserido, do nível da instrução, das condições sócio-culturais, dos valores, das crenças e dos costumes. Entretanto, há uma preocupação instalada no ar cabo-verdiano em relação à precocidade da vida sexual dos adolescentes deste país, das irresponsabilidades destes, de falta do diálogo entre os pais e os filhos, da parca autoridade dos pais para com os adolescentes e tudo isso implica nas conseqüências negativas no seio deste segmento da sociedade. Por exemplo, quando afirmam que existem adolescentes em Cabo Verde a praticar relações sexuais com menos de 10 anos de idade fica a idéia da precocidade incontrolável da vida sexual entre os adolescentes o que, por sua vez, traz implicações desagradáveis.

A prática da relação sexual muito cedo pode trazer inúmeras conseqüências, entre as quais, segundo os alunos entrevistados, ao praticar a relação sexual muito cedo, a pessoa pode se arrepender, contrair as infecções ou doenças sexualmente transmissíveis, ficar deprimida, envergonhada, estressada, acontecer gravidez indesejada, gravidez precoce, vontade de fazer aborto e que pode correr mal, danos corporais e psicológicos, pode haver a insatisfação, problemas de saúde porque os órgãos não estão preparados ainda para fazer sexo, perder o ano letivo, problemas com família em casa, visto que a família pode não aceitar a gravidez com bom grado, contrair os vírus da SIDA, tudo, porque a

pessoa não usou o preservativo, ou seja, porque fez sexo sem ter a responsabilidade. Contudo, alguns apontaram o lado positivo de ter relações sexuais como: uma gravidez desejada quando o sexo é praticado com emoção e amor. Segundo uma aluna, a relação sexual pode provocar algumas mudanças como, por exemplo, as meninas podem ficar com as ancas mais largas, as pessoas começam a sentir que são mulheres mesmas, quer dizer, mudanças corporais. Seguem as narrativas das alunas para referenciar os aspectos positivos e negativos das práticas sexuais entre os adolescentes:

Tudo, aí, já, pode ter aspectos positivos e negativos, não é verdade? Negativo, assim, ainda não estás preparado fisicamente e positivo eu acho que é quando a pessoa quer, basta estiver preparado e assumir de que quer eu acho que não há problemas. [Que tipo de preparação tu estás a falar?]. Física, fisicamente e psicologicamente, porque quando tomar a decisão que queres iniciar a tua vida sexual é porque já estás preparado psicologicamente, já tens bastantes informações, já falaste muito sobre isso. E fisicamente acho que tem a ver com os teus órgãos genitais, assim. Aluna Susana.

Gravidez indesejada ou desejada, gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis, as infecções também e as pessoas fiquem arrependidas de terem feitas ou acham que deveriam ser mais tarde ou que a pessoa não deveria ser aquela. Aluna Sandra.

Segundo os professores entrevistados, às vezes as adolescentes envolvem com pessoas mais velhas e é difícil de envolverem com os colegas, como conseqüências surgem muitas vezes a gravidez e a frustração. Apontaram que as meninas, geralmente, têm namorados mais experientes, que os namorados lhes induzem pedindo “prova de amor” onde elas acabam caindo nessas conversas. Disseram que podem acontecer várias coisas, a gravidez indesejada, as DST, o VIH/SIDA, danos físicos e psicológicos. Essa questão de pedir prova de amor também acontece em outras paradas como refere a pesquisa em (HEILBORN et. al. 2006).

6.3 Percepção sobre HIV, Sexualidade e Exposição

As idéias que os alunos têm sobre o HIV estão associadas à doença, infecções, vírus, SIDA, alguma coisa que coíbe o ser humano de levar uma vida normal. Assim, trata-se de uma doença que ainda não foi possível descobrir a cura, mas que existem formas de se prevenir, porém as pessoas não gostam de utilizar a camisinha. Segundo os alunos, a

sociedade cabo-verdiana encara os soropositivos com muito preconceito, como veremos a seguir.

Nos discursos dos entrevistados o HIV/SIDA aparece com o poder de transformar a vida de qualquer indivíduo. O vírus é representado pelas pessoas com sentimentos de medo, dor, sofrimento, isolamento, tristeza, desespero e do preconceito com as pessoas afetadas e infectadas. Esta forma de ver o HIV/SIDA se inscreve na perspectiva da SIDA considerada metaforicamente como a doença do século XX, que é também do século XXI, tendo em conta que é uma doença que não tem cura, de grande magnitude e de difícil controle, que mobiliza ansiedade nas pessoas, e sentimentos de medo, tristeza, insegurança, baixa auto-estima, punição divina, colapso do ordenamento da sociedade, dentre outros sentimentos, tal como descritas em Helman (1994; 2003).

Nas falas que se seguem, a soropositividade aparece como “doença adormecida”, mas que ameaça e estigmatiza as pessoas:

HIV é uma coisa muito má. Má mesmo. Proíbe-nos de fazer muitas coisas, como, por exemplo, posso ter filho, mas com grandes tratamentos, porque senão o bebê pode apanhar o HIV/SIDA também, não pode amamentar o bebê e às vezes isso os leva a morte, algumas vezes eles adormecem, mas ainda somos considerados soropositivos. Nos afasta da sociedade por causa dos preconceitos que a sociedade tem, começam a nos apontar os dedos, enfim nos faz a não ser nós mesmos. Assim, ser aquele que eles querem que a gente faça, obstruído de ser uma pessoa normal. Porque sempre quando vêm uns vão nos lembrar que somos soropositivos, porque a sociedade comenta, fala, aponta o dedo, começa a ter medo. Aluna Débora.

Eu ia dizer que HIV é uma doença que não tem cura e que tem vários meios de transmissão. Sei sobre os preconceitos que as pessoas têm em relação ao portador da SIDA, onde ninguém quer se relacionar com esse tipo de pessoa porque ficam com medo de se contaminar também, mesmo sabendo de como se transmite ou não a SIDA. Sei que SIDA transmite através das relações sexuais desprotegidas, laminas e agulhas infectadas, mas não transmite através de apertos de mãos, abraços, carinhos. Aluno Dino.

Os professores tiveram uma visão semelhante à dos alunos em relação ao HIV. Para eles, HIV é um vírus da imunodeficiência adquirida, doença sexualmente transmissível, doença do século, cujos africanos é quem mais sofre e que, por isso, recebem rótulos

pejorativos dos demais, rótulos associados a outras problemáticas como o ebola que vêm afligindo este continente, como segue o exemplo abaixo:

HIV/SIDA é uma doença que infelizmente não tem cura, não tem rosto, onde devemos estar prevenidos, devemos fazer aquela prevenção primária para não contrair a doença, é uma doença que tem alastrada, é uma doença do século, sobretudo por um país africano onde existem muitos preconceitos em relação a nós em relação a essa doença, sobre a epidemia da ebola, então as pessoas têm esses preconceitos porque a prevalência dessa doença é elevada, então são todas essas questões que estão por detrás das IST/HIV/SIDA, doença terrível que vale a pena trabalhar no sentido de prevenção primária.
Professora Sayonara.

Em relação à sexualidade, nos discursos dos alunos ela é entendida tal como para os professores como aspecto da vida que diferencia os seres humanos dos outros seres vivos, afirmando que é o meio pelo qual a pessoa procura descobrir si mesma e descobrir as outras pessoas. Segundo os alunos e professores, a sexualidade se manifesta na adolescência através das fantasias, desejos, sonhos e tem as seguintes dimensões: biológicas, psicológicas, sociológicas e ético-moral, ou seja, a sexualidade é reconhecida como aspecto que tem a ver com as transformações corporais, psicológicas, sociais e relacionada com o amor. As dimensões biológicas referem à anatomia e a fisiologia humana; as dimensões psicológicas referem aos comportamentos, atitudes, identidades sexuais, relações inter-pessoais, responsabilidade social, identidade sexual – identidade de gênero, papéis sexuais, orientações sexuais; as dimensões ética tem a ver com a moral, comportamento, saber viver a sexualidade, saber encarar a sexualidade, valores pessoais e morais, condutas/comportamentos do ser humano. Assim sendo, a sexualidade é descrita e reconhecida como aspecto da vida humana que afeta todo o seu ser corporal, psíquico e social, portanto é a fonte onde reside o amor, desejos, carinhos, toques, dúvidas, afeto, demonstração de amizade e que condiciona a reprodução.

Tanto nos discursos dos alunos como nos dos professores a sexualidade é vida, é algo natural, não é só sexo, é a sua forma de ser e de estar, é algo que implica a responsabilidade. Segue o exemplo da definição da sexualidade por um professor, considerando o termo sexualidade polimorfo e conformado à perspectiva freudiana da sexualidade:

Sexualidade é algo que cada pessoa sente da sua maneira e que começa desde o seu nascimento, é uma experiência, é uma palavra complexa, muito complexa para se definir. Então, sexualidade é manifestada desde a criança o que é diferente do sexo, porque sexo se manifesta já em adolescência, então a sexualidade é uma coisa que você vive desde a sua infância e continua vivendo até a sua morte. Professor João.

Para a maioria dos professores os seus alunos sabem muita coisa sobre a sexualidade. Sabem o que é sexualidade, quais são as funções da sexualidade, como se manifesta na criança como nos adolescentes, quais são as dimensões da sexualidade e não definem a sexualidade apenas como sexo ou relação sexual. Cabe ressaltar o caráter do ensino “livresco” de Cabo Verde que valoriza muito a questão da memorização e os alunos acabam caindo no exercício da “decoreba” para a obtenção de boas notas como recompensa.

A seguir a fala mostra que os jovens sabem das duas funções do sexo, mas valorizam mais o prazer, relacionado à curiosidade de explorar o corpo. Evidencia também que a vida sexual na sociedade moderna está sofrendo profundas transformações e mudanças que acabam interferindo na forma de ser e de estar das pessoas, isto é, interferindo na própria existência humana:

Bom a primeira coisa que eles já sabem é que a sexualidade é diferente do sexo e que sexo faz parte da sexualidade. Sabem que sexo tem função reprodutiva e função prazer, sabem que hoje em dia sexo é muito mais prazer; isto é consenso geral. E por isso que eles têm essa vontade da prática sexual, esse querer de experimentar, há questão da homossexualidade, há questão do sexo oral, anal, quer dizer, hoje em dia nós vivemos num período de liberdade, liberdades a todos os níveis, liberdade até de explorar os prazeres do seu corpo. Isso é notório, sobretudo nos jovens, mesmo nos adultos, mas com mais notoriedade nos jovens porque, pronto, são mais curiosos, são pessoas ainda que não têm uma noção exata do que é prazer. O adulto já sabe, já conhece, mas no jovem há aquela vontade de experimentar e do prazer. Professor Pedro.

Na narrativa surge a relação sexualidade e prazer, relação sexualidade e função reprodutiva. De fato, o sexo até o século XIX para as mulheres tinha a única finalidade de procriar, se a manifestação sexual for com foro prazeroso já era considerada perversa. Quando o discurso associa práticas sexuais não convencionais à liberdade de viver a sexualidade sugere a superação no mundo moderno do que se encontrava até o século XIX, quando o desejo sexual dos homens tinha que direcionar ao corpo da

mulher, caso contrário eram considerados desejos patológicos e doentios, como salienta Barbosa et. al. (1999).

No que se refere à exposição a riscos às IST/HIV/SIDA dos adolescentes em Cabo Verde, a semelhança da maioria dos alunos, os professores que participaram desta pesquisa responderam positivamente que já conversaram sobre a exposição ao risco das IST/HIV/SIDA. Tanto os alunos quanto os professores, admitiram que falaram sobre as pessoas de maior risco, da prostituição, de usuários das drogas, sobretudo de usuários das drogas injetáveis, sobre a vulnerabilidade de contrair as infecções, principalmente o HIV/SIDA, sobre as pessoas que são mais vulneráveis, alegando que as mulheres são mais vulneráveis ou propensas ao HIV/SIDA do que os homens. Sobre como o VIH se transmite e como não se transmite, quais são os comportamentos de riscos, como sexo sem proteção, seringas e agulhas contaminadas, transfusão sanguínea, sobre a discriminação dentro da sociedade cabo-verdiana em relação às pessoas portadoras do vírus da SIDA.

As narrativas dos alunos evidenciam que uma pessoa está exposta ao risco às IST/HIV/SIDA quando não tem responsabilidade, não pensa nas conseqüências, não pensa no que possa vir a ser, quando tem relação sexual sem usar o preservativo, quando usar materiais perfurantes infectadas, quando não tomar as informações de como comportar. Disseram que uma pessoa responsável sempre usa o preservativo porque as “IST/HIV/SIDA não tem rosto”. As narrativas dos alunos registram que as adolescentes fazem sexo por troca de favores, a promiscuidade em trocar constantemente de parceiro e o conhecer o outro é uma forma de prevenir das IST:

Olha, primeiro os jovens devem prevenir. Agora muitos jovens dos 13, 14, 15 anos, aquelas que são meninas estão na prostituição por causa do dinheiro, elas encontram um homem agora e esse homem promete que dá isso mais aquilo e logo aceitam porque é a chance de conseguir algo mesmo sem saber de quem se trata essa pessoa, deitam com essa pessoa sem se prevenirem, arrumam um namorado hoje e logo logo o deixa para arrumar outro, transam com eles sem usarem o preservativo. Agora há muita mudança de parceiros e isso leva os jovens a apanharem esse tipo de doença. Aluna Dora.

Quando você encontrar agulhas e seringas no chão nunca deve deixar a criança brincar com esses objetos porque ela fica exposta. As

peessoas que andam a fazer sexo com qualquer um, sem conhecer bem e sem usar o preservativo. Aluno Dino.

Segundo os alunos entrevistados, para se livrarem da exposição ao risco às IST/HIV/SIDA se faz necessário prevenir, usando o preservativo, procurando mais informações, fazendo palestras para as pessoas para explicar como se contrai a SIDA, falar abertamente com o parceiro que não admite a traição, ser fiel, não ter mais do que um parceiro, ser higiênico em relação aos órgãos genitais, não utilizam as laminas usadas por outras pessoas, evitam cortes com garrafas mesmo no chão, pensar antes e depois tentar solucionar os problemas juntamente com a companheira.

Segundos os professores, uma pessoa está exposta às IST/HIV/SIDA quando ela pratica sexo sem proteção, quando tem atitudes e comportamentos de riscos, nomeadamente quando prevarica, quando tem vários parceiros, quando não usa camisinha quando ignora muitas informações, quando acha que com ela isso não acontece, quando comete atitudes e comportamentos de riscos. Para alguns, as pessoas estão sempre expostas, mas ficam mais expostas quando tem uma variedade de parceiros e não utilizam o preservativo durante as relações sexuais, que, por isso, há necessidade de ter um comportamento mais adequado e preventivo. Para um professor, exposição ao risco, por exemplo, é quando os adolescentes têm várias relações, envolvendo com qualquer parceiro, com pessoas experientes e mais velhas, quando a pessoa envolve com pessoas estrangeiras, pessoas mais experientes e mais vividas. No discurso do professor que se segue, é fundamental que o governo cabo-verdiano investe numa educação desde jardim de infância com vista a colmatar os males sociais, desprendendo um pouco dos interesses partidários e projetar um futuro mais risinho para este povo:

É uma coisa muito complicada, defendo que esses tipos de problemas deveriam passar por uma educação, mas uma educação que começa no jardim de infância, porque muitos males que temos na sociedade infelizmente os nossos políticos têm uma visão eleitoralista das coisas, é até esse ponto, se vou ganhar com isso faço, se não ganho não faço, infelizmente, mas deveríamos ter um sentido mais patriótico, pensar na vida do nosso país daqui a 50 anos porque se hoje estamos assim tem alguém que fez por nós, então vamos fazer por aqueles que hão de vir, pelos nossos filhos, por exemplo. Isso é só para dizer que vai passar por uma educação de uma geração modelo onde a partir daí todos os que virão receberão as mesmas educações, mesmas educações com algumas alterações porque a sociedade se muda, têm transformações, mas também quando o nosso filho estiver grande vamos olhar para trás e veremos a sociedade com

algumas transformações e gerações com boa formação. Professor Paulo.

Segundo os professores, para se livrarem da exposição ao risco das IST/HIV/SIDA eles fariam as seguintes ações: em primeiro lugar prevenir sempre, usando o preservativo, visto que, mesmo tendo a confiança, é melhor confiar usando a camisinha, ter um parceiro fixo, alguém cujo há um compromisso, que todo o mundo sabe principalmente os familiares, uma pessoa que é comprometida seriamente. Que sensibilizam os alunos a tomarem consciência de que há como dominar a si mesmos, controlar, demonstrando que primeiro é ter uma educação pessoal como base do comportamento que faz parte de uma pessoa.

Para os alunos entrevistados, as condições facilitadoras ao risco às IST/HIV/SIDA para os adolescentes em Cabo Verde são: a própria sociedade, as próprias pessoas, a família, as más influências, a situação de pobreza, o desemprego, a facilidade da entrada dos estrangeiros em Cabo Verde, o abandono do lar, o uso das drogas, as irresponsabilidades das pessoas, o uso das laminas nas barbearias e as práticas sexuais desprotegidas, a existência de poucos lugares para vender camisinha e a prostituição:

Condições facilitadoras, a situação de pobreza, muitos pais não têm condições de dar certas coisas aos jovens, então uma pessoa os oferecem algo e como troca tem que praticar sexo, então muitas vezes eles acabam por aceitar. Outra condição facilitadora é a falta do emprego, isso faz com que os jovens entrem na prostituição, droga, porque são condições de vida. Aluna Dora.

A entrada das outras pessoas em Cabo Verde, por exemplo, a entrada dos nossos irmãos africanos cá em Cabo Verde está muito fácil, (...), sabemos que em África não há o saneamento básico, aliás ali já há epidemias então estamos sim, não só com relação a essas doenças HIV, SIDA, sífilis, mas sim com as diarreias, cóleras, paludismo. Aluna Denise.

Sim, porque não existem muitos postos de venda dos preservativos aqui, por isso, assim, os adolescentes, eles pensam, mas não encontram, assim correm mais riscos de apanhar as infeções e as DST. Aluno António.

Sim. Pessoas que não tomam cuidado com o corpo, que passam por grandes dificuldades e que sofrem como as pessoas que recorrem à prostituição para se sobreviverem. Aluno Lito.

Assim como os alunos, todos os professores entrevistados disseram que existem condições facilitadoras ao risco às IST/HIV/SIDA para os adolescentes em Cabo Verde. Alegaram que, por causa da pobreza as meninas às vezes trocam o corpo pelo dinheiro, que envolvem com pessoas para arranjar algum dinheiro, que pela influência elas vêem uma pessoa com algo e querem ter a mesma coisa e que recorrem à prostituição, que o desemprego e pobreza são os principais fatores dessas condições facilitadoras. Explicaram que as condições facilitadoras, é o sexo inseguro, porque o sexo seguro a pessoa usa o preservativo e quando não usa já é um sexo inseguro, assim a pessoa fica exposta a se contaminar com infecções a qualquer hora, ou seja, que ter vários parceiros; sexo sem preservativo; as meninas que estão na prostituição; prostituição e droga ao mesmo tempo, acabam por fazer sexo com qualquer um e elas não exigem o uso do preservativo e os homens que as procuram também não usam preservativos. Disseram que normalmente numa sociedade pequena como a de Cabo Verde que tem os fatores que facilitam porque quando tem a promiscuidade normalmente é fácil de ter a contaminação até nos vasos sanitários públicos.

Segundo a maioria dos alunos entrevistados, estas condições são iguais para rapazes e meninas, visto que os rapazes correm riscos nas barbearias e as meninas nos salões de beleza, com objetos cortantes, ainda, levando em consideração que não têm muitos postos de venda dos preservativos, então ambos correm riscos de apanharem a SIDA. Segundo um aluno isso depende da educação que a menina ou o rapaz recebe em casa. Há quem acha que as meninas prostituem mais do que os rapazes, então pressupõem que elas estão sob mais influências ao risco às IST/HIV/SIDA.

A maioria dos professores entrevistados acha que as condições facilitadoras ao risco às IST/HIV/SIDA para os adolescentes em Cabo Verde não são equânimes para os rapazes e para as meninas, porém, enquanto uns acharam que os rapazes estão mais expostos outros disseram que são as meninas que estão mais expostas. Entretanto, alguns professores alegaram que essas condições são iguais para ambos os sexos. Contudo, alguns destes professores mesmo dizendo que estas condições são iguais, acabaram a mostrar a especificidade de cada sexo, obviamente encontram as diferenças.

Os que disseram que essas condições são iguais para ambos os sexos deram as seguintes explicações: que os rapazes podem prostituir também por dinheiro, que existem os

homossexuais que aproveitam da situação, que qualquer contágio via sexual põe em risco os dois sexos – masculino e feminino – que os dois serão infectados, que em termos de riscos se as meninas se enveredarem para a prostituição os rapazes vão ou pela a prostituição ou pela droga.

Para os professores que disseram que essas condições não são iguais entre os rapazes e as meninas, e que acharam que as meninas estão mais propensas às condições facilitadoras, alegaram que a mulher está mais exposta devido a sua vulnerabilidade da sua condição, porque as condições biológicas do homem e da mulher são diferentes e que isso pode fazer com que as mulheres fiquem muito mais expostas do que os homens, exemplificando que dado à própria natureza das meninas, então é mais fácil acontecer uma infecção nelas em termos da utilização de casas de banho. Que as meninas são mais expostas e chamam mais atenção, que a vaidade as leva a praticar sexo para adquirirem dinheiro, mas que isso depende muitas vezes de pais, da educação que dão os filhos.

Para os professores que disseram que essas condições não são iguais entre os rapazes e as meninas, e que acharam que os rapazes estão mais expostos às condições facilitadoras sustentaram a idéia que normalmente, quando se trata de práticas sexuais que os rapazes estão mais expostos, visto que, os rapazes correm mais riscos porque têm mais parceiras, que as meninas que prostituem fazem isso para conseguir algum dinheiro para uma determinada coisa, mas que os rapazes correm mais riscos porque enquanto a maioria das meninas só tem um namorado já os rapazes têm 3, 4, 5 namoradas e que logo eles ficam mais expostos.

6.4 Proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejável entre os adolescentes

Segundo os alunos, é possível fazer muitas coisas para prevenir das doenças sexualmente transmissíveis, através de procura de informações e utilização do preservativo. Para uma aluna, pode-se escolher um par ideal para as relações, ter confiança, ser responsável, usar os métodos contraceptivos, usar corretamente a camisinha masculina ou feminina, que é necessário fazer um teste antes das relações caso queiram ter filhos.

Os alunos entrevistados tiveram posições contrastantes quanto à prevenção por parte dos adolescentes, nos quais uns afirmaram que a maioria dos adolescentes é um bando de irresponsáveis, visto que, não usam o preservativo ou então usam de modo errado, ainda que outros adolescentes digam que não sentem prazer com a camisinha. Outros consideram que os adolescentes estão a usar o preservativo, porque a taxa das DST em Cabo Verde em relação a outros países é baixa e também que usam para evitar a gravidez.

Na narrativa que se segue a aluna, usando da própria experiência, afirma que os adolescentes não querem utilizar o preservativo, visto que os rapazes questionam muito acerca do uso do preservativo. Assim, fica claro a questão da desigualdade de gênero instalada entre os adolescentes cabo-verdianos em relação à prevenção, sobretudo, em relação ao uso da camisinha masculina, tendo em conta que neste caso a mulher perde toda a autonomia porque depende do querer e da boa vontade do parceiro para que realmente a prevenção seja efetivada. A narrativa revela que o uso ou não do preservativo depende da duração de uma relação, da confiança a partir de uma relação estável, bem como pelo arrependimento que vem depois da prática sexual por não ter prevenido e a ligação do prazer sexual ao uso do preservativo:

Eu acho que é usando o preservativo, mas normalmente muitos jovens e adolescentes agora não querem usar o preservativo, isso eu falo porque é um caso que já aconteceu comigo, assim, eu pego no preservativo e o cara fala assim, é isso, é aquilo, então acabo por não usa-lo, mas só depois de eu ter terminado de praticar o sexo, aí digo ah! Se eu soubesse teria usado o preservativo, por isso que eu acho que é assim, às vezes pode ser até positivo, mas acabamos não usando. Eu tive muito tempo com o meu namorado, 8 meses, então de início usávamos sempre o preservativo, com o decorrer do tempo fiquei a não usar o preservativo com ele, pela confiança, mas depois eu vi que não tinha acertada nessa decisão, porque até posso dizer que ele só tinha eu, mas é de se duvidar, por isso que retomei a usar novamente (...). Eu acho que usar o preservativo é igual que não usar, a pessoa sente a mesma coisa, a mesma sensação, têm alguns que é diferente, mas eu acho que é a mesma coisa. [Desde quando que começaste a tua atividade sexual?]. 12 anos que comecei. Aluna Susana.

Segundo os professores entrevistados, para evitar as infecções sexualmente transmissíveis é preciso investir numa educação sexual, preparar os adolescentes na matéria de sexualidade com uma educação preventiva tendo em conta que a prevenção

constitui um grande problema hoje em dia, promover campanhas de sensibilização para a prevenção, fomentar uma educação a partir de demonstração de algo concreto sobre os danos e as transformações que ocorrem nos órgãos genitais devido às doenças sexualmente transmissíveis a fim que eles possam pensar sobre o assunto tendo em conta que só no plano teórico não resulta, isto é, tem que haver algo concreto através das demonstrações. Segundo uma professora, existe variedades de métodos contraceptivos disponíveis, mas que o problema reside em não utilização desses métodos por parte dos adolescentes. Para duas professoras, para evitar as doenças, primeiro é não fazer, ou seja, a abstinência sexual, ou então usar o preservativo e investir na fidelidade, evitar a troca de companheiro, evitar a promiscuidade. No discurso que se segue, o professor recomenda o atraso da primeira relação sexual, a utilização do preservativo e o sigilo dos técnicos que prestam serviços aos adolescentes na matéria de SSR, até porque eles estão sendo pagos para tratar bem as pessoas e não para fazer o juízo de valores:

Atrasar o início da vida sexual é fundamental e quando atingir 16, 17 anos você pode praticar porque já está mais maduro, (...), nessa fase é o uso do preservativo, usando preservativo é garantir 99% de eficácia, o 1% que resta é de forma como ele deve ser colocado e também pelo prazo da validade. Até porque os seus aparelhos reprodutores não se encontram ainda desenvolvidos adequadamente, o que podem os trazer outros problemas mais tarde. (...), muitas vezes os adolescentes acabam não indo procurar os preservativos nos centros de saúde por causa da vergonha e possíveis comentários que surgem depois. Eu já presenciei várias vezes lá no PMI, principalmente quando procuram os serviços de SSR e ainda se estão com a farda da escola pior ainda, é um comentário da gaita por parte dos técnicos do PMI. Então isso pesa muito para que os adolescentes fazem sexo sem preservativo. Professor João.

Realmente numa sociedade pequena como a de Cabo Verde se não houver o sigilo e o profissionalismo por parte dos prestadores de serviços de saúde sexual e reprodutiva, fica muito mais difícil exigir dos adolescentes a prevenção das IST e da gravidez precoce. Além de conviver com os preceitos religiosos sobre a sexualidade, com os preconceitos da própria sociedade em volta da sexualidade, conviver com a falta do profissionalismo dos técnicos do serviço de saúde já é demais. Assim, seria fundamental unir as forças, uniformizar a linguagem de forma (des)preconceituosa para levantar o eco na luta contra as IST/HIV/SIDA e a gravidez precoce. Para que isso aconteça é imprescindível que as famílias, a sociedade e as instituições unem as forças nesta luta.

De acordo com o discurso do professor abaixo, é importante investir numa educação sexual, a fim de mudar os hábitos dos adolescentes e inculcar neles o senso de priorizar as coisas. Ou seja, uma educação sexual contextualizada levando em conta o cotidiano dos próprios adolescentes, os seus hábitos, valores e costumes. Neste sentido, a educação em prevenção deve ser abordada com base nas ações concretas a partir das vivências do dia-a-dia dos indivíduos com o intuito de transformar os contextos favorecedores de comportamentos de risco, levando em conta as questões culturais, econômicas, políticas e morais que estão na base desses comportamentos, ou seja, o professor recomenda uma educação sexual que enquadra na educação proposta em (AYRES, et. al. 2003):

Bom isso passa necessariamente por uma educação sexual. Quer dizer, quando se fala da educação sexual, se vem todas as outras questões de prevenção, etc. etc. bem eu entendo que não é por acaso que se aborda na disciplina de FPS justamente para inculcar nos alunos um comportamento adequado no que se refere à sexualidade e ao sexo. Portanto, é necessária uma educação sexual forte para que eles possam vir a ter relações sexuais numa hora adequada. (...), mesmo nós adultos precisamos da educação sexual, precisamos da preparação para a questão da sexualidade e sexo, sobretudo porque entram muitos fatores, fatores psicológicos, sociais, fisiológicos, por isso que é necessária uma educação. Professor Paulo.

Segundo os professores, os adolescentes nesse momento já têm as informações suficientes, já têm a idéia de prevenção, contudo eles precisam mostrar a idéia da prevenção na prática, visto que estão a faltar as atitudes, os comportamentos adequados. Para duas professoras, os adolescentes têm as informações, mas que eles precisam de muitos preparos porque eles ainda não têm aquela consciência e a identidade formulada, onde muitas vezes acabam por cair na conversa, que falta pôr em prática o que eles já sabem, porque pôr em prática já é diferente, que talvez eles se valorizem mais prazer de que as outras coisas, que, por isso, eles não põem o que aprenderam na prática. Segundo uma professora, os adolescentes têm mais preocupação com a curiosidade, com o querer, com a vontade e que, assim sendo, não refletem para ver as conseqüências, as DST. O medo e a vergonha estão na base dos adolescentes não procurarem os serviços que oferecem a prevenção, conforme a narrativa seguinte:

Eu acho que os jovens não estão a utilizarem os métodos mesmo perante todas as informações que estão sendo dadas, eu acho que eles não utilizem não por falta de conhecimentos, acho que não utilizem

por vergonha ou medo de irem procurar o local que encontre esses métodos. Vergonha como? Vergonha por exemplo, de encontrar uma pessoa amiga ou de encontrar uma pessoa da vizinhança que pode contar depois para os pais de que os filhos já iniciaram a vida sexual. Eu acho que isso é o problema não procurar os métodos por medo ou vergonha. Eu acho que a maioria dos adolescentes, cerca de 80% dos adolescentes não utiliza os métodos contraceptivos. Professora Suely.

Esta questão de medo e vergonha por parte dos adolescentes em procurar os métodos anticoncepcionais advêm do handicap de uma educação preventiva no seio da estrutura social cabo-verdiana. Ou seja, a família, algumas instituições que trabalham com questão da prevenção, a própria sociedade cabo-verdiana sentem certa limitação perante a plasticidade da sexualidade. Para suprir essas lacunas, será fundamental investir numa educação dialógica e comunicativa em matéria da prevenção e saúde a partir do contexto sócio-cultural do povo cabo-verdiano, uma educação em prevenção que vai ao encontro à educação descrita em (AYRES, 2002; AYRES, et. al. 2003; TORRES & ENDERS, 1999). Assim sendo teremos uma sociedade mais preparada para entender, aceitar e coadjuvar na prevenção das IST/HIV/SIDA e gravidez precoce. Outrossim, a ação educativa em saúde é um processo dinâmico e contínuo, que objetiva capacitar indivíduos e/ou grupos da comunidade para refletirem criticamente sobre as causas e problemas de saúde de forma que os permitam ter uma atitude responsável mediante os problemas que surgem no seu cotidiano (TORRES & ENDERS, 1999).

A narrativa seguinte mostra que não existe uma relação direta entre o conhecimento e a mudança de hábitos, atitudes e comportamentos:

Os jovens estão informados, eles sabem da existência de riscos, comportamentos e a partir do momento que começarem a praticar há uma preocupação, deve haver uma preocupação no sentido de proteger. Já no EBI as crianças conhecem, são informadas sobre as doenças sexualmente transmissíveis, sobre a gravidez e sobre a reprodução, começam a ter consciência de como é que se processa a reprodução. Então começa a se falar de gravidez, gravidez, gravidez indesejada, gravidez precoce e também das DST e também forma de prevenção. Só que às vezes há aquilo que nós chamamos de omissão, não é? Tem informação, tem todas as mensagens, mas na hora H há omissão. E com a omissão podem-se acontecer riscos graves que pode ser a gravidez, enfim as DST, etc. falta é a tomada de consciência. O sexo ainda não considerado um ato consciente por parte dos jovens, coisas que acontecem depois passam. Professor Pedro.

Em relação ao conhecimento dos adolescentes cabo-verdianos sobre como prevenir da gravidez e das IST e, que, mesmo assim eles não previnem, questiona-se o seguinte: em que condições os adolescentes cabo-verdianos aprendem as questões ligadas à gravidez precoce e às IST/HIV/SIDA? O que representam as IST/HIV/SIDA e a gravidez precoce para eles? Nesse processo ensino/aprendizagem são levados em consideração os contextos sócio-culturais e político-econômicos destes adolescentes? Deste modo, o ato da prevenção da gravidez e das IST exige muito mais do que simples saber, visto que estão em jogo outros fatores como: emoção, gozo, relacionamento, prazer, onde a pessoa tem que abdicar de tudo isso e mais outras coisas para poder prevenir contra as IST/HIV/SIDA e contra a gravidez precoce. Esse tipo de prevenção corrobora com a prevenção exposta em (BARBOSA & PARKER, 1999).

Todos os professores são de acordos que houve uma mudança entre agora e no tempo deles, em termos de lidar com a questão da prevenção às IST/HIV/SIDA. Alegaram que no passado era diferente porque as pessoas eram mais tímidas, tinham mais tabus, tinham mais conservadorismo, que, por isso, era diferente, mas que hoje isso já está mais banal, mais normal. Alguns professores manifestaram que, antigamente não existiam métodos contraceptivos e que se existissem que em Cabo Verde não existiam, que não existiam a consciência da prevenção, que são valores que estão sendo adquiridos mais recentemente. Segundo um professor, a própria conjuntura social demanda a incorporação de novos valores, visto que no tempo dele se preocupava só com a gravidez em termos da prevenção, que hoje além da gravidez a pessoa tem que prevenir, sobretudo, das DST, da SIDA. Nesse sentido, a questão da prevenção é contextual e deve responder as demandas das populações dentro de um determinado contexto sócio-histórico.

A responsabilidade sempre faz parte do vocábulo dos adolescentes entrevistados em relação à prevenção da gravidez indesejável, visto que eles apelam aos adolescentes que tenham mais responsabilidades, usando os métodos contraceptivos nas relações sexuais como, por exemplo, pílula, camisinha, coito interrompido, esterilização da mulher e do homem, não tendo relações sexuais nos períodos férteis ou só quando usam a camisinha ou quando querem realmente ter filhos e, sobretudo, usando diálogo para a decisão de ter ou não relação sexual. Disseram que é preciso que os adolescentes estejam bem informados, a fim de saberem como prevenir da gravidez precoce tendo em conta que a

gravidez precoce é muito perigosa para a saúde integral da pessoa. Para uma aluna, além de se prevenir utilizando preservativo e outros métodos contraceptivos é fundamental manter uma relação de confiança com único parceiro. Para os alunos, tanto os pais como a sociedade tem que adotar outro jeito de lidar com a sexualidade dos adolescentes, adotando a habilidade de aproximação de forma que possa haver confiança recíproca, porque, atualmente, nem a família e pior um pouco a sociedade conseguem lidar com a sexualidade dos adolescentes adequadamente, pois, estes se sentem fracassados e forçados a refugiar no mundo do sexo.

Os professores entrevistados tiveram uma visão semelhante a dos alunos, visto que, segundo eles, para evitar a gravidez indesejável é necessário usar o preservativo e outros métodos contraceptivos, fazer a abstinência sexual, manter a fidelidade, evitar a troca de parceiros, evitar a promiscuidade, atrasar o início da vida sexual, estar informados, ou seja, que a melhor forma é prevenir e que os adolescentes devem ter cuidados, visto que, existe um tempo mais ou menos que as pessoas devem assumir os atos sexuais e que isso deve acontecer quando a pessoa tenha a maturidade e a responsabilidade. Segundo os professores entrevistados, há grande diferença no que se refere à prevenção da gravidez em termos comparativos entre atualmente e no tempo da adolescência deles. Disseram que a prevenção são valores que estão sendo adquiridos agora, não que antigamente não acontecia isso, mas que agora acontece com mais frequência, que no tempo deles o uso do preservativo era muito pouco, que a fidelidade antes era maior, entretanto, que hoje os adolescentes estão muito mais bem informados com muito mais oportunidades que eles.

O fato da adolescência ser uma fase da incerteza e descontrole pode explicar que os adolescentes não andam a se prevenir por questões do autodomínio e questões emocionais. Isto é, os adolescentes não têm o domínio de si mesmos, eles não conseguem controlar as suas emoções, as suas paixões, os seus desejos, os seus sentimentos, os seus atos e os seus impulsos sexuais no momento das práticas sexuais, o que conseqüentemente interferirá no seu futuro incerto. Por exemplo, quando aparece a expressão: “se calhar já fiquei infectado”. O adolescente vivencia o conflito entre a busca do prazer e o uso do preservativo tal como relatado por um professor:

Em parte não, porque fico com sensação de que isso pode trazer outros aspectos que são extremamente importantes que é a questão de autodomínio, quer dizer, vou fazer uma coisa, mas tenho que a fazer direito, não posso ter uma relação sexual e depois ficar preocupado dizer “poxa” se calhar já fiquei infectado. É o que eles não têm, aquele autodomínio, eu vou ter relação sexual e tinha preservativo comigo, mas prazer demais me fez não usar, é complicado, f..... falta de autodomínio, o que os adolescentes não têm. Quer dizer, eles mesmos deixam transparecer isso, que no momento do uso “professor ka dá pa poi”²³! Isso mostra que não há o equilíbrio emocional naquele momento da relação sexual. Professor Paulo.

A despeito disso, todos os alunos entrevistados reconheceram a importância do uso do preservativo, recomendando o uso de forma correta, alegando que é um método anticoncepcional muito fiável tanto para evitar a gravidez como as IST/HIV/SIDA, ou seja, que a camisinha é a melhor forma da prevenção, uma por não ficar grávida e outra por não ficar doente. Segundo uma aluna, usando o preservativo além da pessoa proteger a si mesma está a proteger o parceiro das infecções sexualmente transmissíveis:

Bem, eu acho que é para evitar as doenças, mas há pessoas que não ligam e dizem: para quê? Eu quero prazer, para quê? Mas eu acho que elas estão enganadas às vezes porque mesmo querendo elas devem usar para se prevenirem das doenças. Eu acho que a maioria das pessoas não usa o preservativo, porque, por exemplo, pela primeira vez pode usar depois 2^a, 3^a e depois diz: já usei tanto e nunca muda nada, agora não vou usar mais, porque, por exemplo, tem uma senhora que diz que a 1^a vez que ela fez a relação sexual ela usou a camisinha, mas que é assim, [risos, ficou envergonhada para falar], que não foi como ela queria e por isso agora não vai usar a camisinha quando faz sexo. [Risos dos dois. Qual é a palavra que ela usou?]. Ela disse que não sente amoroso, que ela não gostou. [Risos]. Aluna Joana.

É um método muito fiável, onde existem poucas probabilidades de serem contaminados com os vírus, dizem que as camisinhas rasgam, mas isso é muito difícil, tem que ver o prazo da validade e se o preservativo é de boa qualidade para ser utilizado. Aluna Denise.

Eu acho muito importante. Devido as DST se não existisse a camisinha não poderíamos prevenir essas doenças, porque já pílulas e injeções não são suficientes. É muito importante, foi a coisa mais importante. Aluna Cíntia.

Assim como os alunos, todos os professores acham que é muito importante o uso do preservativo, principalmente naquela fase ainda que a pessoa não tenha um parceiro

²³ Professor, não deu para colocar!

certo, porque senão é a própria vida que está em risco. Para os professores, as pessoas devem ser educadas no sentido de saber como usar o preservativo porque o preservativo quando é usado de forma inadequado tem outros riscos, outras conseqüências, porém, o uso do preservativo deve ser negociado com o parceiro sem imposição. Entretanto, a negociação sobre o uso do preservativo não constitui uma tarefa fácil numa sociedade machista e marcada pela desigualdade de gênero, até porque, segundo Barbosa (1996), quando a mulher é dependente emocional e financeira do parceiro, o fato de exigir o uso do preservativo é motivo de colocar a relação em risco, tendo em conta que quem determina as práticas das relações sexuais é o homem.

Alguns professores contestaram a posição da Igreja sobre o uso do preservativo, aconselhando a mudança de postura por parte desta instituição, visto que, é a saúde da população que está em causa. Frisaram que, atualmente estão a acontecer algumas mudanças sobre o uso do preservativo, tendo em consideração que as mulheres agora andam com o preservativo e antigamente eram somente os homens que o carregavam consigo. O preservativo era única e exclusivamente masculino, mas hoje em dia além da mulher escolher o seu parceiro, existe o preservativo feminino. Há várias fontes de informações e de normatização de condutas a que os adolescentes têm acesso. Por exemplo, o desencontro entre o que a escola ensina e o que os alunos aprendem em casa com os pais com a influência da instituição Igreja, ou seja, existe uma desarticulação entre a escola, a família e algumas instituições, no sentido de unificar a mensagem para a prevenção das IST e gravidez precoce, como explicita o trecho seguinte:

Eles usam, mas poderiam usar mais. Quando aqui na escola nós os professores fomentamos o uso do preservativo e em casa os alunos encontram os pais ligados à Igreja e quando vão à Igreja ouvem conselhos para não usar, então em que ficamos? Isso é só para mostrar que não existe a sintonia entre a Igreja e a sociedade. Quer dizer, enquanto instituição deveria ter sintonia a fim de garantir a educação. Porque a educação não pode ter dois lados, onde um fala uma coisa e outro fala outra coisa em relação à mesma coisa, mas de uma forma geral vejo algumas gravidezes onde presumo que ou não foi nada eficaz a camisinha ou não foi usada. Professor Paulo.

Porém, a síntese dos alunos parece ser a idéia de que é possível evitar as IST/HIV/SIDA, pois a forma de se evitar é usando o preservativo, ter um parceiro, prevenir sempre, procurar estar informado sobre essas doenças, aproveitar as informações que andam a circular na televisão, na rádio e nas palestras, e, sobretudo

pensar antes de agir. Assim, a ênfase recai sobre a responsabilidade individual do adolescente, pois, segundo uma aluna, se todos utilizarem o preservativo esta doença ficaria em extinção, porém muitas pessoas não usam, porque estão apaixonadas não lembram do HIV/SIDA, então ela aconselha que deva haver o incentivo do uso do preservativo. Portanto, para evitar as IST/HIV/SIDA seria fundamental que as pessoas tomassem consciência sobre o perigo e a existência dessa doença, não se expondo e tomar as devidas precauções com a vida, segundo os exemplos que se seguem:

Porque, por mais que o Estado faça palestras, publicidades, algumas pessoas não querem saber, como vivemos na África existe maior percentagem de mulheres infectadas do que os homens, querem ter filhos não escolhem os pares ideais e também quando dizem para fazer o teste acham que é desconfiança, mas não é desconfiança, é uma, é amor, é uma forma de prevenir, quer dizer que eles sentem amor, que eles não querem que o seu par viva o que eles estão passando mesmo que o seu par não esteja infectado, que eles não se infectam caso ela não tem, ela não sabe, é isso. Aluna Débora.

Como dizem, tudo é possível, mas para isso, os jovens têm que tomar consciência de que eles têm que levar a própria vida à sério, porque se eles contaminassem pelo HIV/SIDA e não for prognosticados muito cedo podem sofrer conseqüências graves até leva a morte, então eu acho que eles, eles, não, nós deveríamos pensar muito bem, refletir, pedir conselhos, pedir orientação antes de ter relações sexuais ou coisas parecidas para não apanhar HIV/SIDA, não que seja só gravidez precoce, mas podemos apanhar HIV/SIDA. Aluna Sandra.

É sim, porque se tem preservativo é para usarmos e depois a SIDA não se encontra marcada no rosto de ninguém, eu estou aqui e agora neste momento, mas tu não sabes se eu tenho vírus e nem eu sei se tu tens vírus, portanto pela desconfiança ou pela nossa própria segurança temos de usar o preservativo. Aluna Cíntia.

Eu acho que é possível sim. Eu acho que se todos nós tivermos a consciência sobre essa doença, por exemplo, se uma pessoa sabe que está infectada ela deve escolher ou não fazer sexo com ninguém ou se fazer tem que usar a camisinha. Eu acho que **essa é a consciência de cada um**. Aluno Dino.

Acredito sim. Usando preservativo nas relações sexuais, quando for à barbearia pedir para mudar de laminas, não usar as seringas infectadas que já foram usadas. Aluno Lito.

Da mesma forma que os alunos, os professores acreditam que é possível evitar as IST/HIV/SIDA, revertendo esse quadro das infecções no mundo e em particular em

Cabo Verde, alegando que para o efeito será necessário investir nas seguintes ações: o uso da camisinha, promoção das palestras, diálogos, marchas reuniões, aconselhamento, conversando coisas reais que acontecem no dia-a-dia, investindo numa boa educação dos adolescentes com ressalva a fidelidade, criando programas na televisão que tem a ver com isso, programas que incentivem os jovens e os comovam sobre as DST, ou seja, programas capazes de ajudar as pessoas a tomar consciência que SIDA é uma doença perigosa, sensibilizar o público a procurar os serviços como centros de saúde para tomar o preservativo e para usá-lo. Para os professores, as pessoas têm que conhecer a doença e a partir daí é possível reverter o quadro situacional. Seguindo esta lógica, questiona-se: e que tal dar maior assistência aos adolescentes na escola e na família?

Para que seja revertido este panorama ressalta-se que é fundamental que haja a vontade política em termos de manter toda população informada sobre a doença e sobre as prevalências, visto que a grande massa social carece de informações realistas sobre a situação da SIDA em Cabo Verde, conforme o exemplo abaixo:

É possível reverter desde que haja vontade política, vontade das pessoas interessadas em não contaminar e desde que as informações passam por todas as camadas sociais. Tem uma coisa que eu não sou muito de acordo, quando temos uma taxa de prevalência mesmo que seja baixa, acho que a população tem direito de saber. Deixando bem claro qual é a probabilidade de cada um em contaminar, porque às vezes as pessoas desonestas mesmo sabendo que estão infectadas podem infectar as outras pessoas. Há necessidade de trabalhar no sentido de informar a sociedade em geral, que a informação chega a camada mais desfavorecida. Professora Diva.

Reconhece-se como fundamental que haja uma estratégia de divulgação, sensibilização, educação adequada à sociedade cabo-verdiana; estratégia realista capaz de cativar a população; estratégia que contribua para que as pessoas tomem consciência para a prevenção, isto porque, muitas formas de luta contra a SIDA que estão sendo utilizadas não surtem muitos efeitos porque as mensagens não passam e são estratégias alheias à realidade cabo-verdiana, conforme o exemplo abaixo:

Mas falando especificamente em Cabo Verde, é um país pequeno onde permite a assunção de um controlo, controlo mais severo sobre isso. E isso depende como falei anteriormente, a informação já é bastante, preservativo já é bastante, e só depende de cada um de nós, de forma como queremos encarar e fazer as coisas. Em primeiro lugar é tirar as vergonhas e ir buscar os preservativos nos centros de saúde;

depois fazer mais divulgações a partir da rádio e da televisão; criar mais condições de forma como os jovens possam ocupar os seus tempos livres; criar grupos de teatro dentro das comunidades para falar sobre VIH/SIDA, DST, IST, como se transmitem e como não se transmitem de forma a alertar cada comunidade. Passam muitas propagandas sobre essa temática na rádio, mas quando isso acontece as pessoas riem e acham isso engraçado, na televisão elas riem também, os panfletos sequer elas lêem, pegam e jogam fora. Então a forma da divulgação do VIH/SIDA que eles fazem como a distribuição dos panfletos tem pontos positivos e tem pontos negativos, porque não é todo mundo que sabe ler, então essas pessoas que não sabem ler tomam esses panfletos e jogam fora e para quem sabe ler pegam os panfletos também, mas sequer ficam com a curiosidade de ler. É possível de reverter esse quadro aqui em Cabo Verde criando mais programas, criar formas diferentes de sensibilizar a população, formas diferentes daquelas utilizadas agora. Professor João.

Através das falas, se percebe que talvez seja preciso desenvolver um trabalho de educação sexual que vai além de mera informação, uma educação sexual realista que não fique na pretensão de querer moldar o comportamento do indivíduo através da difusão das informações e conhecimentos até porque se assim for o problema estaria isoladamente no sujeito e não na sociedade, então será imperativa uma educação sexual assentada nas ações concretas que dizem respeito ao meio contextual desses adolescentes, uma educação que conflui com a proposta da educação em saúde encontrada em (AYRES, et. al. 2003).

A maioria dos informantes manifestou que a descoberta do sexo e da sexualidade não se consuma da mesma forma entre os rapazes e as meninas, alegando grande assimetria de gêneros instalada no interior da sociedade cabo-verdiana. Acredita-se que isso é fruto da configuração da sociedade cabo-verdiana, uma sociedade patriarcal, machista, cujas mulheres não podem fazer muitas coisas que os homens fazem. Uma sociedade muito permissiva para que os homens desfrutem a própria sexualidade e muita repressora quando o assunto se trata da sexualidade da mulher. Portanto, de acordo com as narrativas dos informantes-chave pode-se ler que a falta de oportunidade dos adolescentes cabo-verdianos, a situação da pobreza, a existência de algumas famílias desestruturadas, as más influências, o desemprego, a entrada fácil dos estrangeiros em Cabo Verde, o abandono do lar, o uso das drogas, as irresponsabilidades das pessoas, a existência de poucos lugares para vender camisinha e a prostituição são as condições que facilitam o risco às IST/HIV/SIDA para os adolescentes em Cabo Verde.

CAPÍTULO VII – PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL PARA OS ADOLESCENTES DE CABO VERDE

Este capítulo trata do Programa de Educação Sexual implantado nas escolas cabo-verdianas com objetivo da prevenção das IST/HIV/SIDA. Trata-se de um programa transversal que está contido no Programa da disciplina de Formação Pessoal e Social. Então, é a partir deste que são abordados todos os conteúdos e temas de educação sexual e da sexualidade na sua forma mais geral. A Formação Pessoal e Social – FPS é uma disciplina que prioriza trabalhar os comportamentos, atitudes e valores dos alunos com vista ao desenvolvimento sócio-moral.

Assim, levando em consideração que os adolescentes que constituíram nos sujeitos desta investigação foram alunos do 9º ano de escolaridade, para um pequeno enquadramento, o Programa de FPS do 9º ano abrange: introdução do conceito de puberdade e de adolescência; desenvolvimento da capacidade de pensar; desenvolvimento sócio-cognitivo; desenvolvimento inter-pessoal; tomadas de perspectiva social; estratégias de negociação inter-pessoal; uso e abuso de drogas; mudanças sexuais da adolescência; comportamento sexual; conseqüências de relações sexuais sem proteção; gravidez precoce; doenças sexualmente transmissíveis (DST); contracepção; prevenção de DST/HIV; mitos e tabus sexuais; e orientação vocacional.

7.1 Atividades do Programa de Educação Sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA

Buscou-se identificar as atividades desenvolvidas pelo Programa e a adesão de alunos e professores às mesmas. De acordo com os discursos dos alunos, a participação destes em atividades de Educação Sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA nas escolas secundárias de Cabo Verde é uma realidade, entretanto, apontam que alguns nunca participaram de uma atividade da prevenção.

Dentre os alunos entrevistados tem uns que são assistentes²⁴ no EIO e têm outros que não os são. Para a prevenção contra a SIDA, os alunos receberam a formação na escola,

²⁴ Ver alunos assistentes na Caracterização da Escola

exatamente no Espaço de Informação e Orientação – EIO sobre a sexualidade e saúde reprodutiva. Essas sessões de formação desenvolveram atividades como: palestras, jogos teatrais, vídeos-debate, recitação de poemas e prosas, desenhos, elaboração de cartazes, dramatizações, elaboração de trabalhos de grupos seguidos de apresentações e debates sobre as doenças sexualmente transmissíveis – HIV/SIDA, sífilis, gonorréia –, gravidez precoce, métodos contraceptivos – pílula, camisinha masculina e feminina, e os cartazes foram colocados nas paredes da escola. Ainda, para estes informantes, houve palestras sobre o gênero na escola. Além de participar destes tipos de atividades na escola, existem aqueles que já participaram em outros lugares como: no ACRIDES (Associação para as Crianças Desfavorecidas), na VERDEFAM (Associação Caboverdiana para a Proteção da Família), no grupo religioso João Paulo II e até na própria comunidade.

Na visão dos alunos, estas atividades foram muito boas e esclarecedoras, visto que adquiriram muitos conhecimentos, porém o grande problema é a falta da aplicação prática no dia-a-dia. Contudo, são atividades que os permitam ajudar colegas, famílias e a própria sociedade com a questão da prevenção das IST/HIV/SIDA, tendo em conta que já se sentem mais bem preparados para lidar com esta problemática. O EIO como é avaliado pelos alunos, é um espaço de muita importância dentro das escolas secundárias, devido à vocação do mesmo para com os adolescentes, no entanto, reafirmam-se que é fundamental investir numa educação em saúde que priorize as atividades lúdicas e recreativas nas quais os adolescentes possam refletir sobre as suas práticas quotidianas, como vemos a seguir:

São atividades educativas e informativas porque é isso que os jovens precisam, dos temas que falam sobre a sexualidade e a nossa escola por acaso tem o EIO e também a Escola Técnica de Assomada tem o Espaço de Informação e Orientação onde há vídeos-debate e há um espaço com equipamentos para a orientação onde os jovens encontram os assistentes ali para tirar as dúvidas como, por exemplo, como utilizar a camisinha; como podemos controlar através da menstruação. Aluna Denise.

Há diferentes sentidos de participação das atividades para a prevenção das IST/HIV/SIDA entre os grupos de alunos e dos professores. Quer dizer, a participação para os alunos pode ser diferente da participação para os professores, assim questiona-se: o que é participar das atividades da prevenção das IST/HIV/SIDA para os alunos e

para os professores? Conforme os discursos destes dois grupos da pesquisa em causa, as opiniões deles foram contrastantes em relação à participação destas atividades, visto que nem todos os alunos admitiram participar em atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA, mas para os professores, todos os seus alunos participaram de atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA. No âmbito da disciplina de Formação Pessoal e Social – FPS, lecionada por estes professores, foram realizadas campanhas de prevenção através da elaboração de cartazes, poemas e frases sobre a sexualidade e a educação sexual. Ainda, os alunos assistiram sessões de filme sobre a educação sexual seguidas de reflexões e discussões. Realizaram formação de orientação e aconselhamento de pares, na qual os alunos fizeram pesquisa na internet. Segundo os professores, a escola está sempre atenta aos problemas que dizem respeito aos alunos a fim de tentar responder algumas demandas que a própria fase suscita e para tal promove atelier de formação sobre vários temas inclusive HIV/SIDA, como segue a explicitação mais abaixo:

Sim, porque a tempo fizemos um atelier sobre Direitos Humanos e HIV/SIDA, foi espetacular esse atelier, com alunos de 11° e 12° anos e para a comemoração do dia mundial de luta contra a SIDA sempre fazemos sessão do vídeo-debate, onde colocamos um vídeo falamos um pouco sobre a SIDA e fazemos muitos debates em função desse vídeo, mas é praticamente aqui dentro da escola que fazemos esse tipo de atividade de acordo com uma programação feita. Também já organizamos palestras que tratam desses assuntos. Professor João.

Assim como as opiniões dos alunos, todos os professores acharam muito importante desenvolver esse tipo de atividade, visto que, os alunos aprenderam muita coisa sobre SIDA, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, sexualidade, transformações em adolescência, ou seja, os adolescentes aprenderam sobre as coisas que acontecem na vida deles, nas quais trazem resultados satisfatórios tendo em conta os interesses, o envolvimento e a participação dos próprios alunos. Neste sentido, os professores consideram necessário ensinar os adolescentes estes assuntos com base numa dinâmica da interação entre a escola e a própria sociedade e assim sendo o plano da intervenção deve ser de acordo com os problemas da própria sociedade.

Na narrativa que se segue, fica evidente a tamanha importância atribuída à educação preventiva para os adolescentes. Quando aparece no trecho: “água mole e pedra dura bate até que fura”, o professor quer ressaltar que a mudança do comportamento é um

processo contínuo e árduo. Para que haja um comportamento desejável entre os adolescentes, eles terão que ter acesso à educação preventiva contínua e permanente que lhes propicie uma mudança comportamental:

Essas atividades são importantes. Primeiro é uma forma de alterar sobre a prevenção, é uma forma de informar, é uma forma de educar e é uma forma de de de combater mesmo porque há um ditado que diz água mole e pedra dura bate até que fura. Quer dizer, primeiro começa por dar informações, depois faz campanhas, marchas e atividades práticas que possam complementar. Professor Pedro.

Em relação à assimilação de conhecimentos, os alunos afirmaram positivamente que aprenderam várias coisas quando participaram das atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA. Aprenderam como fazer no dia-a-dia em relação à vida sexual com os seus parceiros; como se comportar com uma pessoa portadora de HIV/SIDA; aprenderam a não rejeitar essas pessoas; ficaram mais conhecedores dos métodos contraceptivos; ficaram a saber o que são as IST; ainda, ficaram mais sabidos de como prevenir das DST, HIV/SIDA, visto que, viram como a SIDA se transmite e como não se transmite.

Os professores tiveram uma visão semelhante aos alunos, visto que, segundo eles, os alunos aprenderam muita coisa sobre a fisiologia humana, transformações que corram no corpo, sobretudo na fase da adolescência, sobre os órgãos sexuais, reprodução, sexualidade, métodos contraceptivos disponíveis em Cabo Verde, prevenção contra as IST, sobre as formas da transmissão do vírus HIV, sobre gravidez, sobre o aborto: como fazer, quem deve fazer e quem não deve fazer, como se faz em Cabo Verde, sobre o aborto clandestino e sobre as questões afetivas, visto que, há tudo um cuidado na preparação e na conjugação de práticas que sensibilizam e minimizam a situação ligada ao programa de educação sexual, ou seja, segundo os professores, tudo o que engloba a sexualidade e a educação sexual foi abordado na sala de aula com os alunos.

No trecho abaixo, a informante ao explicar empolgadamente o processo ensino-aprendizagem na sala de aula, acabou por trazer a tona um traço do que se passa neste espaço cabo-verdiano, quando no trecho aparece: “temos a tendência de chegar na sala de aula e impor aos alunos”, isso mostra um esforço de superação de uma tendência que ainda existe em Cabo Verde de um ensino autoritário, unidirecional e sem o senso do

diálogo, cujos professores estão na posse dos saberes e cabe aos alunos acatarem as ordens e mandos destes professores:

Acho que eles aprendem sim, porque o essencial na aprendizagem é a motivação e os alunos estavam super-motivados, porque, quando tratando de um tema do interesse dos alunos há mais motivação. Nem sempre valorizamos a motivação, mas a motivação tanto por parte do professor como do aluno é muito importante na aprendizagem, porque nós às vezes temos a tendência de chegar na sala de aula e impor aos alunos, (...). Eles aprenderam o que é SIDA, maneira que se transmite e maneira que não se transmite, como tratar as pessoas portadoras da SIDA, referente a soropositivos, pessoas já com SIDA, eles aprenderam mais coisas porque eles mesmos ficaram a comentar sobre o que foi debatido, pronto, foi bom. Professora Alessandra.

Essa fala a frente, do professor, destaca o sucesso da metodologia, apontando para a necessidade de avaliação do impacto dela:

Acho que os alunos aprenderam alguma coisa, porém poderiam aprender mais, se calhar às vezes a metodologia que usamos surte efeito, mas a partir de certo momento temos de fazer um estudo para ver o impacto que ela está tendo, procurando a melhoria, acredito que os meios de informação devem ser repensados com vista a ver se correspondam na verdade e só depois saber se vai continuar ou não com a mesma metodologia. Professor Paulo.

Portanto, para atender as demandas do mundo globalizado da atualidade, tanto os dirigentes como os professores, pais ou encarregados da educação e a sociedade em geral tem que pensar em uma educação em Cabo Verde cujos métodos do ensino permitam aos alunos desenvolver a própria capacidade de pensar, pensar criticamente a própria aprendizagem, libertando daqueles métodos que privilegiem exclusivamente a capacidade da memorização do aluno. Para tal, reconhece-se ser necessário promover um trabalho integrado, articulado e envolvente para toda a comunidade educativa, um trabalho com base nas ações concretas e reais cujos alunos se constituem no sujeito da construção da própria aprendizagem, quer dizer, fomentar uma educação onde, primeiramente, o aluno possa compreender e aprender o real, o concreto e o local, então para depois compreender e aprender o imaginário, o abstrato e o globalizado, isto é, desenvolver um trabalho educativo cuja aprendizagem seja significativa e prazerosa para os alunos.

7.2 Participação nas atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA

A prevenção das IST/HIV/SIDA em Cabo Verde é uma realidade. Tanto as escolas como as instituições governamentais e não governamentais e a sociedade civil estão empenhadas na luta contra este mal que abala não só este país, mas sim o mundo inteiro. Os adolescentes que participaram de atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA admitiram que fizeram alguma mudança na vida deles. Por exemplo, psicologicamente, a maneira de pensar sobre determinadas coisas, sobretudo sobre adolescência, de como agir na escola, na sociedade, sobre a utilização dos métodos anticoncepcionais, sobre HIV/SIDA e sobre a identidade do gênero, auto-conhecimento – conhecer-se a si mesmo, ter consciência de si mesmo e auto-estima – fazer uma avaliação realista e otimista da própria capacidade.

Nas narrativas que se seguem, os adolescentes mostram que estão a colocar na prática algo que aprenderam sobre a educação sexual, tal como ter atitudes firmes para procurar os métodos contraceptivos, procurar dialogar com os pais para entender melhor a sexualidade e para tomar uma postura perante a vida sexual, com auto-estima para decidir sobre uma relação:

Sim. Por exemplo, vejo a menstruação hoje, então vou lá no PMI e faço a regulação, não troco de namorado, previno sempre, porque eu acho que os jovens agora querem só a curtição, mesmo com muitas informações que perpassam que devem prevenir, mas eles não pensam em se prevenir. Aluna Dora.

Sim, por exemplo, uma vez eu fui a uma reunião do escoteiro falaram-me para falar sobre as doenças sexualmente transmissíveis e as infecções. Falei que eu aprendi no EIO e também eles me ensinaram algumas coisas e daí quando saí da reunião eu fui à casa, depois fui à praça e estava lá uma amiga minha e depois ela veio e me disse que queria um beijo meu e eu disse que, eu dei-lhe um beijo, mas estavam aí 2 irmãos e aí eu disse para parar. Aluno António.

Senti sim. Se fizer sexo não faço sem o preservativo. O meu pai mesmo me falou que se um dia eu tiver de fazer sexo que tenho de fazer usando o preservativo. [E já sabes usar corretamente o preservativo?]. Sei sim, porque foi ensinado lá no EIO. [E vocês têm estado a colocá-lo na prática?]. Não! Aluno Lito.

Assim como os alunos, excetuando uma professora que explicou que os seus alunos participaram de apenas uma atividade de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA nas quais ela não notou nenhuma mudança na vida deles, todos os outros professores afirmaram que notaram mudanças nos alunos depois que eles participaram dessas atividades.

Nas narrativas que se seguem evidencia-se a importância da prevenção e ao mesmo tempo mostra que é esta uma opção pela vida e que não se constitui uma missão fácil, visto que, a prevenção da SIDA, na esfera das relações sexuais, envolve um aspecto relacional de pelo menos duas pessoas. Assim, a prevenção exige o desenvolvimento da consciência e da determinação do indivíduo, isto é, para se prevenir é necessário desenvolver um conjunto de ações, tanto na esfera cognitiva, como afetiva e psicomotora. Deste modo, a prevenção da SIDA implica, como definem Barbosa & Parker (1999), que o sujeito desenvolva um projeto de vida, contemplando as três esferas: o saber, o saber-ser e o saber-fazer:

Claro que mudaram sim. Mudaram pouco a pouco (...), portanto para fazer uma opção pela vida é não adotar um comportamento de risco, opção de vida é essa usar preservativo, fidelidade (...). Professora Sayonara.

Efetivamente, efetivamente, nós podemos ver, comparar e ver as estatísticas, repara que no período em que havia uma evolução digamos assim bastante considerável das DST e mesmo do HIV, gravidez, quer dizer, hoje os adolescentes estão a mudar atitudes, porque repara, é uma coisa muitas vezes que nós podemos dizer, é imperceptível, mas a realidade é que as coisas estão a diminuir. Temos mais adolescentes sem dúvida, mas em termos de casos estão a diminuir, porque as informações estão a passar da fase de assimilação para a prática, porque é um ato comportamental. (...), a forma que eles reagem perante seus colegas, amigos, parceiros, namorados, etc. (...). Hoje em dia qualquer jovem a partir dos 17 anos tem uma camisinha na bolsa, na carteira em qualquer lugar, portanto isso é normal (...), é uma forma de prevenir. Professor Pedro.

São inúmeras as mudanças dos adolescentes quando falam entre si: há mudança em nível da mentalidade e do comportamento revelada, sobretudo quando trocam idéias sobre as pessoas portadoras do vírus e sobre a importância de tratar esses assuntos na sala de aula. Segundo uma professora, no ano passado surgiu uma expressão na turma

“peli ku peli é mas sabi”²⁵ e logo os outros alunos chamaram a atenção ao aluno que falou isso, alegando: “ah você esquece que tem as DST”. Assim, os alunos parecem influenciados pelos assuntos trabalhados na escola e quando acontece algo em casa relacionado com a sexualidade ou em outros lugares, eles trazem suas preocupações para a escola, pedindo esclarecimentos, tendo em conta que muitas vezes os pais não conseguem esclarecer cabalmente as dúvidas, além daqueles alunos que afirmam ter vergonha de conversar esses assuntos com os pais.

7.3 Programa de Educação Sexual na visão dos alunos e professores

Os adolescentes entrevistados acharam que o programa de educação sexual implantado nas escolas em Cabo Verde é muito importante, visto que, lhes permite tratar dos problemas que enfrentam no dia-a-dia, levando em consideração que a disciplina de FPS trabalha com temas sobre a sexualidade, gravidez precoce, igualdade do gênero, DST, nos quais aplicam os conhecimentos dos jovens e isso contribui para a mudança comportamental, tendo em conta que os jovens ficam mais informados e têm a consciência do que estão a fazer, ficam mais preparados para enfrentar o dia-a-dia, o que acaba refletindo na própria sociedade cabo-verdiana. Que este programa incentiva os alunos a usarem mais os métodos anticoncepcionais. Segundo os alunos, os professores de FPS estão sempre disponíveis para prestar informações sobre o programa e a escola possui o espaço EIO onde encontram pessoas qualificadas para tirarem dúvidas dos alunos nestas matérias. Porém, têm umas que reclamam que há necessidade de fazer mais, a fim de manter os alunos mais informados e preparados para a vida.

Nas narrativas que se seguem é evidenciada a importância do programa, porém chama atenção sobre a necessidade de se fazer mais atividades no âmbito do programa de educação sexual implantado nas escolas em Cabo Verde, atendendo às demandas dos adolescentes, sabendo que estas atividades não deveriam ser restringidas à disciplina de FPS, sobretudo, porque há uma carência de diálogo entre pais e filhos sobre esta matéria e que, por isso, cabe a escola manter os alunos informados:

Não é lá grande coisa. Mas fazem um pouco, o que está ao alcance, mas eu acho que as escolas deveriam fazer muito mais porque nós

²⁵ Pele, pele é mais gostoso.

somos adolescentes e queremos saber sempre mais e a escola deveria fazer mais palestras, mais atividades tanto desportivas, tentar fazer como jogos, perguntas e respostas, o que nós adolescentes pensamos acerca disso. Falamos disso só na FPS. Aluna Débora.

Ajudaria muitos adolescentes não só neste liceu, mas em vários outros, cada vez mais os adolescentes estão mais agressivos com a mentalidade cada vez mais fraca, eles fazem as coisas com uma certa ignorância. [Então o que tu achas sobre o programa?]. Eu acho que é muito importante, porém precisa ser reforçado porque está muito fraco. Aluna Cíntia.

Dizem que a educação abre todas as portas, a informação também abre muitas portas, mas acho que existem poucas famílias aqui em Cabo Verde que chamam os filhos para falar sobre essas problemáticas, então cabe a escola de dar esse tipo de informação. Aluno Dino.

Contrariamente à maioria dos alunos, apenas uma professora achou que o programa tem sido satisfatório e muito gratificante. Os professores registram que existem insuficiências no programa, porque às vezes não existem materiais, assim, há necessidade de fazer grande reajuste neste programa, ressaltando que o programa não é algo que deve ficar estático, parado porque é um programa que foi feito há muito tempo. Que Cabo Verde já deu um passo muito grande, assim deve ter um programa à altura, visto que a sociedade já se transformou e por isso o programa tem que ter alguns reajustes. Segundo os professores, o Ministério da Educação deve rever o programa no sentido de introduzir algumas inovações, porque esse programa foi feito a 10, 15 anos ou mais, que, então não está trazendo as novidades em termos de conteúdos e estratégias para as abordagens dos temas.

Para os professores, trata-se de um programa irreal que não diz muito respeito à sociedade cabo-verdiana, assim, recomenda-se que o mesmo seja revisto com base em estudos, com vistas a atender as demandas dos adolescentes deste país. Evidentemente, será importante a preparação dos professores que trabalham com este programa, tendo em conta à própria natureza do assunto. Ressalva sobre a importância da família em colaborar no sentido de dar bons exemplos aos filhos e não deixando somente pela escola, segundo seguem as narrativas dos professores abaixo:

Bem eu acho que o programa de educação sexual não está muito bem implementado, há algumas lacunas, não é? Há algumas lacunas, mesmo há professores que sentem dificuldades ainda de transmitir

certos assuntos aos seus alunos. Se calhar por lado dos professores eles têm que ficar mais à vontade, encarar com mais naturalidade e ter mais competências para isso também. [Você acha que o programa em si é real, bom e que responde as expectativas dos adolescentes?]. Não, eu acho que não. Eu acho que não é tão real. Tanto é que certas coisas não se coadunam com o que realmente eu vivo. Não corresponde a realidade cabo-verdiana. Não sei, portanto, se foi um programa que foi feito a partir de uma outra realidade, mas no certo é que há algumas lacunas, deveria ser mais real, eles deveriam mesmo fazê-lo baseado mesmo numa pesquisa, na experiência vivida, experiência cabo-verdiana, e daí agora elaborar o programa. Acho que eles deveriam dar mais conexão entre a teoria e a prática. Professora Alessandra.

Eu acho que o programa precisa do reajuste, porque o adolescente, a criança aprende com atos práticos. Quando nas aulas teóricas, só teoria, só teoria isso ia mais ao campo das informações, precisamos educar com atos concretos, exigir uma educação voltada para a realidade, exigir aos alunos que é preciso conscientizar, que elegem um parceiro de confiança que é melhor. Mas o aluno na escola o professor fala e em casa a mãe tem vários parceiros, o pai tem várias mulheres, os irmãos ou as irmãs têm vários parceiros, quer dizer, desvirtualiza. Precisa haver uma coerência entre a teoria e a prática. Os adolescentes não querem teoria querem a prática, dar exemplos com ações concretas eu acredito que as coisas terão mais efeitos. Professor Pedro.

Então, a partir das narrativas dos alunos e professores, percebe-se que o presente programa traz alguns benefícios aos adolescentes no sentido que trabalha os diversos temas conforme mencionados no decorrer de todo o trabalho, temas importantes que tratem do cotidiano dos adolescentes. Entretanto, as opiniões destes informantes foram tão contrastantes que acabaram por apontar mais limitações do programa do que as possibilidades. As limitações que o programa apresenta, na ótica dos atores da investigação, começam desde a sua concepção, tendo em conta que o mesmo não condiz com a realidade cabo-verdiana e estende até a sua materialização na prática dentro da sala de aula, alegando que muitas vezes os professores não são preparados convenientemente para trabalhar com este programa. Nos discursos dos informantes subentende-se que se trata de um programa muito caduco, muito desvinculado das exigências e das práticas do dia-a-dia cabo-verdiana, tendo em conta que tanto os conteúdos e os temas, quanto as estratégias metodológicas não trazem nenhuma novidade para os adolescentes.

Portanto, pegando nos objetivos, temas, conteúdos e estratégias metodológicas do programa, evidencia-se a grande sobrecarga de conteúdos e temas que esperam trabalhar

e as grandes metas e expectativas que esperam chegar, privilegiando, sobretudo a moldagem do comportamento dos alunos a partir das transmissões dos conteúdos. Assim, muitas vezes, mesmo sem querer, quando pecam por excesso dos conteúdos, acabam nas tramas daquela velha educação com traços “conteudista e tradicional”, por não pensar adequadamente a dosagem entre os conteúdos, as metodologias e o tempo real para a sua materialização, de forma que os alunos sejam os sujeitos ativos na construção consciente e reflexiva da própria aprendizagem. Desta forma, a grande quantidade do tema e conteúdos planejados para serem trabalhados com os adolescentes carece de mais tempos disponíveis para poder ter uma abordagem mais aprofundada inclusive para poder sair um pouco da abordagem meramente teórica e partir por algo prático, lúdico e recreativo.

CAPÍTULO VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de dissertação indaga sobre a percepção dos alunos e professores de uma Escola Secundária de Cabo Verde no que se refere à **adolescência, sexualidade e exposição ao HIV e os limites e possibilidades dos Programas de Educação Sexual** para a sua prevenção. Tanto a adolescência como a sexualidade veio recebendo inúmeros tratamentos e interpretações por mais diversos campos de conhecimento ao longo dos anos, o que implica na impossibilidade de formular uma visão unívoca destes temas.

Contudo, a presente pesquisa evidencia que professores e alunos entendem a adolescência como um processo de transição no qual ocorrem grandes transformações físicas e psicológicas, reconhecendo que processo da socialização dos adolescentes é complexo, devido às relações sociais, seja destes com os pais, seja com os colegas no que se refere à comunicação.

A responsabilidade é ressaltada no discurso dos entrevistados, sustentando a idéia de que ser adolescente é ter a responsabilidade da decisão do que quer ou não da vida e da criação da própria auto-imagem.

Assim, há um sentimento de punição, culpabilização e julgamento moral entre os informantes-chave para com os adolescentes cabo-verdianos que se envolvem com droga, prostituição, alcoolismo, vandalismo, delinquência e a inserção de jovens nos grupos de gangues, alegando falta de responsabilidade destes. Subentende-se que esta responsabilidade é percebida mais no plano individual do adolescente do que a responsabilização social. Ainda, as narrativas dos professores ressalvam o moralismo normativo responsável para com os adolescentes, onde estes têm que seguir as condutas e as normas sociais e não devem interiorizar algo que é sancionado pela sociedade. Assim, resumidamente, o discurso da responsabilidade que culpabiliza os adolescentes pela sua adolescência é muito presente nas narrativas dos professores.

A adolescência é construída na sociedade cabo-verdiana em meio a um processo histórico de transformação sócio-cultural, em que aspectos econômicos e políticos impactam sobre a família e a comunidade, e modifica relações que tornam a experiência

de ser adolescente distanciada de uma tradição, para se definir com características do que é descrito para outras sociedades no mundo contemporâneo. Há riscos de violência, delinqüência, IST/HIV/SIDA, gravidez precoce, alcoolismo, droga, vandalismo, dentre outros. Assim, vê-se ressaltar as questões sociais e culturais nas falas dos indivíduos para falar da peculiaridade de ser e viver adolescência em Cabo Verde. A fragilidade econômica do país é apontada como um dos entraves que interferem nas oportunidades do ser adolescente cabo-verdiano. Ainda, a dimensão psicológica é destacada por suas especificidades na adolescência em Cabo Verde, na qual pode variar em função do ambiente social e cultural, de acordo com as manifestações e condutas que são consideradas padrões dentro de cada sociedade. Desta forma, a adolescência é entendida como uma aprendizagem construída conformada ao próprio meio do indivíduo.

Além das manifestações culturais e sociais como elementos que interferem no ser adolescente, segundo os discursos dos professores, a forma de viver adolescência é histórica e varia de geração para geração devido às transformações sociais em que cada sociedade está sujeita.

De acordo com os informantes-chave, a relação entre os adolescentes e as famílias cabo-verdianas varia em função do sexo do indivíduo, visto que, os pais ficam mais preocupados com as meninas adolescentes do que com os rapazes. Assim, registra-se um cuidado exacerbado dos pais para com as filhas e esquecendo um pouco dos rapazes. E com isso pode-se perceber as diferenças de gênero na definição do ser adolescente.

Os discursos dos sujeitos da pesquisa colocaram em evidência a importância de ter uma estrutura familiar sólida de forma a permitir o bom desenvolvimento físico, psíquico e social dos filhos, remetendo-se ao tempo em que os professores viviam a adolescência. Alunos e professores manifestaram que a escola tem estado a ter grande papel e importância na educação dos adolescentes, principalmente através das disciplinas de Formação Pessoal e Social que aborda assuntos relacionados com aspectos da sexualidade de forma mais aberta, sobre as DST, gravidez precoce, droga, VIH/SIDA.

Assim como os alunos, os professores manifestaram a grande dificuldade da sociedade cabo-verdiana em saber conviver com os adolescentes, apontando que as dificuldades

começam logo no seio familiar e que estendem por toda sociedade e, sobretudo, criticaram a falta do envolvimento e da intervenção dos pais na educação dos filhos. Deste modo, os informantes-chave frisaram que existem muitos desafios para com os adolescentes cabo-verdianos, desafios esses que começam no entorno familiar dos adolescentes e estendem por toda sociedade, concernentes, principalmente, ao campo da sexualidade destes adolescentes.

Assim, cabe ressaltar que uma boa parcela dos adolescentes cabo-verdianos aprende algo sobre sexo e sexualidade apenas nas escolas, visto que, segundo alguns informantes, muitas famílias cabo-verdianas preferem não discutir esses temas no entorno familiar e isso decorre da heterogeneidade dos pais em termos de nível de instrução, das crenças e preceitos religiosos. Destarte, percebe-se que a sexualidade é ainda perpassada com certo tabu entre parte de algumas famílias cabo-verdianas. Contudo, registra-se que o sexo e a sexualidade são assuntos abordados com alguma normalidade e tranqüilidade pelos adolescentes. E a disciplina da Formação Pessoal e Social se constitui no pilar para abordar esses assuntos com os adolescentes na instituição escolar.

Durante muito tempo a sexualidade foi reduzida à genitalidade, ao ato sexual propriamente dito e à procriação. Contudo, com o decorrer do tempo ela passou a ser percebida de uma forma mais holística e abrangente, incorporando as dimensões físicas, afetivas, psicológicas, sociais e axiológicas.

Segundo os sujeitos desta pesquisa, a sexualidade é vida, é algo natural, não é só sexo, é a forma de ser e de estar de um indivíduo, é algo que implica, sobretudo, a responsabilidade. Ainda, as narrativas dos informantes apontam que a sexualidade só deve ser entendida dentro de um determinado momento histórico e ela não é fixa, podendo mudar com o decorrer do tempo. Assim, a sexualidade é percebida como uma aprendizagem construída ao longo da vida de um indivíduo conformada às condições sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas.

Mas, a maioria dos informantes achou que a descoberta de sexo e da sexualidade não se dá de forma equânime entre os rapazes e as meninas. Muitas narrativas indicam as assimetrias existentes entre os gêneros na sociedade cabo-verdiana, quando o assunto se

refere à sexualidade, cuja representatividade da sexualidade segue um critério das normas instituídas socialmente que permitem essa assimetria com maior naturalidade. Cabe frisar que, para os informantes, essa descoberta depende de pessoa para pessoa, depende do meio onde ela estiver inserida.

Ainda, no que se refere à questão do gênero, há uma visão dual da atividade/passividade do gênero, da dominação dos homens sobre as mulheres na sociedade cabo-verdiana. Essa dominação masculina arbitrária é socialmente construída entre os gêneros a partir da diferença anatômica dos órgãos sexuais, isto é, a diferença biológica entre os sexos implica naturalmente na divisão social dos trabalhos. Neste sentido, geralmente as mulheres cabo-verdianas além dos trabalhos fora de casa, são sobrecarregadas com trabalhos domésticos, como limpar, cozinhar, cuidar dos filhos, enquanto que os homens ocupam dos cargos de mais destaques e não ajudam nos trabalhos domésticos, segundo a maioria dos informantes-chave.

Algumas narrativas apontaram também certa precocidade nas práticas sexuais, talvez isso, em parte, depende da questão da exploração sexual, da pedofilia, visto que, existe a lei na Constituição da República de Cabo Verde que condena e pune a prática das relações sexuais com menores de 16 anos de idade. É bom lembrar que para a maioria dos informantes, as meninas começam ter relações sexuais antes dos rapazes. Ainda, nos discursos aparecem a precocidade dos adolescentes, a falta de maturação física e psicológica para a prática da relação sexual, podendo trazer inúmeras conseqüências negativas como a gravidez indesejada, as DST, o VIH/SIDA, ou seja, conseqüências dos danos físicos e psicológicos para com os adolescentes. Deste modo, há um forte julgamento moral e cívico entre os informantes-chaves, sobretudo, entre os professores para com os adolescentes cabo-verdianos sobre a inconseqüência e a irresponsabilidade destes em relação à prática sexual precoce, descontrolada e desprogramada.

Assim, a responsabilidade sempre faz parte do vocábulo dos adolescentes e professores entrevistados em relação à prevenção da gravidez indesejável e das IST/HIV/SIDA, visto que eles apelam aos adolescentes que tenham mais responsabilidades, usando os métodos contraceptivos nas relações sexuais e usando diálogo para a decisão de ter ou não relação sexual, sendo fieis e evitando a promiscuidade.

Os professores entrevistados enfatizaram a necessidade de evitar as infecções sexualmente transmissíveis. Para isto, é preciso investir numa educação sexual, preparando os adolescentes na matéria de sexualidade com uma educação preventiva, promovendo campanhas de sensibilização para a prevenção, fomentando uma educação a partir da demonstração de algo concreto sobre os danos e as transformações que ocorrem nos órgãos genitais devido às doenças sexualmente transmissíveis, a fim que eles possam pensar sobre o assunto. Desse modo, segundo os informantes-chave, para a prevenção contra a SIDA, os alunos receberam a formação na escola, exatamente no Espaço de Informação e Orientação – EIO, sobre a sexualidade e saúde reprodutiva, desenvolvendo atividades como: palestras, jogos teatrais, vídeos-debate, recitação de poemas e prosas, desenhos, elaboração de cartazes, dramatizações, elaboração de trabalhos de grupos seguidos de apresentações e debates sobre as doenças sexualmente transmissíveis – HIV/SIDA, sífilis, gonorréia –, gravidez precoce, métodos contraceptivos – pílula, camisinha masculina e feminina, ressaltando que os cartazes foram colocados nas paredes da escola.

Contudo, cabe ressaltar que há diferentes sentidos de participação das atividades para a prevenção das IST/HIV/SIDA entre os grupos de alunos e dos professores. Conforme os discursos destes dois grupos da pesquisa em causa, as opiniões deles foram contrastantes em relação à participação destas atividades, visto que nem todos os alunos admitiram participar em atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA, mas para os professores, todos os seus alunos participaram de atividades de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA. Além disso, alguns professores contestaram a posição da Igreja no que se refere à prevenção da gravidez e das IST/HIV/SIDA, principalmente, sobre o uso do preservativo, destarte, estes professores aconselham a mudança de postura por parte desta instituição, visto que, é a saúde da população que está em causa.

Segundo os informantes-chave, é possível evitar as IST/HIV/SIDA, revertendo esse quadro das infecções no mundo e em particular em Cabo Verde, através do uso da camisinha, promoção das palestras, diálogos, marchas reuniões, aconselhamento, investindo numa boa educação dos adolescentes com ressalva a fidelidade, criando programas na televisão que incentivem os jovens e os comovam sobre as DST e SIDA. Ainda, eles apelam aos adolescentes que tenham mais responsabilidades, usando os

métodos contraceptivos nas relações sexuais, fazer a abstinência sexual, manter a fidelidade, evitar a troca de parceiros, evitar a promiscuidade, com vistas à prevenção da gravidez precoce e indesejável, alegando que a gravidez precoce é muito perigosa para a saúde integral da pessoa.

Contudo, para eles, uma pessoa está exposta às IST/HIV/SIDA quando pratica sexo sem proteção, quando tem atitudes e comportamentos de riscos, nomeadamente quando prevarica, quando tem vários parceiros, quando ignora muitas informações, quando acha que com ela isso não acontece. Algumas falas revelam que as pessoas estão sempre expostas, mas ficam mais expostas quando tem uma variedade de parceiros e não utilizam o preservativo durante as relações sexuais, que, por isso, há necessidade de termos um comportamento mais adequado e preventivo. Segundo os sujeitos da pesquisa, existem condições facilitadoras ao risco às IST/HIV/SIDA para os adolescentes em Cabo Verde. Apontaram a pobreza, a influência, a prostituição e o desemprego como os principais fatores dessas condições facilitadoras. Nos discursos dos professores ficam evidentes que fatores como o turismo, a influência de outras culturas disseminada através da televisão cabo-verdiana, o tipo de família, a carência e dificuldade podem condicionar a exposição a esses riscos.

Neste sentido, os informantes-chave aconselham aos jovens que primeiro usem a camisinha, para não jogarem a vida fora, que sejam muito responsáveis que na hora não deixam ser levado pelo prazer, pelo desejo, que pratiquem a abstinência sexual, para encarar a vida, para não agir só por momento, mas que pensem nas conseqüências, para não pensar só em si próprio, mas também nos seus companheiros. Que tenham uma aprendizagem que lhes permitam ser um bom adulto, que não façam escolhas influenciadas pelo terceiro, que não confundam a “liberdade com a libertinagem”, que privilegiem o diálogo para a decisão de ter ou não as relações sexuais.

No que se refere ao programa de educação sexual na prevenção das IST/HIV/SIDA, então, a partir das narrativas dos alunos e professores, percebe-se que o presente programa traz alguns benefícios aos adolescentes no sentido que trabalha os diversos temas conforme mencionados no decorrer de todo o trabalho, temas importantes que tratem do quotidiano dos adolescentes. Entretanto, as opiniões destes informantes foram tão contrastantes que acabaram por apontar mais limitações do programa do que possibilidades. As limitações que o programa apresenta, na ótica dos sujeitos da

investigação, começam desde a sua concepção, tendo em conta que o mesmo não condiz com a realidade cabo-verdiana e estende até a sua materialização na prática dentro da sala de aula, alegando que muitas vezes os professores não são preparados convenientemente para trabalhar com este programa. Nos discursos dos informantes percebe-se que se trata de um programa caduco, desvinculado das exigências e das práticas do dia-a-dia cabo-verdiana, tendo em conta que tanto os conteúdos, os temas, as estratégias metodológicas não trazem atualmente nenhuma novidade para os adolescentes, nem considerem os modos de ser adolescente em Cabo Verde e suas experiências com a sexualidade.

Quando se trata dos objetivos, temas, conteúdos e estratégias metodológicas do programa, evidencia-se a grande sobrecarga de conteúdos e temas que esperam trabalhar e as grandes metas e expectativas que esperam chegar, privilegiando, sobretudo a moldagem do comportamento dos alunos a partir das transmissões dos conteúdos. Assim, muitas vezes, mesmo sem querer, quando pecam por excesso dos conteúdos, acabam nas tramas daquela velha educação com traços “conteudista e tradicional”, por não pensar adequadamente a dosagem entre os conteúdos, as metodologias e o tempo real para a sua materialização, de forma que os alunos sejam os sujeitos ativos na construção consciente e reflexiva da própria aprendizagem. Desta forma, a grande quantidade do tema e conteúdos planejados para serem trabalhados com os adolescentes carece de mais tempo disponível para poder ter uma abordagem mais aprofundada inclusive para poder sair um pouco da abordagem meramente expositiva e partir por algo prático, lúdico e recreativo, priorizando uma educação prazerosa, participativa e significativa para os sujeitos do processo ensino/aprendizagem.

Cabe ressaltar que mesmo tratando de uma pesquisa de cunho qualitativo, estudando um caso específico e focalizado o que por limitação metodológica não permite reunir todas as condições para a generalização dos resultados, muitas das evidências aqui encontradas coincidem com os achados das outras pesquisas feitas nestas matérias. Contudo, recomenda-se um estudo deste teor em Cabo Verde, de caráter mais extensivo, principalmente para inferir melhor a veracidade da precocidade da vida sexual dos adolescentes deste país e conseqüentemente delinear estratégias de proteção à sua saúde.

Assim, os achados deste trabalho de investigação permitem apontar algumas recomendações consideradas importantes, tendo em conta o programa da educação sexual na prevenção das IST/HIV/SIDA com os adolescentes de Cabo Verde:

1. A revisão urgente do Programa de Formação Pessoal e Social, onde está incluído o Programa de Educação Sexual, tendo em consideração os objetivos, os temas, os conteúdos, as estratégias metodológicas e os recursos didáticos. No entanto, essa revisão do programa deve respeitar um estudo profundo da realidade cabo-verdiana a fim de proporcionar um programa realista e que venha a atender as demandas reais e concretas dos adolescentes deste país. Para que o programa venha a atender estes quesitos, torna-se imperiosa que os núcleos selecionados para estudar, arquitetar e elaborar o programa em causa devem ser comprometidos politicamente com a educação, pessoas que consigam despir as camisas político-partidárias, com vistas a dar corpo a um projeto político-pedagógico para o bem dos adolescentes de Cabo Verde.
2. A seleção criteriosa do corpo docente que irá trabalhar com o Programa de FPS bem como a formação consistente destes professores, com vistas a assegurar e garantir o sucesso do processo ensino/aprendizagem destas matérias.
3. Dinamizar a relação entre a escola e comunidade de modo que todos os elementos que fazem parte da comunidade educativa se sintam responsáveis pelo processo ensino/aprendizagem.
4. Fomentar e incentivar os docentes pela necessidade e importância de estarem envolvidos numa formação contínua e permanente.
5. Criar e fazer funcionar projetos político-pedagógicos na área de saúde sexual e reprodutiva em todas as escolas cabo-verdianas, onde os alunos sejam atores fundamentais dos projetos.
6. Desenvolver outras pesquisas sobre este tema, tanto compreensiva como extensiva, incluindo estudos comparativos para relacionar com os achados desta.

CAPÍTULO IX – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGHA, Sohail; VAN ROSSER, Ronan. Impact of a School-based Peer Sexual Health Intervention on Normative Beliefs, Risk Perceptions, and Sexual Behavior of Zambian Adolescent. **J. Adolesc. Health**, v.34, p.441-452, 2004.

AGHA, Sohail; HUTCHINSON, Paul; KUSANTHAN, Thankian. The effects of religious affiliation on sexual initiation and condom use in Zambia. **J. Adolesc. Health**, v.38, p.550-555, 2006.

ALBERTI, Sonia. O adolescente e seu pathos. **Psicol. USP**, São Paulo, v.13, n.2, 2002.

ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de et al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.37, n.5, out. 2003.

ANDRADE, Elisa Silva. **As Ilhas de Cabo Verde da “descoberta” à Independência Nacional (1469-1975)**. Paris: L’Harmattan, 1996.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Sexualidade juvenil de classes Populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de Jovens urbanas pobres. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n.1, p.163- 216, jan.-abr., 2005.

ANTUNES, Maria Cristina; PERES, Camila Alves; PAIVA, Vera; STALL, Ron; HEARST, Norman. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.4 ago. 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (org.). **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ASKEW, Ian; BERER, Marge. A contribuição dos serviços de saúde reprodutiva e sexual à luta contra o HIV/AIDS: uma revisão. **Questões de saúde reprodutiva**, Rio de Janeiro, v.1, n 1, p. 11-38, ago. de 2006.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita; FRANÇA JÚNIOR, Ivan. Saúde do adolescente. In: SCCHRAIBER, Lilia Blima et al. **Saúde do adulto: programas e ações na unidade básica**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita; FRANÇA JÚNIOR, Ivan et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESINA, Dina; FREITAS, Carlos Machado (org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 117-140

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Práticas educativas e prevenção de HIV/AIDS: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface - Comun. Saúde Educ.**, v.6, p.11-24, 2002.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita et al. Adolescência e aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. **Interface - Comun. Saúde Educ.**, v.7, n.12, p.113-28, 2003.

BAJOS, Nathalie; DUCOT, Béatrice et. al. Sexual risk-taking, socio-sexual biographies French national survey on sexual behaviour. **Soc. Sci. Med**, v. 44; n.1, p. 25-40, 1997.

BALMER, D. H.; GIKUNDI, E. et. al. Adolescent Knowledge, Values, and Coping Strategies: Implications for Health In Sub-Saharan Africa. **J. Adolesc. Health**, v.21, p.33-38, 1997.

BARBOSA, Regina Maria; AQUINO, Estela Maria Leão de et. al. **Interfaces: Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva**. Campinas: UNICAMP, 2002. 444p.

BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard et.al. **Sexualidades pelo avesso: Direitos, Identidades e poder**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; Editora 34, 1999.

BARBOSA, Regina Maria. Feminismo e AIDS. In: PARKER, Richard; GALVÃO, Jane (Org.). **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA, IMS/UERJ, 1996.

BARSTED, Leila Linhares. O campo político-legislativo dos direitos sexuais e reprodutivos no Brasil. In: BERQUÓ, Elza (Org.). **Sexo & Vida: Panorama da Saúde Reprodutiva no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; MIRRIS, Leo ; FERNANDES, Sônia Regina Pereira (Org.). **Saúde e educação sexual do jovem: um estudo em Salvador**. Salvador: UFBA /ISP, 1989. 191 p.

BÉRIA, Jorge (org.). **Ficar, transar... a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998. 240 p.

BEIRAS, Adriano. Os jovens e a sexualidade: um panorama da realidade brasileira. **Rev. Estud. Fem.**, Rio de Janeiro, v.13 , n.2 , maio/ago. 2005.

BIRMAN, Joel. Erotismo, desamparo e feminilidade: uma leitura psicanalítica sobre a sexualidade. In: **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. 308 p.

BLANC, A. K.; WAY, A. Sexual behavior and contraceptive knowledge and use among adolescents in developing countries. **Stud. Fam. Plan.**, v.29, p.106-116, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BORGES, Ana Luiza Vilela; NICHATA, Lúcia Yasuko Izumi; SCHOR, Néia. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Rev. Latinoam. Enferm.**, Ribeirão Preto, v.14, n.3 maio/jun. 2006.

BOZON, Michel. Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea. **Rev. Estud. Fem.**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.122-135, 1995.

BRADY, Martha. Evitar infecções sexualmente transmissíveis, a gravidez indesejada e proteger a fertilidade: a necessidade de tripla proteção das mulheres jovens. **Questões de Saúde Reprodutiva**, Rio de Janeiro, v.1, n 1, p. 50-58, ago. de 2006.

BRIEGER, WILLIAM R.; DELANO, Grace E. et. al. West African Youth Initiative: Outcome of a Reproductive Health Education Program. **J. Adolesc. Health**, v.29, p.436-446, 2001.

CABO VERDE. UNFPA. **Cartografia do desenvolvimento humano e da pobreza humana em Cabo Verde**. Praia: UNFPA, 2007.

CABO VERDE. **Plano Estratégico Nacional de Luta Contra a SIDA 2002-2006** da República de Cabo Verde. Praia, fev. 2002.

CABO VERDE. Ministério da Educação. **Projeto de Introdução das Competências Sociais em IST/VIH/SIDA nos Currículos do Ensino Básico Integrado e Ensino Secundário para 2004 - 2006**. Praia: Ministério da Educação, 2004.

CABO VERDE. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Saúde Reprodutiva**. Praia: Ministério da Saúde & UNFPA, 2003.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. Latinoam. Enferm.**, Ribeirão Preto, v.8, n.2, abr. 2000.

CARREIRA, António. **Cabo Verde: classes sociais, estrutura familiar, migrações**. Lisboa: Ulmeiro, 1977.

CARVALHO, Inácio. Introdução à História de Cabo Verde. In: CABO VERDE. Arquivo Histórico Nacional. **Descoberta das ilhas de Cabo Verde**. Praia, 1998.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; DA SILVA, Lorena Bernardete. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004. 426p.

CATANIA, J.; COATES, T.; KEGELES, S. A test of the AIDS Risk Reduction Model: Psychosocial correlates of condom use in the AMEN cohort survey. **Health Psychol**, v.13, p.548-555, 1994.

CORREIA, Cláudia. A sociedade cabo-verdiana: sua formação e evolução. In: CABO VERDE. Arquivo Histórico Nacional. **Descoberta das ilhas de Cabo Verde**. Praia, 1998.

CORREA, Sonia; ÁVILA, Maria Betania. Direitos sexuais e reprodutivos, Pauta global e percursos brasileiros. In: BERQUÓ, Elza (Org.). **Sexo & Vida: Panorama da Saúde Reprodutiva no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 2006.

CORRÊA, Marilina Villela. Sexo, sexualidade e diferença sexual no discurso médico: algumas reflexões. In: **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. 308 p.

COSTA, Maria O. et. al. **Adolescência: aspectos clínicos e psicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CRAWFORD, J.; BERMINGHAM, S.; KIPPAX, S. **An Analysis of Trends Over Time in Social and Behavioural Factors Related to the Transmission of HIV in Men Who Have Sex with Men**. Evaluation of the National HIV/AIDS Strategy 1993-94 to 1995-96. Australian: Government Publishing Service, Canberra. 1996. (Technical Appendix, 3).

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. 3. ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro. Brasília, DF: José Olympio; Edunb, 1993.

DJAMBA, Yanyi K. Social Capital and Premarital Sexual Activity in Africa: The Case of Kinshasa, Democratic Republic of Congo. **Arch. Sex. Behav**, v.32, n. 4, p.327-337, aug. 2003.

DOWSETT, Gary W. Algumas considerações sobre sexualidade e gênero no contexto da AIDS. **Questões de Saúde Reprodutiva**, Rio de Janeiro, v.1, n 1, p. 39-49, Ago. de 2006.

FITZGERALD, Ann M.; STANTON, Bonita F. et. al. Use of Western-Based HIV Risk – Reduction Interventions Targeting Adolescents in an African Setting. **J. Adolesc. Health**, v.25, p.52-61, 1999.

FERRO, Antonino; FARIA, Carlor Garcia et. al. **Psicanálise e sexualidade: tributo ao centenário de três ensaios sobre uma teoria de sexualidade 1905 – 2005**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

FOCESI, E. Uma nova visão de saúde escolar em saúde na escola. **Rev. Brás. Saúde Escola**, n.2, p. 19-21, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREUD, Anna. Adolescência. **Rev. Assoc. Psicanal. de Porto Alegre**; Porto Alegre, ano 5, n.11, nov. 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Apresentação. In: **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educ. Soc.** v.24, n.82, Campinas, abr. 2003.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GADOTTI, Moacir. Projeto político-pedagógico da escola: fundamentos para a sua realização. In: **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustaquio (Orgs.). **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GALLANTA, Melanie; MATICKA-TYNDALE, Eleanor. School-based HIV prevention programmes for African youth. **Soc. Sci. Méd.**, v.58, p.1337-1351, 2004.

GIACOMINI, Sonia Maria. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. **Rev. Estud. Fem.**, v.14, n.1, Florianópolis, jan.-abr. 2006.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra et al. **Psicologia Social: Textos em representações sociais**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GUERRIERO, Iara; AYRES, José Ricardo CM; HEARST, Norman. Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais, São Paulo, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.4, ago. 2002

GUPTA, Neeru; MAHY, Mary. Sexual Initiation Among Adolescent Girls and Boys: Trends and Differentials in Sub-Saharan Africa. **Arch. Sex. Behav**, v.32, n.1, p.41-53, feb. 2003.

HÉBERT, Jacques. O “ado”: de uma felicidade que não seria semblante. In: Adolescência. **Rev. Assoc. Psicanal. de Porto Alegre**; Porto Alegre, ano 5, n.11, nov. 1995.

- HEGUYE, E. S. Young peoples perception of sexuality and condom use in Kahe. In: KLEPP, K. I.; BISWALO, P. M.; TALLE, A. (eds). **Young People at Risk: Fighting AIDS in Northern Tanzania**. Scandinavian: University Press Oslo, 1995. p.107–120.
- HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.14, n.1, jan.-abr. 2006
- HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M. L. et. al. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006.
- HELMAN, C. G. Relação médico-paciente. In: _____. **Cultura, saúde e doença**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 100-136.
- HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- KIRBY, Douglas; LARIS, B. A.; ROLLERI, Lori A. Sex and HIV Education Programs: Their Impact on Sexual Behaviors of Young People Throughout the World. **J. Adolesc. Health**, v.40, n.3, p.200-217, mar. 2007.
- LAVILLE, Chistian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual da metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed AFMG, 1999.
- LEONELLO, Valéria Marli; L'ABBATE, Solange. Educação em saúde na escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em pedagogia. **Interface - Comun. Saúde Educ.**, v.10, n.19, p.149-166, jan.-jun 2006.
- LOYOLA, Maria Andréa (Org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: UERJ,1998. 308 p.
- MAGNANI, Robert; MACINTYRE, Kate et. al. The impact of life skills education on adolescent sexual risk behaviors in KwaZulu – Natal, South Africa. **J. Adolesc. Health**, v.36, p.289 – 304, 2005.
- MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Trajetória assistencial no âmbito da saúde reprodutiva e sexual - Brasil, século XX. **Rev. Latinoam. Enferm.**, Ribeirão Preto, v.10, n.3, maio-jun. 2002.
- MARTIN, T. C; JUAREZ, F. The impact of women's education and fertility in Latin America: Searching for explanations. **Int. Fam. Plan. Perspect.**, v.21 , n. 2, p. 52-57, 1995.
- MASWANYA, E. S. MOJI, K. et. al. Knowledge, risk perception of AIDS and reported sexual behaviour among students in secondary schools and colleges in Tanzania. **Health Educ. Res.**, v.14, n.2, p.185-196, 1999.

MEAD, Margaret. Adolescence in primitive and modern society. In: SWANSON, G. E.; NEWCOMB, T. M.; HARTLEY, E. L. (Eds). **Readings in social psychology**. New York: Henry Holt; 1952.

MELMAN, Charles. Haveria uma questão particular do pai na adolescência? In: Adolescência. **Rev. Assoc. Psicanal. de Porto Alegre**; Porto Alegre, ano 5, n.11, nov. 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MIRANDA, Francisco Arnaldo Nunes de; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Percepções da sexualidade do doente mental pelo enfermeiro. **Rev. Latinoam. Enferm.**, Ribeirão Preto, v.10, n.2, mar.-abr. 2002.

MOSSUZ-LAVAU, Janine. Sexualidade e religião: o caso das mulheres muçulmanas na França. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.13, n.2, maio-ago. 2005.

MOTTA, Custódio Gouvêa L. da; ROMÃO, José Eustáquio et al. Carta escolar: Instrumento de planejamento coletivo. In: **Autonomia da escola**: princípios e propostas. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MUUSS, Rolf E. **Teorias da adolescência**. 5. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1966.

OLIVEIRA, Dora Lúcia Leidens Correa de et al. A negociação do sexo seguro na TV: discursos de gênero nas falas de agentes comunitárias de saúde do Programa Saúde da Família de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n. 5, set.-out.. 2004

OLIVEIRA, Maria Alice F. Colli; BUENO, Sônia Maria Villela. Comunicação educativa do enfermeiro na promoção da saúde sexual do escolar. **Rev. Latinoam. Enferm.**, Ribeirão Preto, v.5, jul. 1997.

PAIVA, Vera; PUPO, Ligia Rivero; BARBOZA, Renato. O direito à prevenção e os desafios da redução da vulnerabilidade ao HIV no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.40 supl. abr. 2006.

PARISOTTO, Luciana et al. Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. **Rev. Psiquiatr.**, Porto Alegre, v.25, supl.1, abr. 2003

PASSADOR, Luiz Henrique; THOMAZ, Omar Ribeiro. Raça, sexualidade e doença em Moçambique. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v.14, n.1, jan.-abr. 2006.

PENOT, Bernard. A importância da noção de adolescência para uma concepção psicanalítica de sujeito. In: Adolescência. **Rev. Assoc. Psicanal. de Porto Alegre**; Porto Alegre, ano 5, n.11, nov. 1995.

PERES, Camila Alves et. al. **Fala Educadora! Educador!** São Paulo: Programa Nacional de DST/AIDS; Secretaria de Estado da Saúde, 2000. 161 p.

- PISCITELLI, Adriana; GREGORI Maria Filomena et. al. **Sexualidade e saberes: Convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- POPPEN P.J.; REISEN C.A. Perception of risk and sexual self-protective behavior: A methodological critique. **AIDS Educ. Prev**, v.9, p.373-390, 1997.
- RASSAIL, Jean-Jacques. Hipóteses sobre adolescência. In: Adolescência. **Rev. Assoc. Psicanal. de Porto Alegre**, Porto Alegre, ano 5, n.11, nov. 1995.
- ROBEY, B.; RUTSTEIN, S. O.; MORRIS, L. The reproductive revolution: New survey findings. **Popul. Rep. M.**, n.11, p.1-43, 1992.
- RODRIGUES, Ane Marlise Port. Psicanálise e sexualidade: tributo ao centenário de "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" - 1905-2005. **Rev. Psiquiatr.** Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.28, n.1, jan.-abr. 2006
- ROMÃO, José Eustáquio & PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento socializado ascendente na escola In: **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- ROSENTHAL, D.; SMITH, A. et. al. Changes in heterosexual university undergraduates' HIV-related knowledge, attitudes and behaviour: Melbourne, 1989-1994. **Genitourin. Med.**, n.72, p.123-127, 1996.
- RUFFINO, Rodolpho. Adolescência: notas em torno de um impasse. In: Adolescência. **Rev. Assoc. Psicanal. de Porto Alegre**; Porto Alegre, ano 5, n.11, nov. 1995.
- SANTOS, Naila J.S. et al. Mulheres HIV positivas, reprodução e sexualidade. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v.36, n.4, ago. 2002
- SEMEDO, José Maria. Um arquipélago do Sahel. In: CABO VERDE. Arquivo Histórico Nacional. **Descoberta das ilhas de Cabo Verde**. Praia, 1998.
- SILVEIRA, G. T. **Escola promotora em saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- SMITH, M. A. Anthony; VISSER, Richard de et. al. Australian and South African Undergraduates' HIV-Related Knowledge, Attitudes, and Behaviors. **Arch. Sex. Behav.**, v.27, n.3, 1998.
- St. LAWRENCE, J. MARX, B. et. al. Cross cultural comparison of US and Nigerian adolescents' HIV-related knowledge, attitudes, and risk behavior: Implications for risk reduction interventions. **AIDS Care**, n.7, p.449-461, 1995.
- TAQUETTE, Stella R. et al. A relação entre as características sociais e comportamentais da adolescente e as doenças sexualmente transmissíveis. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, São Paulo v.51, n.3 , maio-jun. 2005

TAQUETTE, Stella R. et al. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v.37, n.3, maio-jun. 2004

TORRES, G.de V.; ENDERS, B.C. Atividades educativas na prevenção da AIDS em uma rede básica municipal de saúde: participação do enfermeiro. **Rev. Latinoam. Enferm.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 71-77, abr.1999.

UNAIDS. HIV & AIDS in Africa. Young people and HIV/AIDS: Opportunity in crisis. Disponível em: <http://www.avert.org>. Acesso em: 1 aug. 2002. New York: UNAIDS/UNICEF/WHO, 2002.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 7-31, 1995.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. 136p.

VILLELA, Wilza Vieira; ARILHA, Margareth. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: BERQUÓ, Elza (Org.) **Sexo & Vida**: Panorama da Saúde Reprodutiva no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2006.

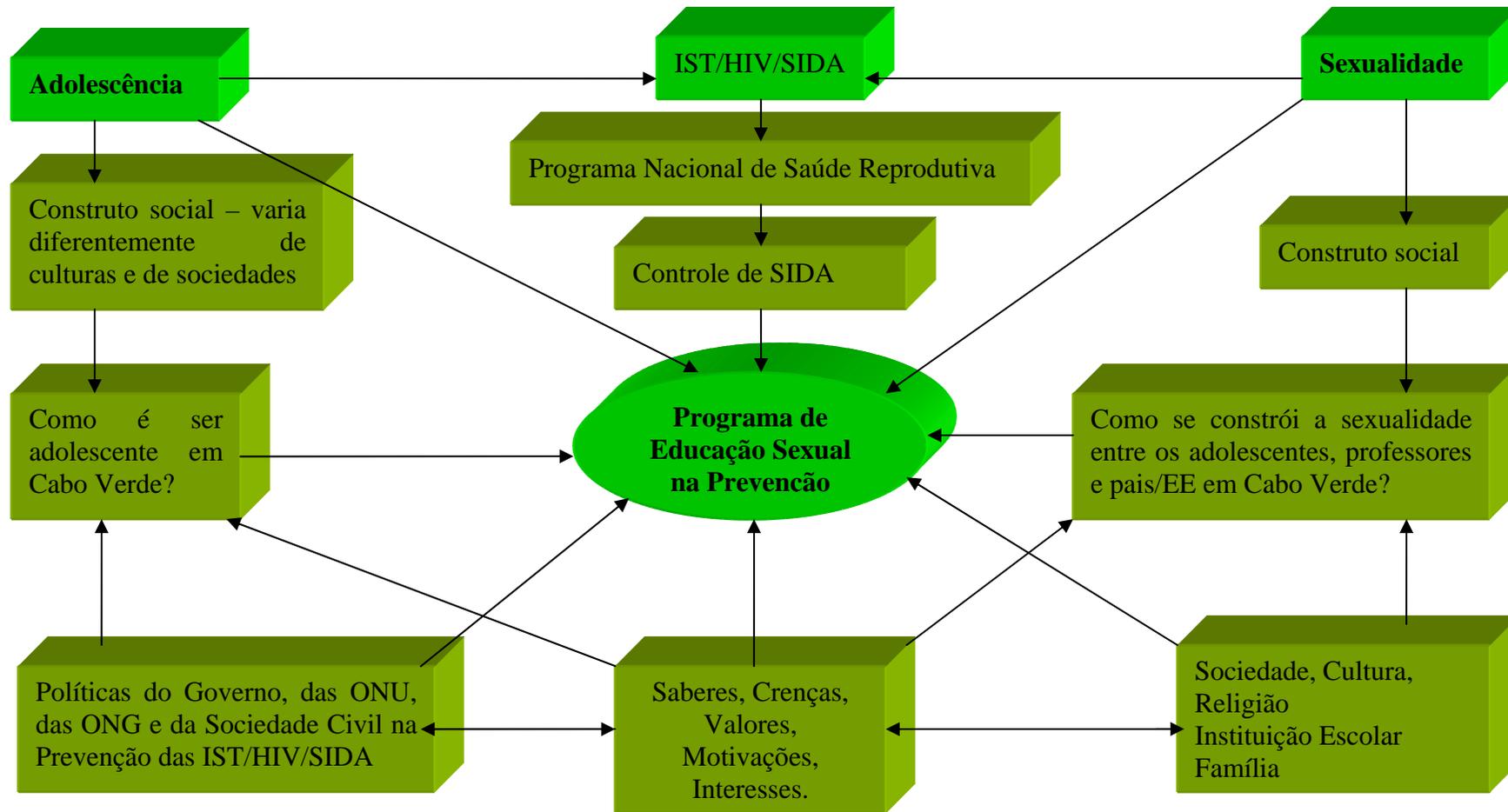
ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.13, n.2, maio-ago. 2005.

ANEXO

GRÁFICO: ANEXO – I

MODELO TEÓRICO

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO SEXUAL EM IST/HIV/SIDA COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA SECUNDÁRIA DE CABO VERDE:
PERCEÇÃO DOS ATORES ENVOLVIDOS NO PROGRAMA



ANEXO II

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS ADOLESCENTES

Apresentação e introdução. Agradecer a presença do/a aluno/a. Explicar os objetivos da entrevista e os procedimentos a serem desenvolvidos. Espero contar veemente com a tua colaboração de forma que esta pesquisa venha a contribuir ao país na tomada de algumas medidas sobre o Programa de Saúde Sexual e Reprodutiva, particularmente, nos programas de educação sexual desenvolvidos nas escolas cabo-verdianas. Hoje quero te ouvir, solicito a tua sinceridade durante a fala sobre tua experiência e opinião em relação à sexualidade, adolescência e prevenção das IST/HIV/SIDA. Portanto, não há respostas certas ou erradas na medida em que quero valorizar todas as opiniões e as diferenças de opiniões.

Importância para o estudo: essa reunião deverá subsidiar uma pesquisa de Dissertação de Mestrado de um aluno cabo-verdiano (Domingos Varela) no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia sobre *“Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA Com Adolescentes de uma Escola Secundária de Cabo Verde: Percepção dos Atores Envolvidos no Programa”* com o apoio financeiro do CNPq.

Portanto, mais uma vez, reforço que essa é uma conversa informal que espero a participação de todos. (Questões Éticas): Vamos juntos ler este documento (consentimento livre e esclarecido) para que possa entender os objetivos desta pesquisa. Caso concorde com seus termos gostaria de obter consentimentos de participação do/a seu/sua filho/a neste estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essa reunião será gravada para posterior análise, já que é uma pesquisa, mas será garantido o sigilo das informações e não haverá as identificações das pessoas.

Solicita-se a presença do/a participante (Falar o nome e a história do próprio nome).

Questões para discussão com os entrevistados:

1ª Parte – vamos dar uns minutos (1-2’) para que tu faças uma pequena viagem sobre o teu dia-a-dia de adolescência.

1. O que é para te ser adolescente?
2. Tu sentes adolescente? Desde quando?
3. O que mudou na tua vida quando passaste a ser adolescente? Porquê?
4. Como é para te ser adolescente? O que tu fazes de diferente da criança e do adulto?
5. Tu gostas de ser adolescente? Por quê?
6. O que é bom em ser adolescente?
7. O que é ruim em ser adolescente?

8. O que tu podes fazer por que é adolescente e o que não podes fazer?
9. Como tu gostarias que fosse a tua adolescência?
10. Como as pessoas agem contigo na tua adolescência? Mudaram com relação à tua infância? Na família? Na escola? Na comunidade?
11. Como são os adolescentes de Cabo Verde? Tu acreditas que são como os de outros países/lugares? Por quê?
12. Tu achas que ser adolescente entre os rapazes é mesma coisa que entre as meninas? Tem algo comum e diferente? O quê e por quê?
13. Tu achas que existem alguns desafios, hoje, no que se refere ao tratamento das questões ligadas aos adolescentes cabo-verdianos?

2ª Parte – vamos agora conversar um pouco sobre sexo e sexualidade. Vamos falar aqui bem a vontade, entendendo que sexo e sexualidade são coisas normais da vida.

14. Tu alguma vez já conversaste sobre sexo e sexualidade? Com quem?
15. Tu sentes à vontade para falar desses assuntos? Por quê?
16. Como se dá a descoberta do sexo e da sexualidade entre os adolescentes? Esta descoberta se dá de forma equânime entre os rapazes e as meninas? Por quê?
17. Mais ou menos com que idade tu acreditas que as pessoas descobrem o sexo e a sexualidade? Por quê?
18. Tu acreditas que normalmente as pessoas têm relações sexuais a partir de que idade? Por quê?
19. O que pode acontecer quando se têm relações sexuais? Por quê?
20. O que se pode fazer para evitar doenças sexualmente transmissíveis? Como os adolescentes de Cabo Verde fazem?
21. O que se pode fazer para evitar a gravidez indesejável? Como os adolescentes de Cabo Verde fazem para evitar a gravidez indesejável?
22. Quais têm sido as campanhas, estratégias que esta escola tem utilizado para evitar a gravidez precoce e as IST/HIV/SIDA?

3ª Parte – vamos falar um pouquinho sobre o programa de educação sexual para os adolescentes em Cabo Verde.

23. Tu já participaste de alguma atividade de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA? Qual e onde?

24. O que tu achas dessas atividades?
 25. Tu aprendeste alguma coisa? O quê?
 26. O que tu sabes sobre HIV e sexualidade? Tu acreditas que têm alguma relação?
 27. Depois que tu participaste dessas atividades, fizeste alguma mudança na tua vida?
 28. Essas atividades desenvolveram alguma coisa sobre o gênero? O quê? O que tu achas disso? Para te como se dá a relação de gênero em Cabo Verde?
 29. O que tu achas que os adolescentes fazem para se prevenirem das IST/HIV/SIDA?
 30. O que tu achas sobre o uso dos preservativos? Tu acreditas que os adolescentes usam? Por quê?
 31. Tu acreditas que é possível evitar as IST/HIV/SIDA? Como?
 32. O que tu achas sobre o programa de educação sexual implantado nas escolas em Cabo Verde, nomeadamente quando se fala da sexualidade, educação sexual, prevenção das IST/HIV/SIDA, DST, relação de gênero, orientação sexual?
- 4ª Parte** – vamos falar agora sobre a exposição a riscos às IST/HIV/SIDA dos adolescentes em Cabo Verde.
33. Tu já teveste alguma conversa com alguém sobre a exposição ao risco das IST/HIV/SIDA? No caso afirmativo, o que falaram?
 34. O que sabes sobre a exposição ao risco às IST/HIV/SIDA? O que farias para se livrar da exposição ao risco das IST/HIV/SIDA?
 35. Tu acreditas que existem algumas condições facilitadoras ao risco às IST/HIV/SIDA para os adolescentes em Cabo Verde? Quais e por quê?
 36. Estas condições são equânimes para os rapazes e para as meninas? Por quê?
 37. De tudo o que já falamos o que tu dirias num vídeo para alertar os jovens/adolescentes de Cabo Verde sobre o perigo das IHT/HIVSIDA?

ANEXO III

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS PROFESSORES

Apresentação e introdução. Agradecer a presença do/a convidado/a. Explicar os objetivos da entrevista e os procedimentos a serem desenvolvidos: espero contar veemente com a sua colaboração de forma que esta pesquisa venha a contribuir ao país na tomada de algumas medidas sobre o Programa de Saúde Sexual e Reprodutiva, particularmente, nos programas de educação sexual desenvolvidos nas escolas cabo-verdianas. Hoje quero ouvir você e solicito a sua sinceridade durante as falas sobre suas experiências e opiniões em relação à sexualidade, adolescência e prevenção das IST/HIV/SIDA. Portanto, não há respostas certas ou erradas na medida em que quero valorizar todas as opiniões e as diferenças de opiniões.

Importância para o estudo: essa reunião deverá subsidiar uma pesquisa de Dissertação de Mestrado de um aluno cabo-verdiano (Domingos Varela) no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia sobre *“Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA Com Adolescentes de uma Escola Secundária de Cabo Verde: Percepção dos Atores Envolvidos no Programa”* com o apoio financeiro do CNPq.

Questões Éticas: Vamos juntos ler este documento (consentimento livre e esclarecido) para que possa entender os objetivos desta pesquisa. Caso concorde com seus termos gostaria de obter consentimento de participação neste estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essa reunião será gravada para posterior análise, já que é uma pesquisa, mas será garantido o sigilo das informações e não haverá a identificação das pessoas.

Solicita-se a presença do/a participante (Falar o nome e a história do próprio nome).

Questões para discussão com os entrevistados:

1ª Parte – vamos dar uns minutos (1-2’) para fazer uma pequena viagem ao passado sobre a sua adolescência.

1. Como foi ser adolescente para você?
2. O que é para você ser adolescente?
3. Como é ser adolescente em Cabo Verde? No seu tempo e agora? Você acha que é como os de outros países/lugares? Por quê?
4. Como a sua família lidou com a sua adolescência? Como a escola lidou com a sua adolescência?
5. Como a família lida atualmente com a adolescência em Cabo Verde? Como a escola lida atualmente com a adolescência em Cabo Verde?
6. Você fazia algo de diferente da criança e do adulto enquanto era adolescente? Atualmente os adolescentes fazem algo diferente da criança e do adulto? O quê?
7. Você sente saudade da sua adolescência? Por quê?

8. O que é bom em ser adolescente?
9. O que é ruim em ser adolescente?
10. O que você acha que um adolescente pode e não pode fazer?
11. Como você gostaria que fosse a sua adolescência? Como você gostaria que fosse atualmente a adolescência em Cabo Verde? Por quê?
12. Como você acha que as pessoas atualmente agem com os adolescentes em Cabo Verde?
13. Você acha que ser adolescentes entre os rapazes é mesma coisa que entre as meninas? Tem algo comum e diferente? O quê e por quê? No seu tempo era assim também?
14. Você acha que existem alguns desafios, hoje, no que se refere ao tratamento das questões ligadas aos adolescentes cabo-verdianos?

2ª Parte – vamos agora conversar um pouco sobre sexo e sexualidade. Vamos falar aqui bem a vontade, entendendo que sexo e sexualidade são coisas normais da vida.

15. Com quem você conversa sobre sexo e sexualidade?
16. Você se sente à vontade para falar desses assuntos? Por quê? E com os seus alunos se sente à-vontade para falar desses assuntos?
17. Como se dá a descoberta do sexo e da sexualidade entre os adolescentes? Esta descoberta se dá de forma equânime entre os rapazes e as meninas? Por quê? Atualmente essa descoberta acontece da mesma forma da do seu tempo? Por quê?
18. Mais ou menos com que idade você acredita que as pessoas descubrem o sexo e a sexualidade? Por quê? Assim era também no seu tempo?
19. Você acredita que normalmente as pessoas têm relações sexuais a partir de que idade? Por quê?
20. O que pode acontecer quando se têm relações sexuais? Por quê?
21. O que se pode fazer para evitar doenças sexualmente transmissíveis? Como os adolescentes de Cabo Verde fazem hoje em dia? E no seu tempo?
22. O que se pode fazer para evitar a gravidez indesejável? Como os adolescentes de Cabo Verde fazem para evitar a gravidez indesejável? Era assim que os adolescentes do seu tempo faziam também?
23. Como se evite a gravidez indesejável e as IST/HIV/SIDA na escola onde você leciona? Como era no seu tempo?

3ª Parte – vamos falar um pouquinho sobre o programa de educação sexual para adolescentes em Cabo Verde.

24. Os seus alunos já participaram de alguma atividade de educação sexual para a prevenção das IST/HIV/SIDA? Qual e onde?
25. O que você acredita dessa atividade?
26. Você acha que eles aprenderam alguma coisa? O quê?
27. O que você sabe sobre HIV e sexualidade? O que você acha que seus alunos sabem sobre HIV e sexualidade? Você acredita que têm alguma relação?
28. Depois que eles participaram dessas atividades, você notou alguma mudança na vida deles?
29. Essas atividades desenvolveram alguma coisa sobre o gênero? O quê? O que você acha disso? Para você como se dá a relação de gênero em Cabo Verde?
30. O que você acha sobre o uso dos preservativos? Você acredita que os adolescentes usam? Por quê?
31. Você acredita que é possível evitar as IST/HIV/SIDA, revertendo esse quadro das infecções no mundo e em particular em Cabo Verde? Como?
32. O que você acha que os adolescentes fazem para se prevenirem das IST/HIV/SIDA?
33. O que você acha sobre o programa de educação sexual implantado nas escolas em Cabo Verde, nomeadamente quando se fala da sexualidade, educação sexual, prevenção das IST/HIV/SIDA, DST, relação de gênero, orientação sexual?

4ª Parte – vamos falar agora sobre a exposição a riscos às IST/HIV/SIDA dos adolescentes em Cabo Verde.

34. Você já teve alguma conversa com alguém sobre a exposição ao risco das IST/HIV/SIDA? No caso afirmativo, o que falaram?
35. O que você sabe sobre a exposição ao risco às IST/HIV/SIDA? O que faria para se livrar da exposição ao risco das IST/HIV/SIDA? O que você acha que os adolescentes sabem sobre a exposição ao risco das IST/HIV/SIDA e como eles se livram de tal exposição?
36. Você acredita que existem algumas condições facilitadoras ao risco às IST/HIV/SIDA para os adolescentes em Cabo Verde? Quais e por quê?
37. Estas condições são equânimes para os rapazes e para as meninas? Por quê?
38. De tudo o que já falamos o que você diria num vídeo para alertar os jovens/adolescentes de Cabo Verde sobre o perigo das IST/HIV/SIDA?

ANEXO IV

ASPECTOS ÉTICOS

O presente trabalho de dissertação desenvolveu-se na República de Cabo Verde, em uma Escola do Ensino Secundário da capital do país. Para tal, serão utilizadas as seguintes técnicas durante a produção de dados – observações informais de atividades nas salas de aula para a identificação dos potenciais informantes e entrevistas semi-estruturadas em profundidade – com alunos/adolescentes e professores.

O pesquisador se compromete a cumprir cabalmente as normas da resolução nº. 196 de 10 de Outubro de 1996 que incorpora sob a ótica do indivíduo e das coletividades os referenciais básicos da bioética que são: autonomia, não maleficência, beneficência, justiça, equidade, entre outros, visando assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao próprio Estado. Para isso, serão seguidos todos os procedimentos a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade, a integridade, a proteção da imagem, a não estigmatização e o bem-estar dos sujeitos da pesquisa, levando em conta as seguintes dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, ético ou espiritual do ser humano, em qualquer fase da pesquisa e dela decorrente. Assim, será garantida a não utilização das informações decorrentes da pesquisa em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico – financeiro. Além disso, garante-se o cumprimento das exigências setoriais e regulamentações específicas das instituições onde será realizada a referida pesquisa.

Nesta ótica, todos os sujeitos participantes ou pesquisados no referido projeto, tanto individual como coletivamente, parte de um princípio de caráter voluntário, vedado de qualquer forma de remuneração. Com isso, o pesquisador conscientizou os informantes-chave sobre o benefício que a pesquisa em causa pode trazer ao país após a sua conclusão.

Para a realização das entrevistas semi-estruturadas, foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a partir da anuência dos sujeitos da

pesquisa e/ou dos seus representantes legais, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após a leitura e explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, formulada em um termo de consentimento, autorizando sua participação voluntária na pesquisa. Para quem é menor de idade, o termo de consentimento será garantido pelos pais/EE e pela própria escola.

ANEXO V

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PARA ALUNOS

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Assim sendo, seguem:

O/a seu/sua filho/a está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa cujo título é “Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA com Adolescentes de uma Escola Secundária de Cabo Verde: Percepção dos Atores Envolvidos no Programa”, com o objetivo de compreender a percepção de alunos, professores, pais ou encarregados de educação de adolescentes acerca do Programa de Educação Sexual implantado no Ensino Básico e Secundário em Cabo Verde; onde espero contar veemente com a sua colaboração de forma que esta pesquisa venha a ser contributivo ao país sobre o programa de saúde sexual e reprodutiva, particularmente, nos programas de educação sexual desenvolvidos nas escolas cabo-verdianas. A participação do/a seu/sua filho/a acontecerá por via de uma conversa informal, que pode demorar entre uma a duas horas.

Por isso, quero ouvir o/a seu/sua filho/a de forma que solicito a sinceridade dele/a durante as falas sobre a experiência e opiniões em relação à sexualidade, adolescência, prevenção das IST/HIV/SIDA e Programas de Educação Sexual Desenvolvidos nas Escolas de Cabo Verde. Portanto, não há respostas certas ou erradas na medida em que quero valorizar todas as opiniões e as diferenças de opiniões. Assim sendo, manter um clima de respeito mútuo com base na harmonia é indispensável para o sucesso do encontro entre ele/a e eu.

Desta forma, antecipadamente, garanto a você que o/a seu/sua filho/a não tem obrigação de participar do estudo e pode se sentir à vontade para desistir a qualquer momento, mesmo que a entrevista/conversa já tenha sido iniciada. Isso não trará nenhum problema com o pesquisador. Assim, a contribuição de cada um em termos da participação no estudo será voluntária, ou seja, não receberá nenhum tipo de pagamento ou gratificação

para tal, nem terá qualquer tipo de danos físico ou psicológico. Contudo, se ao participar, alguém tiver gastos com transportes, a pesquisa fará o ressarcimento.

Caso concorde com os termos desta pesquisa gostaria de obter consentimentos de participação do/a seu/sua filho/a neste estudo. Essa reunião será gravada para posterior análise, já que é uma pesquisa, mas será garantido o sigilo das informações e não haverá as identificações das pessoas e nem das instituições. O resultado das entrevistas será utilizado única e exclusivamente para fins desta pesquisa.

Você pode optar por declarar a aceitação do/a seu/sua filho/a na pesquisa, através de três formas possíveis de identificação: sua própria assinatura, sua rubrica ou a digital do seu polegar direito. Você é livre para escolher qualquer uma delas.

Marque aqui se você aceita que o/a seu/sua filho/a participa desta pesquisa.

SIM NÃO

Polegar direito

Estou ciente das informações acima, aceito que o/a meu/minha filho/a participa desta pesquisa:

Assinatura do/a pai/mãe

Assinatura do entrevistador: Domingos Alberto de Sousa Varela

Pesquisadores Responsáveis:

Domingos Alberto de Sousa Varela – sousavar@ufba.br

Profa. Dra. Maria Ligia Rangel Santos – lirangel@ufba.br

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva/UFBA

Rua Basílio da Gama, s/n, Campus Universitário do Canela – Salvador – Tel: 3263 7422

Contacto em Cabo Verde:

Domingos Alberto de Sousa Varela – 00238- 9946933

Escola Secundária Cônego Jacinto – 00238- 2614682/2611949

ANEXO VI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PARA PROFESSORES

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Assim sendo, seguem:

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa cujo título é “Programa de Educação Sexual em IST/HIV/SIDA com Adolescentes de uma Escola Secundária de Cabo Verde: Percepção dos Atores Envolvidos no Programa”, com o objetivo de compreender a percepção de alunos, professores, pais ou encarregados de educação de adolescentes acerca do Programa de Educação Sexual implantado no Ensino Básico e Secundário em Cabo Verde; onde espero contar veemente com a sua colaboração de forma que esta pesquisa venha a ser contributivo ao país sobre o programa de saúde sexual e reprodutiva, particularmente, nos programas de educação sexual desenvolvidos nas escolas cabo-verdianas. A sua participação acontecerá por via de uma conversa informal, que pode demorar entre uma a duas horas.

Por isso, quero ouvir você, de forma que solicito a sinceridade durante as falas sobre a sua experiência e opiniões em relação à sexualidade, adolescência, prevenção das IST/HIV/SIDA e Programas de Educação Sexual Desenvolvidos nas Escolas de Cabo Verde. Portanto, não há respostas certas ou erradas na medida em que, quero valorizar todas as opiniões e as diferenças de opiniões. Assim sendo, manter um clima de respeito mútuo com base na harmonia é indispensável para o sucesso dos nossos encontros.

Desta forma, antecipadamente, garanto a você que não tem obrigação de participar do estudo e pode se sentir à vontade para desistir a qualquer momento, mesmo que a entrevista/conversa já tenha sido iniciada. Isso não trará nenhum problema com o pesquisador. Assim, a contribuição de cada um em termos da sua participação no estudo será voluntária, ou seja, não receberá nenhum tipo de pagamento ou gratificação para tal, nem terá qualquer tipo de danos físico ou psicológico. Contudo, se ao participar, alguém tiver gastos com transportes, a pesquisa fará o ressarcimento.

Caso concorde com os termos desta pesquisa gostaria de obter consentimentos de participação neste estudo. Essa reunião será gravada para posterior análise, já que é uma pesquisa, mas será garantido o sigilo das informações e não haverá as identificações das pessoas e nem das instituições. O resultado das entrevistas será utilizado única e exclusivamente para fins desta pesquisa.

Você pode optar por declarar sua aceitação na pesquisa, através de três formas possíveis de identificação: sua própria assinatura, sua rubrica ou a digital do seu polegar direito. Você é livre para escolher qualquer uma delas.

Marque aqui se você aceita participar desta pesquisa.

SIM

NÃO

Polegar direito

Estou ciente das informações acima, aceito participar desta pesquisa:

Assinatura de/a entrevistado/a

Assinatura do entrevistador: Domingos Alberto de Sousa Varela

Pesquisadores Responsáveis:

Domingos Alberto de Sousa Varela – sousavar@ufba.br

Profa. Dra. Maria Ligia Rangel Santos – lirangel@ufba.br

Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva/UFBA
Rua Basílio da Gama, s/n, Campus Universitário do Canela – Salvador – Tel: 3263 7422

Contacto em Cabo Verde:

Domingos Alberto de Sousa Varela – 00238- 9946933

Escola Secundária Cônego Jacinto – 00238- 2614682/2611949